

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 457 ANO 51.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo
em

MESA
REDONDA

suplemento das sextas-feiras

A APOLLO-15 ENTRA HOJE EM ÓRBITA LUNAR

TRABALHO DE CANALIZADOR PARA OS ASTRONAUTAS DEVIDO A UMA INUNDAÇÃO

HOUSTON, 29 — (R.) — Uma fuga de água em pleno espaço e a rápida acção de uma chave de boca resolveram mais uma pequena crise na cápsula lunar Apollo-15 que continua plácida e a caminho do seu objectivo. Os astronautas David Scott, James Irwin e Alfred Worden recorreram imediatamente à sua habilidade de canalizadores, apertando uma união que estava frouxa

FORAM ENCERRADOS OS SINDICATOS DOS BANCÁRIOS DE LISBOA E PORTO

Do gabinete do ministro do Interior, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos o seguinte comunicado:

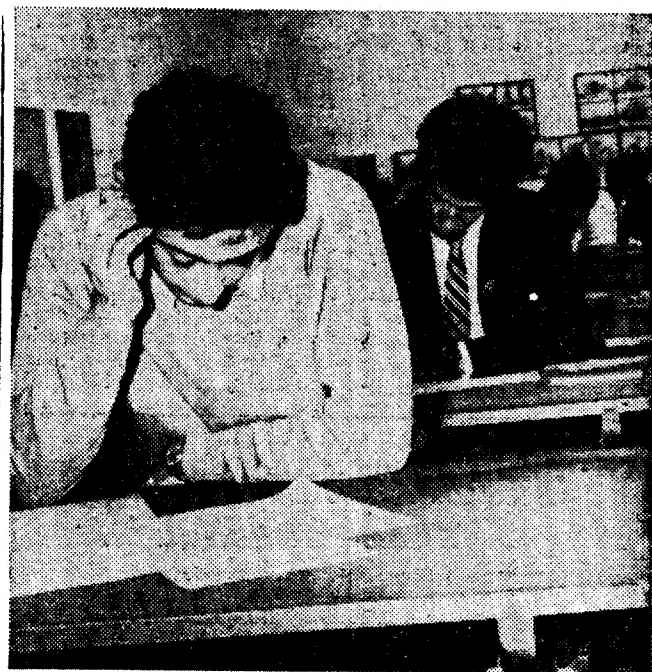
«O Conselho de Segurança Pública tendo verificado que os Sindicatos Nacionais dos Empregados Bancários dos Distritos de Lisboa e Porto se desviaram dos fins para que foram instituídos pois vêm promovendo a agitação social contra actos legítimos da autoridade pública e tendo considerado que os processos usados comprovam o carácter sedicioso das suas actividades, resolveu considerar essas mesmas actividades abrangidas pela disposição do art.º 23.º do Decreto-Lei n.º 37 447, de 13 de Junho de 1949, e, consequentemente, ordenar o encerramento das respectivas sedes por tempo interminado».

Os astronautas que têm tido alguns problemas, tais como uma provável avaria no reator, um curto-circuito nas luzes dos painéis de instrumentos e um vidro partido num altímetro desde a partida, deram pela ruptura na canalização no momento em que se iam deltar. Parece que a fuga foi num tubo flexível do tratamento da água potável. A quantidade de água que se escapava era considerável.

O incidente, que começou com uma preocupada troca de instruções com a missão de controle, acabou em brincadeira com Scott, um pouco molhado, comunicando para Terra: «Temos aqui uma série de toalhas a secar. Até parece roupa interior».

Os astronautas que têm tido alguns problemas, tais como uma provável avaria no reator, um curto-circuito nas luzes dos painéis de instrumentos e um vidro partido num altímetro desde a partida, deram pela ruptura na canalização no momento em que se iam deltar. Parece que a fuga foi num tubo flexível do tratamento da água potável. A quantidade de água que se escapava era considerável.

(Continua na 14.ª página)



Os exames de aptidão começaram hoje nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto. Segundo estimativas, cerca de 3300 candidatos a «galeiros» sentaram-se, pela primeira vez, nos bancos da Universidade. (Ler na última página)

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

DUAS VIAGENS AO BRASIL PARA UMA LEITORA DE ODIVELAS



COMEÇOU A CONSTRUÇÃO DO VIADUTO SOBRE A AVENIDA GULBENKIAN

Começaram hoje e prevê-se que durem 350 dias as obras do viaduto sobre a Avenida Gulbenkian. (LER NA PAG. 8)

Bem surpreendida ficou a sr.ª dr.ª D. Cecília do Carmo Nunes, licenciada em Farmácia e analista no Sanatório do Lumiar, quando foi visitada na sua residência, Rua dos Combatentes de 9 de Abril, lote G 2.º, dt.º, em Odivelas, pelo nosso correspondente naquela localidade.

Na presença de um representante da autoridade, foi conferida a colecção de «cabeçalhos» que se encontrava completa). Depois, a notícia que a deixou radiante: tinha sido contemplada com o 4.º prémio da nossa iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» — nem mais nem menos que duas viagens de avião de ida e volta ao Rio de Janeiro.

Como aconteceu, aliás, a

(Continua na página seguinte)



Dr.ª Cecília do Carmo Nunes: «Sempre desejei visitar o Brasil»

34.ª VOLTA
A PORTUGAL EM BICICLETA

**CATIEUX (DA «FAGOR»)
CANHOU EM ABRANTES**

O francês Catieux, da «Fagor», venceu a primeira etapa de hoje, entre Montemor-o-Novo e Abrantes.

A partida dos ciclistas para a etapa número oito da «Volta».

(Continua na 16.ª página)

HOJE 28 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA" A viagem a Roma (14.º prémio) talvez apresse um casamento

(Cont.º da pág. anterior)

outros contemplados, foi esta a primeira vez que a sr.ª dr.ª D. Cecília do Carmo Nunes viu bafejada pela sorte.

— Sempre desejei visitar o Brasil e tenho agora oportunidade de o fazer duma maneira bastante agradável... e econômica.

De facto, o prémio envolve uma estadia de oito dias para duas pessoas na antiga capital do Brasil — uma das mais encantadoras cidades do mundo.

A viagem a Paris para um estudante de engenharia

A aliciante viagem a Paris (dois bilhetes de ida e volta, com estadia de oito dias e ainda um relógio de pulso «Vulcan») que constituía o 14.º prémio da nossa iniciativa

va, foi atribuído ao sr. Lourenço Manuel da Costa Pinho, estudante de engenharia mecânica na Universidade do Porto, presentemente em exames (que, aliás, têm corrido bastante bem, como assegura).

Localizado num café do Porto pelo correspondente do «Diário de Lisboa» em Aveiro, sr. José Francisco de Oliveira Nais, que ali se deslocou propositadamente, o jovem premiado (conta apenas 22

anos) ficou excitadíssimo com a surpresa que a sorte lhe tinha reservado. É a primeira vez que lhe acontece ser premiado em qualquer sorteio, embora seja leitor do «Diário de Lisboa» desde 1968.

«Então era «caloiros» em Coimbra» — como revelou. Natural de S. Bernardo (Aveiro) nem a conferência dos «cabeçalhos» o fazia acreditar. A sua excitação levou-o a telefonar de madrugada para a residência do nosso correspon-

dente. — Queria confirmar que não fora um sonho — como confessou.

A viagem a Paris é a realização de um velho e grato desejo. Com uma «cadeira» a fazer em Outubro, o prémio deu-lhe estímulo para o último exame deste ano. O sr. Lourenço Costa Pinho (ainda hoje muito nervoso embora não caiba em si de contente) projecta conhecer Paris com a noiva, sr.ª D. Maria Gabriela Pires de Matos.

Duas viagens à Escandinávia — Prémio para um leitor do Porto

Leitor do «Diário de Lisboa» há longo tempo, o sr. António Alencar Lopes Brígido, de 28 anos, solteiro, funcionário da UTIC, no Porto e residente na capital do Norte, na Rua Pedro Hispano, 1025, foi

o contemplado com duas viagens de avião à Escandinávia, com escola em Copenhaga, Estocolmo e Oslo, o 12.º prémio da nossa iniciativa.

— Foi a primeira vez que me saiu um prémio e agradeço-me imenso ter sido através do «Diário de Lisboa».

Saiantou, aliás, que já tinha participado na primeira fase da iniciativa do nosso jornal, embora não figurasse no número dos afortunados.

Depois, sublinhou que considerara a iniciativa com muito interesse e, principalmente, o que o seduzira, acima de tudo, fora a felicidade de poder vir a ganhar um prémio. De facto, bastava ser leitor e co-

leccionar os «cabeçalhos» do nosso jornal (cuja verificação foi feita por elementos da delegação do nosso jornal no Porto).

O sr. António Lopes Brígido assegurou ainda que continuará a participar em todas as iniciativas que o «Diário de Lisboa» promover. — Agora ainda com maior entusiasmo — como disse á despedida.

O ÚLTIMO PRÉMIO FOI PARA UM TÉCNICO

O último prémio, exactamente o 20.º da lista instituída (vestuário para homem confeccionado na secção de pronto a vestir da Casa Africana e um relógio de pulso «Vulcan») contemplou o sr. Carlos José Cabral Moura, residente na Avenida do Uruguai, lote 1365, 7.º-B, em Lisboa, técnico do Gabinete de Estudos do Sindicato dos Empregados de Escritório.

— Não foi a iniciativa que me levou a ser leitor do «Diário de Lisboa». Já o era há largos anos mas não confiava na sorte — começou por nos dizer. E prosseguiu:

— Foi minha mulher a preencher o cupão (embora com o meu nome) porque me considero um asarento em matéria de concursos.

— Aliás, era, também, minha mulher quem se encar-

regava de coleccionar os «cabeçalhos». Eu apenas não me esquecia de comprar o jornal todos os dias.

O facto de ter sido contem-

plado com o último prémio dos prémios instituídos não o desiluiu. — Pelo contrário — afirmou — foi uma agradável surpresa.

UM TELEVISOR E VESTUÁRIO PARA HOMEM — 16.º PRÉMIO PARA UM SUPLENTE

Tal como ontem afirmámos, os descuidos de uns são a sorte de outros. Exactamente porque o contemplado com o 16.º prémio não possuía a colecção de «cabeçalhos» completa, como exigia o regulamento, o primeiro suplente a esse prémio, sr. João Antão da Silva, residente na Rua do Duque, 27, 1.º, dt.º, em Lisboa, ficou radiante com o que vai receber: um televisor «Philips» e um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela secção de pronto a vestir da Casa Africana.

Revelou contentíssimo: — «Este prémio veio mesmo a propósito. O meu filho vai casar em breve e já tenho a prenda: vou dar-lhe o televisor». Depois sorriu e comentou: — «E também já não me preocupo com a «stollette» para a cerimónia»...

O sr. João Antão da Silva é antigo leitor do nosso jornal, embora tenha sido esta a primeira vez que foi contemplado em iniciativas do «Diário de Lisboa».

UM ARQUITECTO DE ALJUSTREL CONTEMPLADO COM O 13.º PRÉMIO

Foi também a primeira vez que o sr. arq.º Henrique Branco Albino, residente em Aljustrel, se viu contemplado num sorteio.

— E da melhor forma — segundo comentou pois tem agora oportunidade de realizar uma viagem aliciante. Nem mais nem menos que visitar a Escandinávia, com escola em Copenhaga, Estocolmo e Oslo.

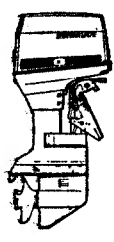
— A facilidade de participar foi um dos pormenores que mais me seduziram. E, afinal, vi premiada a minha assiduidade de leitor do «Diário de Lisboa».

Ao nosso correspondente em Aljustrel, o sr. arq.º Henrique Branco Albino afirmou o propósito de continuar a participar nas iniciativas que o nosso jornal venha a promover.

— Pode ser que a sorte me bata de novo á porta — disse o premiado.

Dezta vez, e através de uma realização do «Diário de Lisboa» teve uma agradável surpresa: duas viagens de avião que lhe vão permitir visitar a Escandinávia.

4 SEQUIADORES SIMULTANEAMENTE !...



Só um motor potente o pode fazer. Mas, além de potente o EVINRUDE TRIUMPH 60 HP tem 3 cilindros com alimentação em arco, cada um com o seu carburador, e uma ignição por descarga do condensador, 20 vezes mais rápida do que o normal. Mais ainda... A alimentação em arco faz com que a compressão e a potência aumentem e o consumo de gasolina diminua.

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE

O PODER DA EXPERIÊNCIA



REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
AV. 24 DE JULHO, 52 A/G - LISBOA - TELEF. 66 77 94

STP-EV-13 A

SECRETÁRIA

Precisa grande empresa para direcção e conselho de administração. Curriculum Vitae, estado civil e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 869.

RECEPCIONISTA

Precisa grande empresa, para serviços da direcção e conselho de administração. Curriculum Vitae, estado civil e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 870.

FALTA APENAS CONTACTAR UM PREMIADO

Como pode verificar-se através das notícias que publicamos, falta apenas contactar um unico contemplado na segunda fase da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa».

Trata-se, exactamente, do participante a quem foi atribuído o 7.º prémio: duas viagens de ida e volta ao Canadá, com estadia de oito dias em Toronto e Montreal, com visita às famosas Cataratas do Niagara.

UMA LEITORA DE AVIZ TEVE O 9.º PRÉMIO (VIAGEM AO CANADÁ)

O 9.º prémio da nossa iniciativa foi parar a Aviz, mais exactamente á sr.ª D. Paula Alexandra Matos, que ali reside na Rua Machado Santos, 118. Contactada pelo nosso correspondente não escondeu a sua alegria por ter oportunidade de visitar o Canadá. Com efeito, o prémio é constituído por duas viagens de ida e volta, com estadia em Toronto e Montreal e visita às famosas Cataratas do Niagara.

Verificou-se também o mesmo que com outros leitores: pela primeira vez premiada em iniciativas do nosso jornal tem agora uma agradável viagem a realizar.

— Fico muito contente — disse. — E, de facto, uma oportunidade magnífica. Vão ser umas óptimas férias.

Acrescente-se que os premiados com viagens ao Canadá (instituídos com a colaboração da Canadian Pacific) beneficiarão de um programa que inclui visitas aos pontos turísticos de maior interesse de Toronto e Montreal, além do que terão ainda possibili-

dade de observar as famosas Cataratas do Niagara.

Também a SAS (que instituiu os prémios constituídos por viagens à Escandinávia) tem já determinado o plano de visitas a Copenhaga, Estocolmo e Oslo.

150 EXPOSITORES NA EXPOMAFER-72 NO PORTO

PORTO, 29 — No decorrer de um almoço num restaurante citadino, presidido pelo sr. Joaquim Ramos, presidente do conselho de administração do Cimaf e no qual também foi conviva o director-geral delegado, sr. prof. eng.º Luciano Faria, além de outros dirigentes do organismo, foi anunciado publicamente o programa comemorativo do 10.º aniversário do Cimaf.

Muito especialmente se referiram á realização no Porto de uma importante feira in-

ternacional, na qual estarão presentes cerca de 150 expositores nacionais e estrangeiros, industriais de máquinas-ferramentas, em representação de quinze países europeus, da América e da Ásia.

A feira terá a designação de Expomaf-72 e será montada no Palácio de Cristal, onde estará aberta ao público de 6 a 14 de Maio de 1972.

Aos brindes, falaram os srs. Joaquim Ramos e o prof. eng.º Luciano Faria.

FESTIVAL INDIANO DE ESTERILIZAÇÃO

ERNAKULAM, UNIÃO INDIANA — A partir de 1 de Julho, já foram esterilizados, em Ernakulam, para cima de 26 000 homens no quadro de um festival de «Family Planning» que deve durar um mês, tornando-se, assim, o mais importante até agora organizado neste país.

«Esperamos esterilizar uns 50 000 homens até ao fim do mês» — informou-nos um dos responsáveis por aquele programa.

Noventa médicos, trabalhando em duas equipas, procedem às vasectomias, em 50 cubículos instalados num logradouro municipal de Ernakulam. Começando às 9 da manhã, trabalham por vezes até às duas da noite.

Centenas de homens, que chegam a vir de localidades a mais de 200 km de distância fazem bicha para se submeterem a uma pequena intervenção cirúrgica, que dura uns dez minutos. Reina aqui uma verdadeira atmosfera de quermesse, com cantores e músicos a distraírem as pessoas durante as horas de espera.

Cada paciente recebe, depois da operação, prendas no valor de uns 450\$, dos quais cem em dinheiro. As ofertas incluem um bilhete de lotaria, um «sari» para a mulher do operado, três quilos de arroz, um guarda-chuva e um saco de plástico para guardar tudo isto.

Cerca de 40% dos indivíduos até agora esterilizados são católicos, e o programa provocou protestos da diocese do Estado de Kerala, onde vive a mais importante população católica da Índia. Mas não houve manifestações.

«Mantemos tão cordiais relações com a Igreja Católica, que eles não se querem bater connosco. Além disso, o cardeal vive em Ernakulam, e sabe que perderia» — afirma o chefe do distrito, Krishnakumar.

Krishnakumar é em grande parte o autor do êxito da operação. É casado, mas sem filhos: «Nós também

Por WILLIAM COUGHLIN

aplicamos o planeamento familiar» — declara sorrindo.

Os voluntários têm de provar que têm mais de um filho. Se só tiverem um, não são operados, sendo aconselhados a recorrer a outros métodos de «birth control». As prendas oferecidas pelos organizadores do festival obtiveram tanto êxito que os médicos se viram forçados a recusar centenas de candidatos.

A maior parte dos operados entra na categoria dos 25 a 35 anos, a idade visada pelos responsáveis pelo planeamento familiar, na União Indiana.

Entre os 1400 homens esterilizados no dia 17, figurava Abraham Kunjumon, de 28 anos. Ganha 800\$ por mês, como trabalhador braçal, tem já três filhos e a mulher à espera de outro.

«Não consigo sustentar a família com o que ganho» — afirmou na mesa de operação. Meia hora mais tarde, depois de ter metido ao bolso os 100\$ e pegado no saco com as ofertas, dirigiu-se para a estação das camionetas, ala para a sua aldeia. Tal como aos outros pacientes, também lhe pagaram as passagens. Além disso levava consigo uma carta certificando que o Estado lhe daria um prémio de 40\$ por cada amigo que conseguisse convencer a deixar-se esterilizar em Ernakulam.

O êxito do festival deve-se, em parte, ao facto de ter sido organizado na época das monções, altura em que os chefes de família se vêem sem dinheiro, os camponeses não podendo trabalhar nas suas terras, nem os pescadores partir para o mar.

(Exclusivo «The Los Angeles Times» — «D. L.»)

tripla vitória Renault no rallye de monte-carlo 1971



Nunca tal facto sucedeu em toda a história desta primeira prova mundial de estrada.

3 automóveis da mesma marca nos 3 primeiros lugares da classificação geral, absoluta, e foi uma sensacional performance que colocou em primeiro plano a RENAULT na 40.ª Edição do Rallye de Monte-Carlo.

3 Renault Alpine 1600s, bateram de facto e sem discussão todos os seus adversários, obtendo, para além da classificação geral, 18 vitórias entre as 22 provas de classificação.

O que é um Renault Alpine 1600s? É um carro de sport construído pela Sociedade Renault Alpine,

a partir dos elementos mecânicos — 100% Renault: motor do Renault 16 TS elevado a 160 cavalos SAE; direcção, suspensão, travões de disco e caixa de 5 velocidades Renault.

Esta mecânica provou bem a sua robustez e brio, numa prova em que só 30 concorrentes terminaram, entre os 257 inscritos.

Se ainda faltava uma prova da qualidade Renault, este 40.º Rallye de Monte-Carlo confirma-a de forma a não deixar dúvidas.

V. também pode ter confiança na qualidade Renault, sem restrições, para o seu automóvel de todos os dias.

mais uma vez

RENAULT

chegou e ultrapassou

importadores exclusivos: • UTIC — Av. da Liberdade, 136 — Lisboa • Av. dos Aliados, 195 — Porto

e rede de agentes em todo o país

EM EXPOSIÇÃO NO STAND DA UTIC — AV. DA LIBERDADE, 116 — LISBOA

NOTA Índia

RETOMANDO O FIO

PARECE APROPRIADO chamar a atenção para a informação, constante do comunicado do conselho de ministros desta semana, de ter sido discutido e aprovado um decreto que estabelece a faculdade de ser requerida a revisão dos processos relativos a militares a quem foram aplicadas sanções pela acusação de intracções cometidas durante a invasão do Estado da Índia. Segundo a informação contida no referido comunicado, para a disposição agora adoptada teve-se «em atenção o facto de não haver sido encontrada na altura própria solução para o conflito negativo de competência que impediu a apreciação dos recursos contenciosos interpostos» pelos interessados. A revisão, só agora tornada possível, será requerida com base na alegação de «ilegalidade de forma ou de fundo da decisão punitiva».

Como se tem presente, após a ocupação da Índia Portuguesa, foram aplicadas por decisão tomada em conselho de ministros numerosas sanções abrangendo desde o general que exercia o governo-geral até aos oficiais que exerciam diversos escalões de comando, sobre os quais recaiu a acusação de não terem tomado iniciativas bastantes no sentido de tentar a resistência aos invasores. Na maior parte dos casos a sanção aplicada por via administrativa foi a da demissão com perda de direitos. Nas várias formas de recurso que foram tentadas não se obteve qualquer resultado porque todas as instâncias para que se tentou recorrer se declararam incompetentes para dele conhecer. O assunto pareceu morrer ali. Não havia processo legal de pegar nele. É a isto que se chama o conflito negativo de competência.

O episódio da Índia foi evidentemente doloroso. Esse ambiente emocional ditou as penalidades aplicadas e de certo modo impediu que a situação fosse reconsiderada. Os que foram atingidos, porém, não apenas nos seus interesses mas também no seu brio militar, nunca se conformaram e pretenderam recorrer e fazer ouvir as suas razões, mas, como se diz na nota do conselho de ministros, na altura própria não foi possível encontrar forma para que o pudessem fazer. Não havia onde. Não havia a quem. Quantos anos se passaram sem que ao menos fosse possível esbracejar contra tal muro de impossibilidades? É essa situação que o Governo agora reconhece, estabelecendo condições não para recurso, já passou, mas para se requerer a revisão.

Não se trata agora, pelo menos aqui, de saber como foi nem quem teve a culpa. Não se trata de absolver, nem de inocentar, nem de passar a esponja, nem de amnistiar. Trata-se, pelo contrário, de fazer justiça. É disso que se trata. Mas como, se os acusados não encontraram meio de expressão para as suas razões, atingidos que foram sucessivamente pelo destino que os escolheu para a ingrata missão, atingidos pela desproporcionada dimensão do instrumento com que foi lançado o golpe sobre a Índia, atingidos por fim na sua dignidade, na sua condição de homens e de militares? No purgatório onde foram lançados, nunca os atingidos se conformaram. Retomando agora em mãos o assunto, ao cabo de tantos anos, o Governo vem mostrar que não lhe é indiferente o conceito público que se faça do próprio conceito de Justiça. Daqui julgamos não ser possível omitir um sinal de aplauso. É o que fazemos.

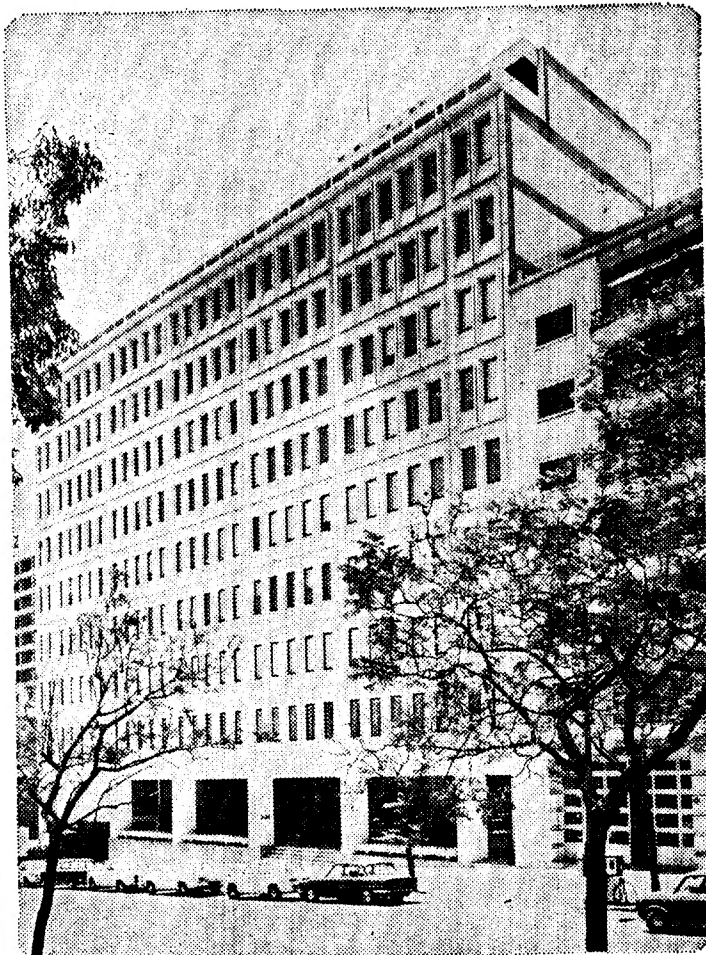
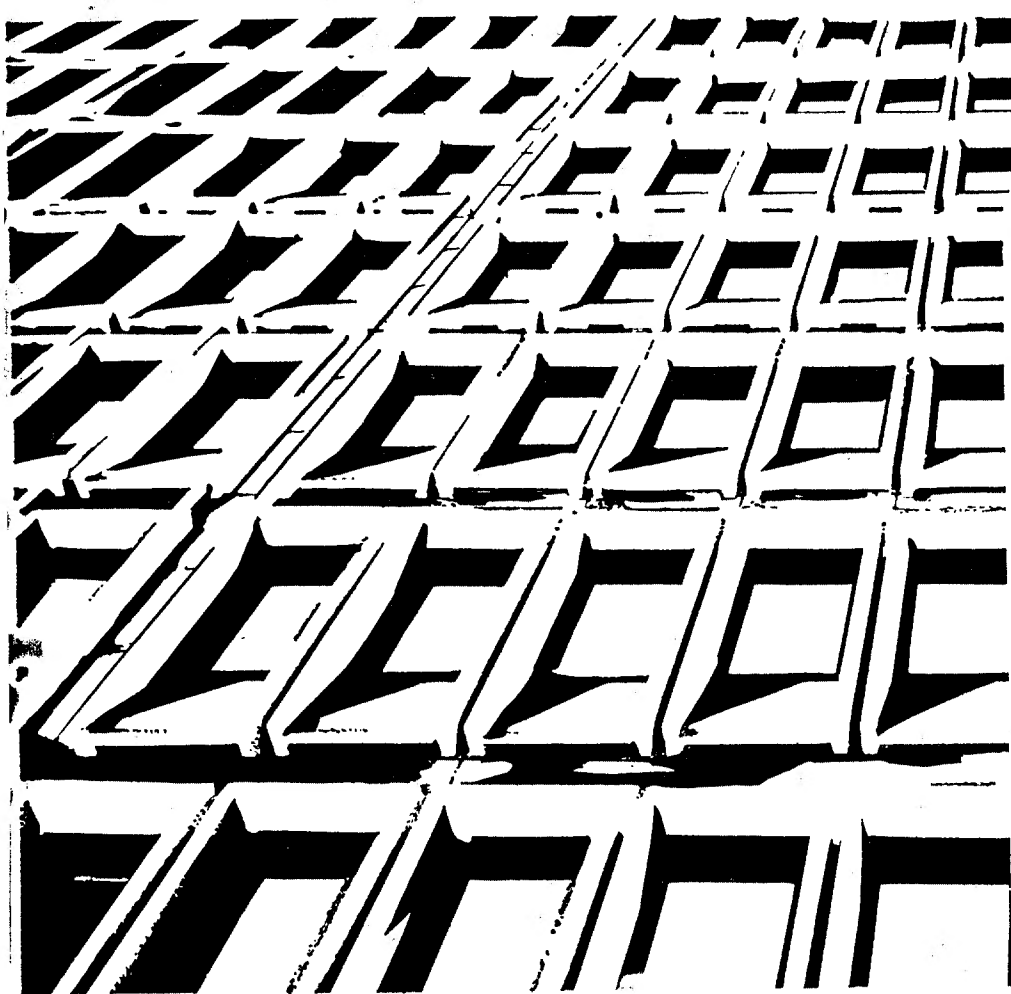


RESTURANTE E SNACK-BAR — Telefone 4 44 44
Av. da República, 14-A — LISBOA — PORTUGAL

5.º ANIVERSÁRIO

Com mais um Ano de existência, agradece, a todos os seus estimados Clientes e Amigos a preferência que lhe têm dispensado, assim como a todos os que, directa ou indirectamente, têm contribuído para o seu progresso.

A Administração



Mobil Portuguesa

Anuncia a inauguração da sua nova sede e agradece a colaboração prestada por todos os empreiteiros e fornecedores.

Edifício Mobil
Nova sede da Mobil Oil Portuguesa
Rua Castilho, 165 - Lisboa 1

Virginia McKenna Bill Travers

depois de

«UMA LEOA CHAMADA ELSA»

em

**UM ELEFANTE
CHAMADO
POLE-POLE**

com
GEORGE ADAMSON



EASTMAN COLOUR

RIVUS (Grupo A-6 anos)

EM EXIBIÇÃO TODOS OS
DIAS NO **MONUMENTAL**

POR MAIS EXIGENTE QUE SEJA

**FEIRA POPULAR
DE LISBOA**

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

A TODOS AMPLAMENTE SATISFAZ

BOA COZINHA E PETISCOS VARIADOS
CERVEJARIAS — MARISCOS E GULO-
SEIMAS — FARTURAS E SONHOS — VI-
NHOS DE TODAS AS REGIÕES — SOR-
TEIOS, ETC.

TODAS AS ATRAÇÕES
EM MOVIMENTO CONSTANTE

UM MUNDO DE COISAS LINDAS
— UMA FEIRA PARA TODOS —
ABERTURA ÀS 19 HORAS

VIDA MUSICAL

**III Concurso Nacional
«Calouste Gulbenkian»
de Composição**

Continua aberto até depois de amanhã o prazo para entrega das partituras destinadas ao III Concurso Nacional «Calouste Gulbenkian» de Composição.

Conforme foi oportunamente tornado público o concurso abrange duas modalidades: obra para coro «a capella», com ou sem solistas de Canto de duração compreendida entre 15 e 30 minutos, admitindo-se acompanhamento por órgão, cravo, violoncelo ou viola da gamba, percussão, ou por um pequeno conjunto destes ou de outros instrumentos, sem alterar o carácter predominantemente «a capella» da obra; e obra de música de câmara, com ou sem solistas instrumentais, podendo ser executada por uma orquestra constituída por cordas, 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes,

2 fagotes, 2 trompetes, 2 trompas e tímpanos, e de duração compreendida entre 15 e 25 minutos. As obras concorrentes devem ser, obrigatoriamente, originais e inéditas.

São admitidos ao concurso todos os compositores de nacionalidade portuguesa. Os prémios serão de 50 000\$00 para cada uma daquelas modalidades. As obras premiadas serão apresentadas, em primeira audição absoluta, durante o ano de 1972.

O júri será constituído por personalidades portuguesas e estrangeiras de reconhecida competência e autoridade, e reunirá em Lisboa, em data a anunciar oportunamente.

JERRY LEWIS

FILMA

NA JUGOSLÁVIA

NOVA YORK, 29 — (A. N. I.) — O actor cómico Jerry Lewis vai fazer um filme na Jugoslávia. A película intitula-se «O dia em que o palhaço chorou», um assunto em que Lewis pensa desde há dez anos e que está agora pronto a realizar. Lewis encontrou-se recentemente em Montreal com o realizador checoslovaco Jan Kadar, mas não se sabe ainda de certeza se este será chamado a dirigir a referida película.



Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE
CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM
e na rua da Prata, MINI-SNACK

Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de estacionamento a partir das 20 horas



Para alternar com «Paquirri» Mário Coelho reaparece no Campo Pequeno

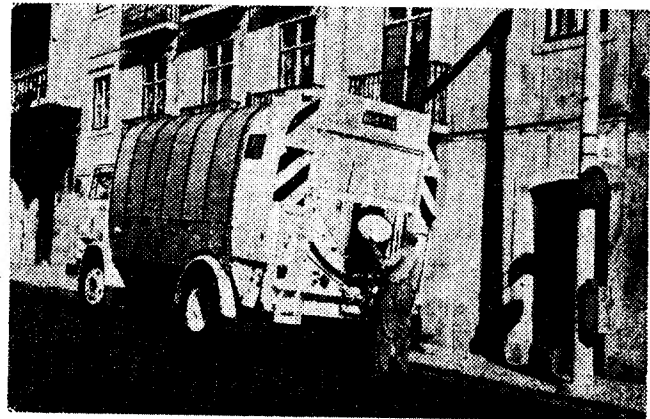
Hoje, às 22 horas, vão abrir-se de novo as portas da Praça do Campo Pequeno, para mais uma corrida de toiros, cujo programa foi organizado com a meticolosidade a que a empresa da primeira praça do país habituou, desde há muito, a «afición» lisboeta. Com efeito, a Sociedade Campo Pequeno organizou para a hoje à noite um programa do mais certo agrado para o aficionado mais exigente, oferecendo-lhe um espectáculo variado, em que a emoção será, por certo, uma das mais aliciantes características, tanto na parte dedicada ao toureiro à portuguesa, como na destinada à lide à espanhola.

Para o toureiro equestre foram escolhidos os cavaleiros Manuel Conde e José Mestre Baptista. A presença na mesma corrida de dois cavaleiros de estilos e competências de toureiro tão diferentes constitui por si só motivo de atracção invulgar. Enquanto Manuel Conde é o toureiro clássico, fiel cumpridor das regras do Marialva, que hoje ocupa na equitação tauromáquica portuguesa um dos lugares cimelios e desfruta do mais justo prestígio junto do público e da crítica, Mestre Baptista é o ímpeto da mocidade, a foga da juventude, a ânsia de se impor cada vez mais. Vão estar frente a frente duas épocas, dois padrões, mas uma única verdade: a da arte e da valentia, que ambos possuem e que ambos cultivam em respeito à «afición».

Na parte à espanhola, um «mano-a-mano» sensacional também: Francisco Rivera «Paquirri» e Mário Coelho. Se, por um lado, o espanhol, representante de um nome honroso na tauromaquia do país vizinho, é hoje uma das primeiras figuras da festa dos toiros, por outro, o vilarense é reconhecida mente um dos mais sérios e mais destemidos espadas portugueses. Matadores inteira-

dos são os dois, toureiros completos são-no também, artistas conscientes do que devem ao seu nome e ao público igualmente.

MORREU A CARROÇA DO LIXO



Morreu a carroça do lixo. Era lenta, barulhenta, pachorrenta e, por onde passava, deixava a marca inconfundível do seu mau cheiro e o seu halo de poeiras. Por vezes, nos dias quentes, andava com guarda de desonra de moscas e mosquitos. Era triste, era anti-higiénico o espectáculo da recolha do lixo de porta em porta, de rua em rua... Era triste, mas acabou-se.

Lisboa tem agora a última palavra em material de remoção de lixo. O sistema é tão prático, tão eficiente, que a passagem das viaturas e a auto-arrumação do lixo até se tornou uma curiosidade que prende a vista.

É o progresso ao serviço da higiene, da limpeza, da salubridade e da melhoria das condições de trabalho. Com as novas viaturas, equipadas com um sistema de compressão e carregamento contínuo, tornou-se menos penoso, muito mais prático e mais fácil o traba-

Concurso de filmes amadores

COIMBRA, 28 — Para uma promoção fílmica dos associados, o Clube de Cineastas Amadores de Coimbra, organiza o seu III Concurso Inter-Sócio de Filmes Amadores, subordinado ao tema «As minhas férias — 1971».

O regulamento da competição será divulgado na reunião que hoje decorre na sede do clube.

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS TEL. 280919



Hoje e todas as noites
às 22 horas

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

M/18



CHAMUSCA

GRUPO/A

SÁBADO, 31
às 10 da noite

Colossal corrida nocturna para inauguração da luz eléctrica na Praça

VARELA CID
GUSTAVO ZENKL
ARMANDO SOARES
JÚLIO GOMES

Forcados de Montemor-o-Novo
Toiros corpulentos de João Gregório

MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

novos casinos estoril

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

LIZA MARTIN
vedeta da canção e da TV inglesa

MICHEL DE LA VEGA
ILUSÃO E FANTASIA

odete mendes

BLUEBELL GIRLS' SHOW

Shegundo Galarza e seu Conjunto
Jirina's Combo Ferrer Trindade e sua Orquestra

BEILA BALALAYKA
SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE, ÀS 23.30 H
Grupo D — 18 anos
NO WONDER BAR, À 1.0 H. — Maiores de 21 anos
Telefone 26 45 21

novos casinos estoril

argumento TALBOT ROTHWELL · produção PETER ROGERS · realização GERALD THOMAS

A MAIS "DESOPILANTE" FARSA COM OS MAIORES "FARSANTES" DO CINEMA INGLÊS!

no **SÃO JORGE** PROGRAMAÇÃO BANK

AGÊNCIA DE VIGARICES

ou...o que os noivos*devem saber antes de casar!

2ª semana
...e as noivas também!

2.ª DE SUSEXO!

"CARRY ON LOVING"

SIDNEY JAMES · KEANETH WILLIAMS · CHARLES HAWTREY · JOAN SIMS · HATTIE JACQUES · RICHARD O'CALLAGHAN · BERNARD BRESSLAU

COLORIDO

Grupo D maiores de 18 anos

MONUMENTAL DE CASCAIS

SENSACIONAL CORRIDA DE TOIROS

DOMINGO, 1 DE AGOSTO ÀS 17.30 H. — M/6 anos
CAVALEIROS

JOSÉ NÚNCIO — ANDRADE SALGUEIRO

ESPADAS

MÁRIO COELHO — BECA BELMONTE

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
CABO NUNO SALVAÇÃO BARRETO

4 TOIROS DE D. MARIA MANUELA ANDRADE SALGUEIRO
4 TOIROS DE PAULINO DA CUNHA E SILVA (HERDEIROS)

BILHETEIRAS — Agência ABEP — Restauradores, Tabacaria Freitas — R. 1.º de Dezembro, 85 e em Cascais nos locais do costume.

20^o aniversário

Trabalhamos há vinte anos nas técnicas do conforto.
Expandimo-nos por sectores tão diversos como a estofagem de mobiliário,
automóveis e comboios.

Adoptamos novos processos, novos materiais.

Estudamos exaustivamente todos os processos de fabricação
dentro das mais modernas tecnologias.

Progredimos tão rapidamente que ultrapassamos os nossos objectivos.

somos os profissionais
do conforto



MOLAFLEX · MOLAS FLEXIVEIS, LDA.
Capital e reservas 45 000 contos



CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

POP, NÃO ESTEJAS NO PAPO

Luis Romão, viram-no no festival da Guarda, não é verdade? Luis Romão gosta muito de falses, gosta mas é que muito! Sente-se até mais à vontade nos falses do que na voz normal. É fantástico. Tem trabalhado muito e os resultados estão à vista. Não é que se considere já um valor, mas lá chegará, lá chegará. Quanto ao mais, podemos ficar descansados: Luis Romão fará tudo o que for possível pela música portuguesa. Pelo menos, deixem os falses por conta dele: é limpinho.

Não, Nuno Martins, não vale a pena essa campanha doida contra os negativos. Você estalfa-se contra os franceses e os ingleses e os americanos — mas o Pop-25 passa-lhe uma rasteira e faz entrar os negativos pela porta principal, com guarda de honra. Enquanto você se abirava contra o Alexandre Winter e contra o Mungo Jerry, os abomináveis, (é verdade: você sabia que já tivemos de grammar esses tipos na televisão com honras de Vossa Excelência?) enquanto isso acontecia, já o Luis Romão afixava o seu falsete para fazer um brilhar no Pop 25! Não, assim não vale, assim o pop está no papo, nada a fazer. A pergunta dirigida aos homens da rádio (qual o critério a que obedece na escolha da música para o seu programa?) devia ser dirigida igualmente à equipa do Pop 25, que se veria em palpos de aranha para encontrar uma saída.

Pois houve inquérito dirigido aos homens da Rádio. Responderam Henrique Mendes, Armando Marques Ferreira, José Corte-Real, Carlos Lacerda, Fialho Gouveia e Paulo Cardoso. Pretendia-se saber que música transmitiam e qual o critério, etc. As perguntas eram quase desnecessárias, e as respostas, por consequência, também o foram — mais embrulhadas, menos embrulhadas. A verdade é que, para além de todos os condicionalismos (quero eu dizer: mesmo que esses condicionalismos não imedissem o curso normal de certas melodias) e desde que se trate de actividade comercial, a escolha da música terá de seguir-se pelo escalão mais baixo. Neste aspecto, Paulo Cardoso foi o mais directo. Na realidade, para a eficácia comercial, os produtores mandam as urtigas as preocupações de qualidade. O que lhes interessa, aos comerciantes, é o consumo, o consumo a curto prazo, o consumo para já;

para isso, há que captar o público que existe; esse público está viciado por longos anos de falta de qualidade por razões de ordem comercial, e não só; portanto, se os peixes se pescam melhor com minhocas, para que tentam convencê-los de que a lagosta é melhor manjar? Até porque se a tentasse pôr lagosta no anzol arriscava-se a ver a clientela radiofónica a fugir toda para a minhoca de B. As preocupações comerciais tem destas coisas. O que sucede na Rádio, sucede na televisão. Entretanto, na televisão e na Rádio assistimos ao império da mediocridade por variadas razões e também por razões de ordem comercial. O anúncio, considerado na mais pia das intenções, como suporte de sobrevivência, assume uma transcendência de monstro devorador. De escravo que deveria ser (oh, oh!) nasceu a senhora. E lembrar-se a gente que foi para isto que tantos cientistas passaram a vida a cozer o seu pão...

honrar o nome de Portugal (mas honrariam mesmo?); que a causa de tudo isto está no marasmo em que vive o Conservatório (mas qual será a causa desse marasmo?); que o público não o aprecia porque não faz gestos inúteis, não toca para a galeria; que tem actuado em França com extraordinário êxito; que a crítica francesa gosta muito dele, etc., etc. Convenhamos que para isto não valia a pena ter ido à Televisão na hora de maior evidência. Depois da sua informação de não haver um único pianista português presente no Concurso Viana da Mota, tamanha calma, tamanho não enfrentar os problemas, tamanhas águas mornas muito menos são de aceitar.

É indispensável, é urgente acabar com tal estado de espírito, denunciador de doenças graves. Felizmente que o mar não pensa da mesma maneira. Ao mar ninguém, nem o rei Canuto da história, seria capaz de pedir que não fizesse ondas. O mar sem ondas seria o tal marasmo. O marasmo a que chegámos.

Há que não ter receio de fazer ondas, meus caros. Nem todos gostam? Que se há-de fazer. As ondas fizeram-se para os barcos fortes.

Sequeira Costa, bom...

Ah, a entrada para o Concurso Viana da Mota é gratuita. Bela informação esta. Ponho que trajo de passelo, não?

A MOEDA FALSA

DOS FALSOS PROBLEMAS

Convergência. Coisas miúdas. Peixinhos da horta. Menção de certas obras para dar um tom colorido de chupa-chupas para os mentes gulosos. No meio disto, três motivos principais: a morte de Augusto de Castro (com promessa de programa especial); a antologia «O Corpo da Pátria» com leitura de prefácio pelo seu autor Pinharanda Gomes (que beta dicção! Por que não o aproveitam na Telejornal?); e uma entrevista com a escritora Maria Ondina.

Parece que Maria Ondina já publicara três ou quatro livros, livros que (diz-nos Luis

(Continua na 18.ª página)

ABAIXO O SIM, TITI

Aconteceu em «Frente a Frente» algo que raramente tem acontecido naquela rubrica, algo que não sei agora (quer dizer: não me lembro, esta memória fraca...) se alguma vez aconteceu: o nome do frente-frentado justificar a audiência. O pianista Sequeira Costa está senhor de uma qualidade que o põe ao abrigo de qualquer suspeita de compadrio ou de «utilidade publica». Entende-se que onde se encontrar, se encontra por mérito próprio, não por ser amigo deste ou daquele ou por tratar por tu aquele ou este.

Sucede que esta qualidade arfista responabilidade. Esperava-se outra coisa. O quê, não se sabe. Não se sabe ao certo. Mas a quem sabe tanto compete ensinar alguma coisa. Que aprendemos nós ontem com Sequeira Costa? Que o Estado e a Gulbenkian não regateiam bolsas de estudo (não regateiam mesmo?); que dessas bolsas poucos resultados aparecem porque a sua duração é extremamente reduzida (será esta a razão mais forte?); que, feitos os estudos, os bolseiros deveriam participar em concursos para

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — 1.º Programa metropolitano — As 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Flauta», programa para adolescentes, por Ana Maria; 18 e 05: O convidado de hoje: Elvis Presley; 18 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 18 e 40: Música popular portuguesa; 19 e 10: Conções; 19 e 30: XXXIV Volta a Portugal em Bicicleta; Reportagem da chegada a Fátima; 19 e 40: Música; 20 e 20: O conjunto «Ohio Express»; 20 e 30, 11.º episódio do folhetim «Matthias Sandorf»; 20 e 50: Melodias, pela orquestra ligeira da Noruega; 21: Momento 71; 21 e 20: Música; 21 e 50: Dia e noite com a Ciência; programa pelo dr. Marques da Costa; 21 e 10: Guias, pelo conjunto de António Luis Gomes; 22 e 30: Novidades em discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Música latino-americana; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — As 16: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 18: Música portuguesa — Obras religiosas; 18

e 45: In the Fen Country — Fantasia Sinfónica (Vaughan Williams), Nova Orquestra Filarmónica, dirigida por «srs» Adrian Boult; 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Concerto por um conjunto de trompas constituído por: Adácio Pestana; José do Carmo; Diamantino Rodrigues e Joaquim Pacheco — Suite para 4 trompas, op. 32 (Richard Strauss); 20 e 36: Concerto para violino e orquestra; 21: Árias de óperas de Handel pelo soprano Joan Sutherland; 21 e 30: Tempo literário; 21 e 45: Música sinfónica; 22: Teatro dos nossos dias, pelo dr. Leopoldo de Araújo «Arte pela Arte»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico — Modulação de Frequência 2 — As 21: Retrospectiva: Trechos do álbum de Donovan: «Barabajagal»; 21 e 15: Orquestra Glenn Miller; 21 e 30: Canções por Al Bano; 21 e 45: Música portuguesa; 22: Música de bailado; 0 e 35: Música de fecho; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Piacardi; 21 e 03: Diálogo; 21 e 30: Impacto; 22: Notícias; 22: Imacto (continuação); 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Vértice; 21

e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelâneo; 19 e 20: Robbiabac; 19 e 35: Estudo 64; 20 e 10: Morte dia a dia; 21 e 05: Sô-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todos as nações; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 04: Clube de Juventude.

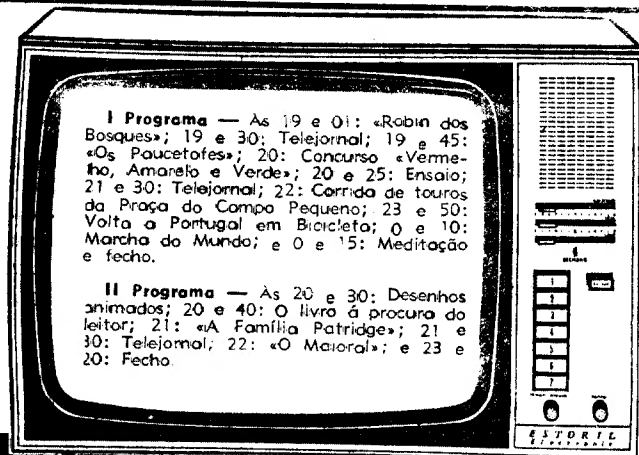
RÁDIO RENASCENÇA — 239,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Boletim litúrgico; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 50: Meditando; 21: Caminhão — «Jazz» — Archie Shepp e outros; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª Hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Notícias; 21: Hora portuguesa; 22: Variedades; 23: A 23.ª Hora.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média, 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30: Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2: Rádio Graca — Das 14 e 30 às 19 e 30.

TV dia a dia

HOJE PODE VER



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino Singular; 13 e 15: Filme de série, «Uma Mãe para Eddie»; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Mini-Decoração; 14 e 15: Logo à noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — As 19: Abertura e TV Juvenil; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: Filme infantil «Os Poucetofes»; 19 e 55: Programa Feminino; 20 e 25: Série comédia, «Doido com Juízo»; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim meteorológico; 22: Série policial, «Os Vingadores, com Patrick MacNee e Linda Thorson»; 23: Eurovisão — Apollo-15 — transmissão directa da sala de «controlo» em Houston do momento da alunagem da nave.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura e desenhos animados; 20 e 40: Mini-Decoração; 21: Filme de série, «Uma Mãe para Eddie»; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim meteorológico (simultaneamente com o I Programa); 22: Escultura americana — As obras de três escultores americanos contemporâneos: Jehnie Lea Knight, George Muller e Fred Evereley; 22 e 30: Eurovisão — Concurso Rosa d'Oiro, de Montreux — primeira parte da Gala Internacional do Concurso de 1971, com a participação dos seguintes artistas: Nino Bravo, Magna Carta, Guy Fletcher e Anita Kerr Singers; e 23 e 30: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento

TUDOR

PASSAPORTES

UM TELEFONEMA...
UMA ASSINATURA...

Agência de Viagens

CATUR

LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA 17
(tel. 36.79.74.16 linhas) LISBOA 2

A CONSTRUÇÃO DO VIADUTO SOBRE A AV. GULBENKIAN CUSTA MAIS DE 10 900 CONTOS

Importam em 10 978 contos as obras do viaduto sobre a Avenida Gulbenkian, no prolongamento da Rua Ramalho Ortigão. A construção começou esta manhã, prevenindo-se que dure 350 dias.

O início das obras foi assistido com uma visita do

presidente da Câmara Municipal de Lisboa que esteve no local, onde assistiu ao arranque das obras. O eng. Santos e Castro, que era acompanhado pelo vice-presidente D. Segismundo Saldanha e alguns vereadores, esteve depois nos estaleiros que a empre

resa adjudicatária, a Empec, instalou no local, onde o eng. João Marques Maia lhe prestou esclarecimentos.

O viaduto (que se integra no plano para o prolongamento da Avenida da Liberdade) permitirá a ligação da Rua Ramalho Ortigão, no Bairro Azul, à Avenida Columbano Bordalo Pinheiro. O seu comprimento total é de 112 metros e a largura total de 24 metros entre guardas, sendo a faixa de rodagem de 13 metros e os passeios, de 4 metros cada um. Outras características da obra: um vão livre de 70,70 metros, constituído por duas consolas de 30,35 metros e uma laje intermédia, simplesmente apoiada, nas mesmas consolas, com 10 metros. São autores do projecto os engs. Edgar Cardoso, R. Pedreira de Almeida, A. Franco e Abreu e Ruy Correia.

O viaduto da Avenida Gulbenkian é o sexto cuja construção foi iniciada este ano em Lisboa.

DOUTORAMENTO DO ENG. LOBATO DE FARIA

No Instituto Superior Técnico, concluiu as suas provas de doutoramento em Engenharia Civil o eng.º António Sarmiento Lobato de Faria, tendo o júri aprovado o candidato com a máxima classificação: distinção e louvor.

As provas constaram de uma discussão sobre o trabalho «Qualidade da água de albufeiras», conduzida pelo prof. Alberto Manzanares Abecasis, do I. S. T., e da defesa da tese «Poluição de massas de água em regime estuarial», cuja crítica foi feita pelos profs. Homero Pedrosa, da Universidade do Rio de Janeiro,

ro, e António Quintela, do I. S. T.

Além dos professores já referidos, o júri era constituído pelos profs. Varennes e Mendonça, do Instituto Superior de Agronomia, e Frausto da Silva, director do I. S. T., que presidiu ao acto.

O reitor da Universidade Técnica, prof. Fernando Vasco Costa, cuja ausência de Coimbra no primeiro dia das provas o impediu de presidir ao júri, esteve presente durante toda a discussão da tese.

O novo doutor nasceu em 1933, formou-se em 1956 no I. S. T. e graduado com o «master of science» com distinção, pelo Imperial College of Science and Technology, da Universidade de Londres, cuja actividade docente se tem distribuído pelas Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e Escola Nacional de Saúde Pública.

Do seu «curriculum vitae» constam diversos projectos e realizações no campo da Engenharia Civil e inúmeras publicações científicas, além de participação em vários congressos internacionais.

O DR. FELNER DA COSTA ADMINISTRADOR DOS TAP

O dr. Jorge Felner da Costa foi nomeado administrador, por parte do Estado, dos Transportes Aéreos Portugueses, em substituição do eng.º Duarte Pinto de Gusmão Calheiros.

RESTAURANTE DE DIVULGAÇÃO

«O PEIXE»

No Espelho de Água

Informamos os nossos clientes de que hoje o restaurante se encontra encerrado para o público, em virtude de as suas salas terem sido reservadas para a realização de um jantar seguido de colóquio.

O Serviço de restaurante prosseguirá, porém, como habitualmente, mesmo depois do termo das «Jornadas Alimentares» que nele se vêm realizando.

ABERTO DAS 12 AS 24 HORAS

TELEFONE: 61 04 94

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

a fuma
almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de
loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 790211

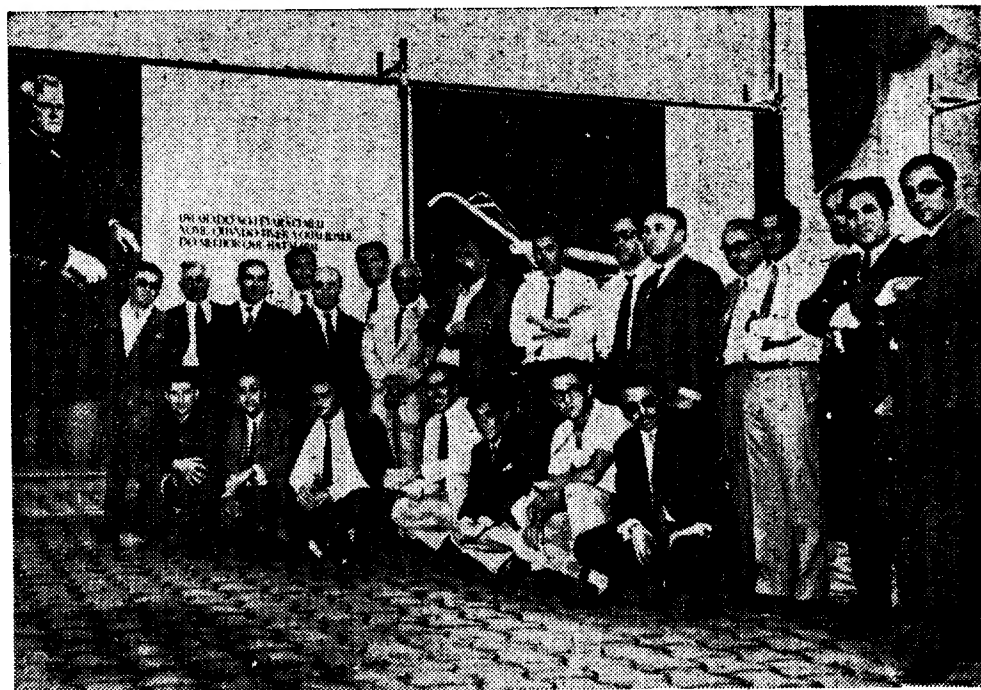
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/ 15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI



O grupo de agentes John Deere momentos antes da partida

Para o futuro da agricultura

No intuito de contribuir de uma maneira mais decisiva para o progresso da agricultura no nosso País, a Divisão John Deere, da Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L., organizou uma visita dos seus agentes a uma das vinte e quatro fábricas que a John Deere tem espalhadas pelo mundo, e da qual saem anualmente 15 000 tractores de potência variada.

Participam nesta visita, que terá a duração de quatro dias, quarenta convidados, que são acompanhados pelos srs. António Duarte, director da Divisão John Deere; Ventura Andrade, chefe do Departamento Agrícola; Mário Fonseca, Aurélio Fernandes e Santos Monteiro, dos quadros superiores da Guérin, e Walter Lethbridge, delegado da fábrica em Portugal.

Esta visita está integrada num vasto programa, do qual fazem parte a realização de cursos para técnicos e vendedores, que tem por fim auxiliar e aconselhar os lavradores de modo a valorizar-lhes o trabalho, simplificando-o e obtendo maior rendimento e menor custo de produção. Em breve, deslocar-se-ão à

mesma fábrica que será agora visitada pelos agentes, e que é uma das maiores do género na Europa, os srs. José da Silveira Machado e Pedro da

Silveira Machado, respectivamente, presidente do conselho de administração e administrador da Sociedade Comercial Guérin, S.A.R.L.

**A MAIORIA
ESTÁ
DE ACORDO**

ESTEJA TAMBÉM DE ACORDO AO APLICAR

OS SEUS CAPITAIS EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

ADQUIRINDO APARTAMENTOS MOBILADOS

PREÇOS DESDE 140 CONTOS
A 1.000 CONTOS

MAIS DE 50.000 CONTOS EM PROPRIEDADES
PARA ESCRITURA IMEDIATA

MAIS DE 250.000 CONTOS DE PROPRIEDADES
EM CONSTRUÇÃO PARA VENDA

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L.

R. Marques de Pombal, 15 Telex 45843 47843 Lisboa

**exames
para
amanhã**

(30 de Julho — 6.ª-feira)

ENSINO TÉCNICO

Aptidão Profissional
do Curso Geral
de Comércio
Chamada única
1.ª prova — 9 horas

**NÃO É PRECISO
VACINAR-SE
PARA ENTRAR
EM ESPANHA**

Do Conselho de Informação e Turismo da Embaixada de Espanha recebemos a seguinte nota:

«Perante as numerosas consultas que se recebem nestes Serviços de Imprensa da Embaixada de Espanha, faz-se publico que não é necessária vacinação alguma para entrar em Espanha».

ROSA VAZ:

VOZ «NOVA» PARA O FADO



Rosa Vaz: voz (nova)
para o fado

É jovem. Graciosa. Bonita. Revelada pela compositora Jenny Teles foi «descoberta» pelos maestros Jorge Costa Pinto e Rocha Oliveira e rapidamente incluída no elenco da «Tecla», de que o primeiro é titular. No primeiro disco (já gravado nos estúdios da «Musicorde», com captação de Alberto Nunes), registou: «O teu fado, José Júlio» (Jeny Teles-Luís Simão); «Carta da Maria» (Francisco José Marques-Manuel Gerales da Silva); «Fado de Salvaterra» (Jeny Teles-Luís Simão) e «Trovas de muito querer» (Jaime Santos-Manuel Gerales da Silva). Foi acompanhada por um conjunto constituído por Raul Neiry e António Chainho (guitarras) e José Maria Nóbrega (viola). O disco estará à ven-

da nos primeiros dias da próxima semana. Ela chama-se Rosa Vaz. Nome fadista? Diferente, talvez, do habitual. Já tem seleccionado repertório para um novo disco. Autores escolhidos: Domingos Silva, Jorge Rosa, Carlos Conde, Romeyra Alves e Maria Crisantina.

LIMITAÇÃO DE VELOCIDADE DE 30 DE JULHO A 6 DE SETEMBRO

Do Ministério das Comunicações recebemos uma nota do seguinte teor:

«Aproxima-se a época das férias de Verão com o costumeiro aumento de tráfego nas estradas do País a que corresponde consequentemente um maior risco de acidente.

Há, pois, que observar na condução automóvel um particular civismo e uma cautela o mais possível respeitadora das regras do trânsito pois do geral cumprimento todos reciprocamente beneficiam.

Evitem-se, portanto, situações nefastas motivadas por excesso de lotação ou de bagagem e, de uma maneira ge-

ral, comportamentos que dificultem ou perturbem a acção e visibilidade de manobra.

E, pois que, para a desejada e necessária tranquilidade das férias, mais vale refrear a pressa de chegar ao destino, no sentido de preservar as condições de segurança que se impõem, considerou-se oportuno desenvolver mais uma vez uma campanha de limitação temporária de velocidade, um tanto alongada, para a qual se pretende a colaboração consciente dos automobilistas.

É da especial prudência e da perfeita compreensão do interesse geral da campanha que depende afinal o melhor resultado, desta medida, excep-

cionalmente restritiva, que em experiências anteriores logrou já obter bons resultados na redução da sinistralidade, contra a qual urge pugnar por todos os meios.

Assim, das 12 horas do próximo dia 30 de Julho às 12 horas do dia 6 de Setembro, os automóveis ligeiros de passageiros e mistos sem reboque, bem como os motociclos simples, estarão sujeitos ao limite de velocidade máxima de 90 km/hora fora das localida-

des e em todas as estradas do Continente, excepto nas auto-estradas onde o limite será de 120 km/hora.

Para os restantes veículos o limite máximo de velocidade foi fixado em 60 km/hora, excepto nas auto-estradas onde se mantêm os limites estabelecidos na lei.

Permanecem em vigor os limites inferiores fixados por sinalização, ou por normas genéricas do Código da Estrada.»

Os prémios da «Feira do Livro» para um artigo e uma foto insertos no «Diário de Lisboa»

Após uma reunião no Grémio Nacional dos Editores e Livrários, um júri presidido pelo sr. Pedro Ferreira de Andrade atribuiu os prémios «Melhor Texto» e «Melhor Fotografia», sobre a 41.ª Feira do Livro de Lisboa.

Foi deliberado, por unanimidade, atribuir o prémio «Melhor Texto» (2000\$00), publicado na Imprensa diária da capital ao trabalho publicado no «Diário de Lisboa», do dia 28 de Maio, com o título «Feira do Livro: Atracção da Primavera», da autoria da colaboradora sr.ª D. Helena Neves. O prémio «Melhor Fotografia» (1000\$), foi igualmente atribuído a

um trabalho inserto no «Diário de Lisboa», concretamente uma das fotos que ilustravam o texto premiado e eram da autoria do colaborador sr. José Tavares.

Foi, ainda atribuído o prémio «Melhor Texto», publicado na Imprensa regional (1000\$00) ao sr. Santos Mota, pelo seu artigo intitulado «A Feira do Livro é atractivo para todos, desde a criança ao indivíduo mais idoso», publicado na «Gazeta do Centro», de Soure, em 9 de Junho. O júri decidiu também por unanimidade, não atribuir o prémio «Melhor Fotografia» para a Imprensa regional.

MERCÊS HONORÍFICAS

Por proposta do comandante-chefe das Forças Armadas da Guiné, foi louvado e condecorado com a medalha de prata de valor militar, com palma, o sr. tenente-coronel Carlos José Machado Alves Morgado, «pela forma notável como comandou o batalhão de cavalaria n.º 2868 e se desempenhou de todas as missões que lhe foram cometidas durante a sua comissão de serviço naquela província».

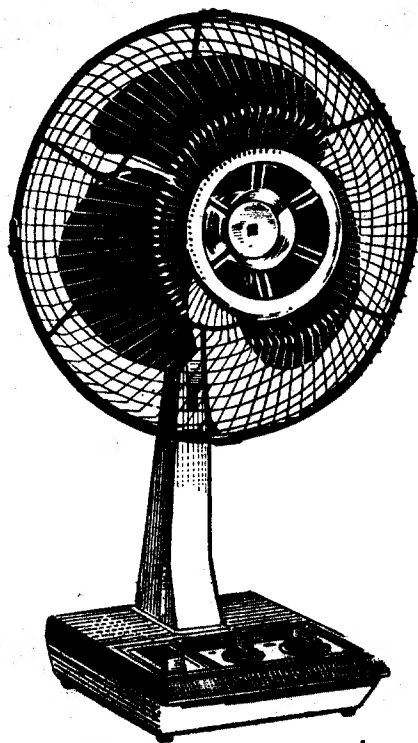
— Foi concedida a medalha de prata florestal com público louvor ao sr. coronel

António Rodrigues dos Santos Júnior pela forma como conduziu os destinos da Comissão Venatória Regional do Norte.

— O sr. dr. Mário Lampreia de Gusmão Madeira foi condecorado com o grau de comendador da Real Ordem da Vitória, de Inglaterra.

— O sr. comendador José Gonçalves de Abreu, presidente da Câmara Municipal de Amarante foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha, em reconhecimento dos serviços prestados àquele país.

ambiente mais fresco



NATIONAL — Utilizando os seus vastos conhecimentos em electrónica que em princípio foram concebidos para rádios, televisores e aparelhos electrónicos bastante complexos, a NATIONAL, faz agora uso dos seus muitos anos de experiência para idealizar e produzir milhões de ventoinhas com circuitos especiais, que lhe darão maior conforto e frescura.

A mais completa gama de
Ventoinhas com características
revolucionárias:

Paragem Automática
Protecção Completamente fechada para uma maior segurança
Oscilação Dupla
Luz Nocturna
Comando redutor de velocidade
Regulador Automático de Tempo e muitas outras, e ainda

2 anos de garantia

NATIONAL

sonipol

LISBOA - PORTO

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais. Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo, 60\$00. Rua das Taipas, 14. Tel. 327256.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos.

Consumo mínimo, 90\$00. Beco das Cortumes, 10. Tel. 860816.

TIMPANAS

Cantam: Ino Odemira, João Fernandes, Emília Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Dançam pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

Condições do Minho por Quim Barreiros. Cons. mín., 61\$50 (taxas incl.). Rua Gilberto Rol, 24. Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Francisco Martins e Alairdo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e An-

tónio Proença. Dançam regatas por conjunto privativo. Rua «Diário de Notícias», 107. Telef. 328307. Consumo mínimo, 60\$00. Encerra aos domingos.

ADEGA MACHADO

Cantam: Maria Portugal, Tino

Ferreira, Ivete Pessoa, Esmeralda Amado, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Tocam: Alberto Corde Américo Silva e Victor Ferreira. Fandango pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Os Arautos. Encerra às 2.ªs-feiras. Consumo mínimo, 70\$00. Rua do Norte, 91. Tel. 30095-28713.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef.: 264521-264526-264596-264621-264946.

ADAGIO

A presença de JOSE LETRIA, Pop-Soul e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente da Inglaterra, Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis, 51-A. Telef. 775695.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Matinéas todos os dias. Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Baile com atracções espanholas. Música constante. Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Tel. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 861633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto até às 5 da madrugada. Rua da Trindade, 9. Telef. 327109. Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa—

Música constante. Av. Marechal Carmona. Tel. 367136. Encerra às 3 horas.

TIME

Conjunto 6. Reacção e Maximiliano. «Show» turstico. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384. Conj. Hélder Reis. Encerra aos domingos.

a fuma
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38d
(a duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS
(HOTEL EMBAIXADOR)

CONJUNTO OLIVER. Ave.

Ala Duque de Loulé, 73. Tel. 530171.

BATACLAN
BAR
DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 89-A. Telef. 560430.

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA

ENCERRADO AOS DOMINGOS

ADEUS MANTEIGA DE CACAU (Conclusão)

O VERÃO TARDIO INFLUIU NA VENDA DOS BRONZEADORES

Como a América conhecer sem muito dinheiro dispendido

PODE LÁ SER ?
Estados Unidos da América
SÔ 11500\$00 *

Recorte este cupão e envie-o a TWA, Avenida da Liberdade, 258-A LISBOA



TWA, Avenida da Liberdade, 258-A Lisboa

Senhores,
O vosso anúncio de viagens aos E.U. com ida e volta nos jactos da TWA, duas semanas de hotel pago e excursões incluídas tudo pelo preço de ESC. 11.500\$00, veio perturbar a calma da minha casa!

A minha mulher e os meus filhos não acreditam e eu já começo a duvidar se não estarei a precisar de óculos. Agradecia-lhes que, sendo possível, me enviassem toda a documentação acerca destas viagens, para eu poder ter uma conversa em família como deve ser...

Provavelmente só vão acreditar quando estiverem dentro do avião!

NOME PROFISSÃO

MORADA

Consulte o seu Agente de Viagens

* Em classe económica

O verão tardio, que causou graves prejuízos à indústria balnear, ter-se á feito sentir na indústria dos bronzeadores?

Inquiridas as três empresas fabricantes que temos vindo a referir, nenhuma delas acusou repercussões do mau tempo no volume de vendas. Este facto explica-se por os bronzeadores serem vendidos aos comerciantes (farmácias, drogarias, perfumarias, supermercados, tabacarias, etc.) antes ou no principio da época de verão. Os efeitos do verão tardio foram sentidos pelos retalhistas e, conforme o «stock» serão sentidos, no ano que vem, pelos fabricantes.

Afirmou-nos a sr.^a dr.^a Alina dos Anjos Marques, responsável pela Farmácia Barreto:

— Este ano não tem sido nada! Talvez se tenha vendido entre cem a duzentos escudos de bronzeadores. Com muito boa vontade conseguimos vender quinhentos escudos na época toda.

Quanto ao aumento de vendas de bronzeadores, disse-nos a nossa interlocutora:

— Há três anos fiz uma encomenda de determinado produto para ter um descontozinho e ainda não esgotei. E não foi uma encomenda grande. Há dois anos houve um incremento nas vendas de bronzeadores, mas já o ano passado notei aumento na venda do óleo de coco e este ano mais ainda.

A sr.^a dr.^a Alina dos Anjos informou-nos ainda ter

vendido, este ano, num único sábado em que a sua farmácia foi a única que esteve de serviço na zona, um quilo de óleo de coco. Esta quantidade, porém, é excepcional, pois na época estival não costuma vender mais de dois ou três quilos.

Contactámos a sr.^a D. Gabriela Gândara, da Perfumaria Elite, que nos disse acerca dos bronzeadores:

— Estão mais divulgados do que antigamente. Este ano, não sei se por causa do tempo, tem-se vendido menos. No entanto, as vendas dos bronzeadores têm aumentado, pouco a pouco. Havia aquelas pessoas que compravam o óleo de coco

a peso na farmácia e que agora compram bronzeadores.

Disse-nos ainda a sr.^a D. Gabriela Gândara a propósito duma possível diminuição de venda de bronzeadores nas farmácias e perfumarias:

— Cada vez há mais supermercados e essas casas também vendem. A venda está mais espalhada. É possível que se venda muito mais, mas nós pouco notamos.

Os depoimentos das nossas duas entrevistadas parecem contraditórios. A sr.^a D. Gabriela Gândara fala da passagem dos compradores de óleo de coco para os bronzeadores industriais enquanto a dr.^a Alina dos

Anjos de con-

coco. não há dois de estão a das de cas pos cas, int zeador tra os recor por se tro esc para u o que todas

Ainda, Gabrie, mais r os bron tamber enquad ria flo



É entre a camada juvenil que se registam mais elevadas vendas de bronzeadores.



Qual será a maior preocupação? Defender a pele das queimaduras causadas por um bronzamento mais rápido?

FÉRIAS 1971

VIAGENS ACOMPANHADAS EM AUTOCARROS DE LUXO OU AVIÃO

ANDORRA - LOURDES	5 Dias	1.870\$00
MARROCOS	8 Dias	5.950\$00
PARIS - TOUR	7 Dias	2.610\$00
PARIS - LONDRES	12 Dias	8.060\$00
INGLATERRA - ESCÓCIA	18 Dias	12.190\$00
AUSTRIA	16 Dias	7.090\$00
ITALIA - TURISTICA	11 Dias	7.540\$00
ROMA - ITALIA	16 Dias	7.880\$00
TRIANGULO EUROPEU	18 Dias	11.560\$00
CIRCUITO EUROPEU	24 Dias	14.960\$00
RUSSIA	21 Dias	13.840\$00
RUSSIA	16 Dias	9.600\$00
JUGOSLAVIA	10 Dias	9.810\$00
GRECIA CLASSICA	8 Dias	7.810\$00

MUITOS OUTROS DESTINOS

PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES

RUA ROSA ARAÚJO, 2

TELEFOS, 53.69 71

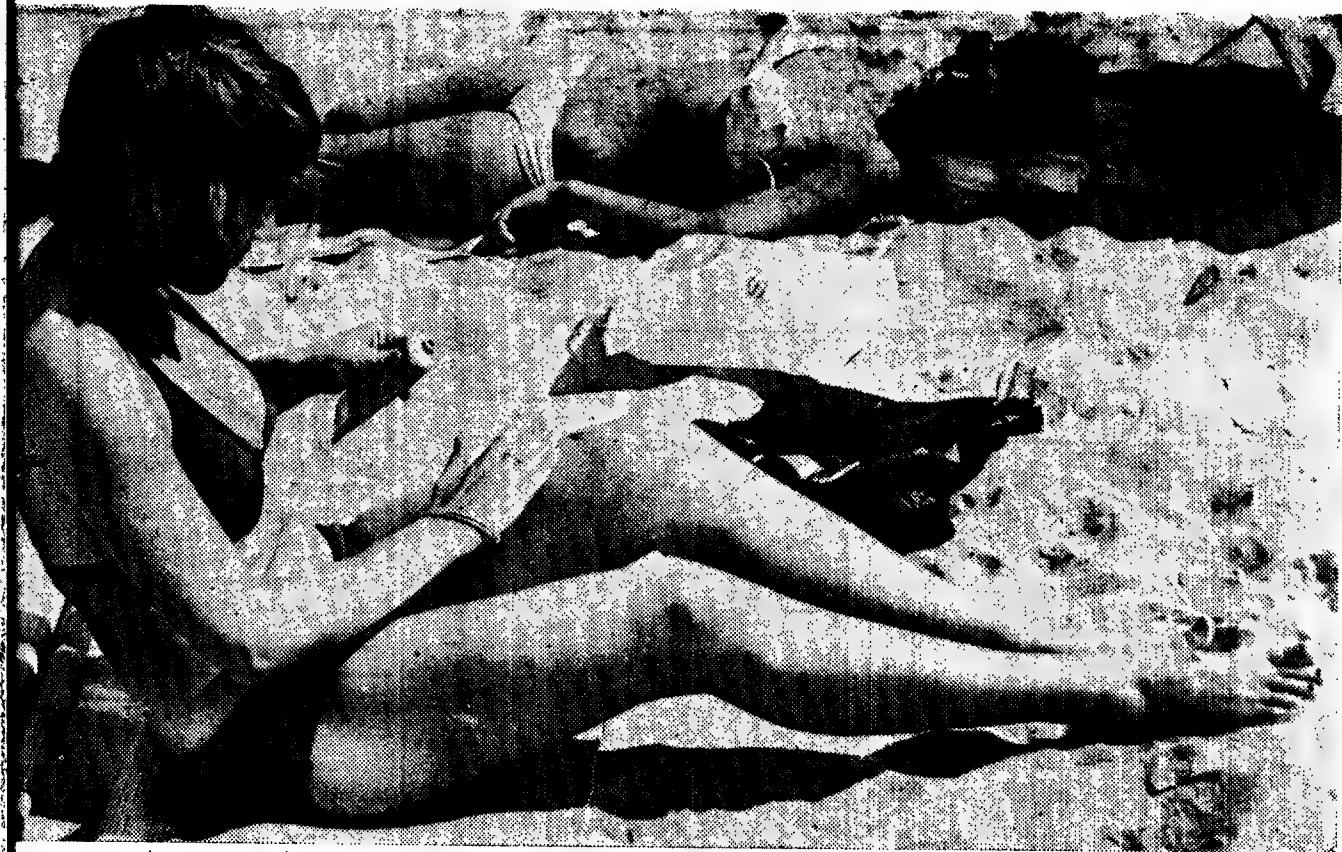
Melia

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS

Compramos pelo mais alto preço.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 287



que se encontra a percentagem que utilizam bronzeadores

Anjos refere o incremento de consumidores de óleo de coco. No entanto, talvez não haja contradição nos dois depoimentos, dado que estão a surgir novas camadas de pessoas, com poucas possibilidades económicas, interessadas em bronzeadores e protectores contra os raios solares, e que recorrem ao óleo de coco por ser mais barato. Quatro escudos desse óleo dá para uma época de praia, o que o torna acessível a todas as bolsas.

Ainda segundo a sr.^a D. Gabriela Gândara são os mais novos que compram os bronzeadores. Foram eles também que permitiram enquadrá-los numa indústria florescente?



queimaduras ou obter

ESTUFA SUBTERRÂNEA PARA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA INAUGURADA NA ESTAÇÃO DE MELHORAMENTO DE PLANTAS

ELVAS, 28 — O secretário de Estado da Agricultura inaugurou hoje, na Estação de Melhoramento de Plantas, uma estufa subterrânea destinada à realização de trabalhos de investigação científica.

A estufa foi construída com a ajuda financeira da Gulbenkian e com verbas da Secretaria de Estado da Agricultura.

No acto de inauguração foi realçado o carácter pioneiro desta construção e as suas vantagens económicas e científicas sobre as estufas convencionais até agora utilizadas na investigação agrícola. Fizeram-se ainda alusões ao programa de investigação que, a nível internacional, tem es-

tado a ser realizado; em colaboração com cerca de 30 países da Europa, da África e do Médio Oriente, pelo Laboratório de Fitopatologia da Estação de Melhoramento de Plantas.

O secretário de Estado da Agricultura, acompanhado pelo director-geral dos Serviços Agrícolas, presidente da Junta de Hidráulica Agrícola e vice-presidente da Junta de Colonização Interna, era aguardado pelo governador civil do distrito de Portalegre, pelo presidente da Câmara Municipal de Elvas e directores dos organismos locais ligados à agricultura, e foi recebido pelo subdirector e técnicos da Estação de Melhoramento de Plantas.

OS SÍMBOLOS MÉTRICOS NÃO TÊM PLURAL

Os símbolos das unidades métricas são escritos em letras minúsculas, sem plural e sem pontos — lembra a Repartição de Pesos e Medidas da Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais do Ministério da Economia, em ofício dirigido aos jornais.

«Esta Repartição tem verificado que, durante a «Volta a Portugal em Bicicleta» aparecem na imprensa gráficos onde o símbolo do quilómetro é indicado por KM, ou KMS, ou Km, ou Kms, etc., e raramente km, que é a forma correcta, quer se trate de um ou de muitos quilómetros» — exemplifica.

A simbologia das unidades métricas usuais é internacional, foi estabelecida no nosso País pelo decreto de 20 de Abril de 1911, e, segundo informa, consta da norma portuguesa N P 154, publicada em 1958, que é, presentemente, o guia a seguir nes-

ta matéria, pois inclui, além dos símbolos das unidades, a indicação da forma correcta de os aplicar. A referida norma, conforme consta do ofício, encontra-se à venda na sede daquela Inspeção-Geral, Avenida de Beça, 1, Lisboa.

Um informador da Repartição de Pesos e Medidas esclareceu-nos que são muito frequentes os erros cometidos na escrita dos símbolos das unidades do sistema métrico, havendo, até, alguns professores que os ensinam mal.

Os erros mais frequentemente cometidos, além dos já indicados na unidade de superfície referida, encontram-se na grafia do grama e quilograma, cuja simbologia é g e kg, e não G, GR, Grs, grs, Kg, KG, KGs, etc.

A ESCRITA DOS SÍMBOLOS DAS UNIDADES

A Inspeção-Geral dos Produtos Agrícolas e In-

dustriais forneceu-nos os seguintes esclarecimentos a respeito da escrita dos símbolos das unidades:

— Os símbolos são sinais e não abreviaturas dos nomes das unidades, pelo que se aplicam sem alteração tanto a uma como a muitas unidades.

Constitui, portanto, grave erro fazê-los seguir de s como para formar um plural, ou de um ponto, como se de abreviatura se tratasse.

Por isso, se um período redaccional terminar por um símbolo, o ponto final do período deve ficar afastado do símbolo o intervalo correspondente a uma letra, para evitar confusões. (Ex.: 1 km é uma distância mil vezes maior que 1 m.)

— As unidades são escritas sempre em redondo, e nunca em itálico.

— Porque os nomes e símbolos das unidades são escritas sempre com letras minúsculas, nunca se deverá começar um período pelo nome ou pelo símbolo

de qualquer destas unidades.

(Ex.: Um quilómetro é uma distância mil vezes maior que um metro.)

— Os símbolos das unidades escrevem-se na mesma linha que os números a que se referem e não em expoente. Ex.: 10 kg.

— Os símbolos das unidades com nomes simples são constituídos por uma só letra. Só faz excepção o estere cujo símbolo é «stb».

— Quando os valores numéricos são expressos por palavras, devem ser usados, a seguir, os nomes das unidades por extenso.

— Quando os valores numéricos são representados por algarismos são usados, em geral, os símbolos das unidades, mas podem ser usados os respectivos nomes quando nisso haja conveniência didáctica.

— Os símbolos das unidades usam-se, em geral, ligados directamente a algarismos (ex.: 10 kg)

ou indirectamente (ex.: à cabeça de quatro numéricos; em gráficos).

Em casos didácticos podem usar-se sem ser ligados a algarismos (ex.: «O símbolo m2 aplicado ao algarismo 1, tanto pode significar um quadrado com 1 m de lado como um rectângulo com lados tais que a sua superfície seja de 1 m2).

— Os símbolos das unidades devem ser colocados na mesma linha dos números a que se referem e à sua direita, deixando entre o número e o símbolo o espaço de uma letra, não ficando o símbolo intercalado entre a parte inteira e a parte decimal se o número a tiver.

Ex.: 12 kg — 12,55 kg. — Constitui erro grave empregar o termo «quilo» ou erradamente gramaado «kilo» em vez do nome da unidade «quilograma».

Exemplos: Forma correcta — Preço por quilograma: 10\$00; Forma incorrecta — Preço por quilo: 10\$00.

BOISAS DE ESTUDO EM UNIVERSIDADES NORTE-AMERICANAS

Até ao dia 8 de Outubro, encontra-se aberta a inscrição do concurso para bolsas em universidades norte-americanas, através da Comissão Cultural Luso-Americana. Estas bolsas são para licenciandos, com um máximo de 35 anos e bom conhecimento de inglês, e abrangem todas as matérias, menos a Medicina. Os interessados podem dirigir-se aos Serviços Culturais da Embaixada da América, Avenida Duque de Loulé, 22-3.º, ou à Comissão Cultural Luso-Americana, Avenida Elias Garcia, 59-5.º, em Lisboa.

PAGAMENTOS NAS TESOURARIAS DA FAZENDA PÚBLICA

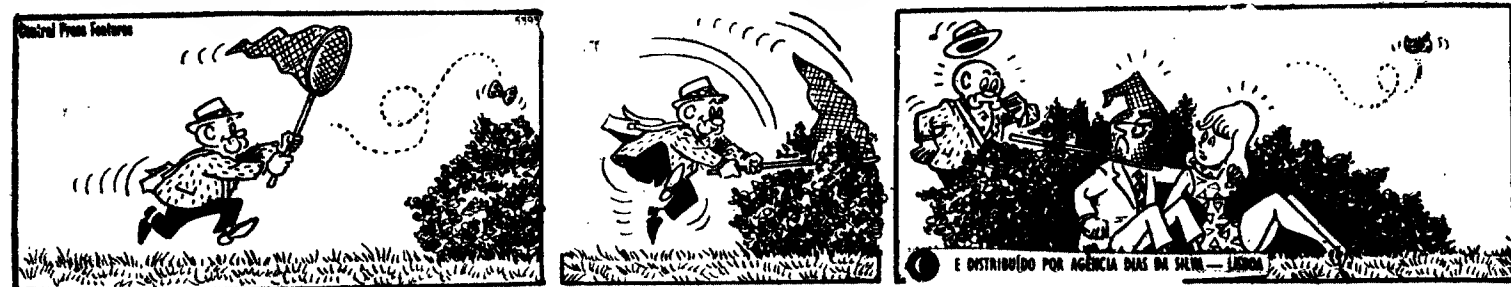
A Direcção do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias chama a atenção dos Snrs. Contribuintes para as vantagens concedidas pelo Decreto-Lei n.º 233/71 que, com excepção da aquisição de valores selados e impressos, permite que os pagamentos nas Tesourarias da Fazenda Pública se passem a efectuar por meio de simples cheques, dispensando-se, assim a necessidade de estes serem visados pelos estabelecimentos bancários.



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

Palavras cruzadas

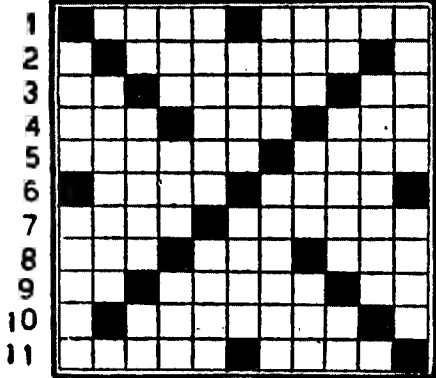
(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5967

HORIZONTAIS: 1 — Animal vertebrado com o corpo coberto de penas. Ninheiro. 2 — Dera masagens a 3 — Preposição. Charrua. Cério (s. q.). 4 — Pega. Claridade. Tritura. 5 — Obrar. Rouba. 6 — De cobre. Encoleriza. 7 — Numeral. Bradora. 8 — Letra grega. O mesmo que três. Ergo. 9 — Em a Adeja. Antigo Testamento. 10 — Som agudo e inarticulado. 11 — Desatais. Ave de rapina.

VERTICAIS: 1 — Nome de homem. Instiga. 2 — Aviva. 3 — Fútil. Que é do ar. Grama (abrev.). 4 — Ave perneta. Rente. Desgasto por fricção. 5 — O mesmo que azinheira (planta). Povo mongol do Sul da China e da Indochina. 6 — Tombar. A Irlanda. 7 — Bogatela. Aproxima. 8 — Enguia. Imão do pai. Repreensão (fig.) (inv.). 9 — Sódio (s. q.). Residi. O sono das aranhas. 10 — Região. 11 — Detesta. Macaco americano.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5966

HORIZONTAIS: 1 — ANDAR. Finas. 2 — Carregar. 3 — Sai. Oca. 4 — Sacasse. 5 — Os. Osa. As. 6 — Pecar. Rusga. 7 — Au. Tio. Ad. 8 — ARANHAS. 9 — Asa. Rãs. 10 — Descosierias. 11 — Croas. Lesas.

VERTICAIS: 1 — AC. Copas. DC. 2 — Nas. Seu. Aer. 3 — Dros. Asso. 4 — Aria. Raça. 5 — Re. Corta. Os. 6 — Grãs. Inês. 7 — Fa. Horas. El. 8 — Irãs. Arre. 9 — Nice. Sais. 10 — AAA. Agã. Soã. 11 — Usada. SS.

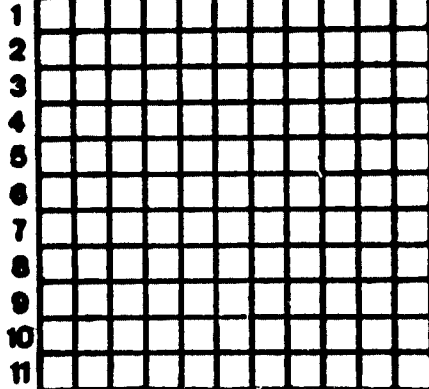
Provérbio: ANDAR AS ARANHAS.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9810

HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova. Marca um número no telefone automático. 2 — Bismuto (s. q.). Nome de fruto. Troça. 3 — Chete etíope. Primeira das três palavras que forma o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Ver. 4 — Bolor. Espécie de gato bravo. 5 — Impulso. Indivíduo da raça dos incas. 6 — Medida de superfície. Letra grega. 7 — Artigo de flandria. Farnusco. Pata. 8 — Move os remos. Espécie de jogo popular. 9 — Beco. Região montanhosa da Ásia Central. 10 — Altar. Princípio. Nome de uma ave e um peixe do Brasil. 11 — Um gosto no meio de muitos dissabores. Planta têxtil.

VERTICAIS: 1 — Eterno. Vila e sede do concelho (Bortalegre). 2 — Invólucro da palha em que se metem os objectos frágeis para que se não partam durante o transporte. Cesto ou saco tecido de esparto onde se deitam azeitonas para espremer. 3 — Carimbo. Medianos. 4 — Oferece. Fatal. 5 — Espádua. Monarca. Preposição e artigo definido (pl.). 6 — Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Pronome reflexo. 7 — Doutores. Unidade monetária do Japão. Colocou. 8 — Seguiu. Embora (fig.). 9 — Lice. Artigo indefinido (pl.). 10 — Acreditado. Adia (fig.). 11 — Encolriza. Da cor do ferro.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9809

HORIZONTAIS: 1 — Pinha. Acena. 2 — Baralho. 3 — Sn. Seta. Go. 4 — Sem. Nds. Sem. 5 — Avião. Abala. 6 — Adis. Raba. 7 — Irosina. 8 — Om. Assai. Fa. 9 — Noa. Air. 10 — Dente. Roman. 11 — Arais. Apore.

VERTICAIS: 1 — Passa. Ronda. 2 — Neva. Moer. 3 — Nb. Midi. Ana. 4 — Has. Aira. Ti. 5 — Arenosos. Es. 6 — Aro. SSS. 7 — Alisaria. Ra. 8 — Chã. Bani. Op. 9 — Ea. Soba. Ama. 10 — Gela. Fior. 11 — Amaca. Come.

TELEVISÃO

Tome contacto com o mundo vendo através de um SIEMENS não há aborrecimentos. Compre na CASA MAX — Av. Praia da Vitória, 2 e 2-c; R. D. Estefânia, 193, 193-f.

LIVROS DE BOLSO

EXPOSIÇÃO NA QUADRANTE

DE 12 A 31 DO CORRENTE

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a FÁBRICA, Av. 5 de Outubro, 203, r/c. eq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 771639 VENDA AO PÚBLICO

PEANUTS

EDIÇÃO INGLESA
26 títulos publicados
2 NOVOS
Dist. — QUADRANTE

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Julho de 1941 publicava:

«MADRID, 29 — Foi com um leado, oficialmente, que, depois das conversas havidas entre os Governos espanhol e norte-americano, foi levantada a «congelamento» dos fundos espanhóis. Os Estados agora concederam uma autorização geral permitindo as operações com a Espanha e com as entidades espanholas, depois de terem recebido daquele país certas garantias».

FESTIVAL DE CINEMA

AMADOR

EM PORTIMÃO

PORTIMÃO, 29 — Até ao dia 31, estão abertas no Boa Esperança Atlético Clube Portimonense as inscrições para o 1.º Festival de Cinema Amador, a levar a efeito de 8 a 15 de Agosto.

O júri de classificação é constituído pelos srs. eng.º Francisco Lemos Pinheiro (representante da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores), Vitoriano Rosa, dr. João Bernardino Meneses Sampaio Pimentel, Júlio Bernardino dos Reis e António Joaquim das Candeias Nunes.

BARATA MOURA

EXPÕE EM SINTRA

No próximo domingo é inaugurada, no antigo Hotel Costa, na Praça da República, em Sintra, mais uma exposição de quadros do pintor Barata Moura, subordinada ao tema «Sintra sempre bela».

Serão apresentados 60 trabalhos, que ficarão patentes ao público até 15 de Agosto. Os visitantes poderão, também, admirar numa outra sala 32 trabalhos extra-catálogo reunidos por Barata Moura e destinados à simpática campanha em prol das obras da Misericórdia local.

CAMISAS POR MEDIDA

HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

«COMUNICADO»

LAPA — HABITAÇÕES DE LUXO

RUA DE SÃO FRANCISCO BORJA

Frente à embaixada de Inglaterra, com a área de 300 m² por andar e todos os requisitos modernos. Para a celebração dos contratos-promessa de compra e venda, devem os interessados dirigir-se a **ALPORTE, Rua do Alecrim, 65-2.º, Dt.º** — Lisboa — Telefone 30491, até ao próximo dia 6 de Agosto.

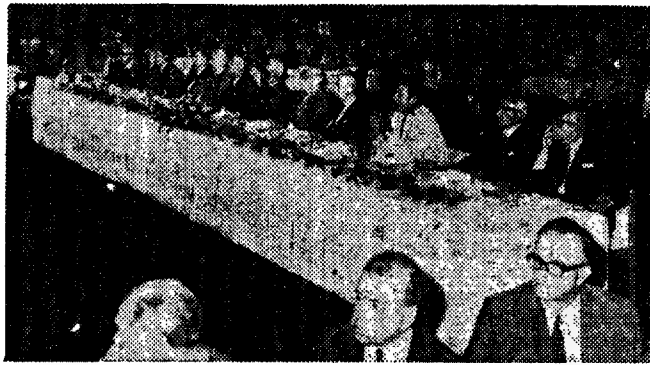
NOVOS TRACTORES APRESENTADOS NO CASINO ESTORIL

Na sequência da sua tradicional linha de apoio à motomecanização, a Fassio, Lda., em colaboração com a sua representada Internacional Harvester, apresentou no Casino Estoril uma nova linha de tractores de grandes recursos que passam a estar ao serviço da lavoura.

Em representação do secretário de Estado da Agricultura presidiu a reunião o sr. dr. França e Silva, inspector-geral do Ministério da Economia. Entre as individualidades presentes: o representante do director-geral dos Serviços Agrícolas; e os directores-gerais dos Serviços Florestais, Agrícolas e Pe-

cuários; vice-presidente da Junta de Colonização Interna; director e professores do Instituto Superior de Agronomia; investigadores da Estação Agronómica Nacional e técnicos da Secretaria de Estado da Agricultura.

Também presentes os representantes da International Harvester dos Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, respectivamente os srs. John Marshall, Hans Mohr e Michael Turner e os directores de Fassio, Lda., srs. engs. Rodrigo de Castro Pereira, Fernando Salema Garção e Pedro Salema Garção, o primeiro a usar a calavra. Depois de saudar os convidados salientou: «Tem



Um aspecto da mesa de honra, a que presidiu o sr. dr. França e Silva, em representação do Secretário de Estado da Agricultura

constituído preocupação do Governo, sobretudo nos últimos tempos, o apoio à motomecanização agrícola, confirmado por realizações de vários ordens, quer de ajuda material quer técnica. Uma empresa que foi das pioneiras na distribuição de tractores e

máquinas em Portugal, como aconteceu com a Fassio, Lda., não poderia ficar indiferente a essa preocupação».

Em seguida, o sr. eng.º Alvaro Coutinho fez uma exposição pormenorizada das características das máquinas apresentadas. Na sua qualidade de director do departamento agrícola de Fassio, Lda., pôs em relevo as vantagens da aplicação das máquinas ao serviço da lavoura, tendo acompanhado a exposição com a projecção de «slides» demonstrativos das suas diversas aplicações. Referiu-se aos três tractores expostos no salão-restaurante do Casino e que hoje foram postos à prova na herdade de Palhavã, em Porto Alto.

No final do almoço que se seguiu, foram oradores os srs. eng.º Rodrigo de Castro Pereira, para renovar agradecimentos a todos os convidados e o eng.º França e Silva que, em nome do secretário de Estado da Agricultura, pôs em evidência o trabalho relevante que Fassio, Lda., tem desenvolvido em prol do progresso da agricultura portuguesa.

LOTES DE TERRENO EM LEILÃO QUASE DOZE CONTOS POR METRO QUADRADO NA AZINHAGA DA FONTE

Foram vendidos, esta manhã, cinco dos dez lotes de terreno que a Câmara Municipal de Lisboa leilou em hasta pública no Pavilhão dos Desportos. O lance mais elevado foi de 11 700\$00 por m2, num terreno situado na Azinhaga da Fonte.

Os terrenos vendidos situavam-se: um no Restelo, vendido por 3570\$00 o m2; três na Azinhaga da Fonte,

que foram à praça com o preço de base de 6500\$00 e atingiram 9100\$00, 10 075\$00 e 11 700\$00 o m2; e outro na R. da Venezuela, vendido por 9450\$00 o m2.

Foram retirados dois lotes no Restelo; um na Av. Dr. António José de Almeida, que anteriormente fora à praça para teatro e agora sem condicionamento; e dois em Olivais Sul.

FIM DE TARDE EM S.BENTO

★ Para apressar a discussão da Lei de Imprensa, a Assembleia Nacional reuniu-se ontem à tarde e à noite, pois estavam inscritos 20 deputados, 16 dos quais para falarem na ordem do dia!

★ Na reunião da tarde estavam presentes 92 deputados. No período destinado à leitura do expediente, o secretário, dr. Serras Pereira, comunicou ter sido entregue por um grupo de intelectuais, um documento com muitas assinaturas, sobre a futura Lei de Imprensa. Constituíam a Comissão, entre outros: Ferreira de Castro, Maria Tamas, Fernando Namora, Rómulo Paulo, Lopes Graça Joel Serrão, Manuela de Azevedo, etc.

★ Antes da ordem do dia, usaram da palavra os deputados Duarte do Amaral, sobre os parcos vencimentos das empregadas das escolas primárias; Peres Claro, acerca da mão-de-obra especializada; e Dias das Neves, sobre o congresso da Federação Portuguesa de Futebol.

★ Na ordem do dia, o primeiro orador, deputado Duarte de Oliveira, disse a certa altura que, no mundo novo, «uma censura prévia, como regra não tem, mais razão de ser». A terminar, porém, disse dar «conscientemente, serenamente», a sua «inteira adesão à proposta do Governo».

★ O deputado Pinto Brandão depois de elogiar o Governo pela apresentação da sua proposta, «reveladora do desejo de governar não só para o País mas também com o País», terminou por propor que a discussão na especialidade se faça sobre o texto da comissão eventual.

★ Seguiu-se o deputado Miller Guerra, que a certa altura afirmou:

«A censura evitou, decerto, as convulsões mais ou menos profundas por que outros povos passaram. Poupanos incómodos e conflitos, mas estas vantagens imediatas são desvantagens a distância, porque afectam as gerações vindouras limitando-lhes o horizonte mental e isolando-as das grandes correntes da história. Fizemos-nos, e fazemos-nos, muita falta os confrontos com modos diferentes de viver e considerar o mundo; a discussão nascida da heterogeneidade das ideias; a livre oposição das ideologias oficiais; a variedade das opiniões, das crenças e dos gostos. O que hoje se denomina pluralismo combateu-se como se fosse um adversário corruptor da paz pública, dos valores tradicionais, da unidade. Porém, a unidade verdadeira, sólida, incontestável, provém da diversidade de pensamento e de atitudes e não da monotonia das concordâncias. Mas para alcançar este estado superior de unidade, era preciso que o principal veículo do pensamento, a Imprensa, usufruísse a liberdade necessária para noticiar, comentar e criticar, os actos e acontecimentos».

★ O deputado Casal-Ribeiro interrompeu para afirmar que nunca se sentiu limitado.

— V. Ex.ª é apenas um caso pessoal — respondeu-lhe o deputado Miller Guerra.

★ Ao começar a sua intervenção, o deputado Casal-Ribeiro prestou homenagem à memória do dr. Augusto de Castro e, enunciando os intuítos do seu discurso, afirmou:

«Apenas breves palavras, o enunciar de algumas dúvidas e de alguns receios, e para começar a minha inquietação de ver em tão pouco tempo, discutirem-se, em estilo maratona, três assuntos tão delicados e tão importantes — ia a dizer vitais, para o futuro da Nação: a alteração da Constituição, a liberdade religiosa e, agora, a lei de Imprensa».

Mais adiante, e antes de dar a sua aprovação, com reservas, à proposta do Governo, afirmou:

«Pessoalmente, e para além de não achar oportuna a entrada em vigor de medidas liberalizantes e inadequadas a um país em guerra, guerra que é decisiva para a sua unidade histórica, e do exterior nos foi imposta, não me impressionou nunca a ideia do regime até aqui adotado, e que se impunha para a cabo toda a obra de reconstrução da cidade há tão longo tempo».

★ Considerando urgente a institucionalização da liberdade de Imprensa, o deputado Oliveira Dias afirmou que a proposta e o projecto se completam. Entre outros aspectos, defendeu a livre criação de empresas jornalísticas.

★ O deputado Sá Carneiro, um dos autores do projecto de lei, disse desistir de um discurso exaustivo, pois que o deputado Pinto Balsemão já explicara as opções principais entre a proposta e o projecto. Entre outras considerações disse que a comissão eventual apareceu com um novo texto, coisa que não lhe competia nem ninguém a encarregou disso. «O próprio plenário não pode aceitar esta situação».

★ A certa altura foi interrompido pelo dr. Ulisses Cortez, que entre outras coisas disse que as regras do passado estavam ultrapassadas. O deputado Ulisses Cortez não quis pedir autorização para interromper o orador, pelo que o presidente teve de intervir, dando de novo a palavra ao dr. Sá Carneiro.

★ O orador procurou referir-se à maior eficácia de trabalho da Assembleia de modo a considerar os vários textos em discussão, mas foi interrompido frequentemente pelo deputado Camilo de Mendonça e, ainda, pelo dr. Almeida Cotta.

★ Terminou com a defesa do seu projecto de lei, sobre a liberdade de Imprensa e o direito à informação.

★ O deputado Aguiar e Silva, por último, justificou o regime de censura prévia, embora dissesse também não a apreciar.

★ A noite, realizou-se também sessão. Desde 1926, foi esta a primeira vez que tal se verificou. Sels parlamentares usaram da palavra, no período nocturno, sobre o tema em debate: a Lei de Imprensa. Foram eles os deputados Agostinho Cardoso (Funchal), Vaz Pinto Alves (Viseu), Prabaror Rau (Estado da Índia), Pinto Machado (Porto), Meneses Falcão (Leiria) e Montalvão Machado (Vila Real). A reunião terminou cerca de uma hora da madrugada, tendo o presidente marcado sessão para esta tarde e, se necessário, outra à noite.

CERCA DE 30 MIL PESSOAS VISITARAM JÁ EM CASCAIS A FEIRA DO ARTESANATO

Encontra-se aberta ao público a VIII Feira de Artesanato Português, em Cascais, promovida, como é costume, pela Junta de Turismo da Costa do Sol, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

O interesse tem sido extraordinário, como já é tradicional, e na primeira semana registou-se uma afluência de cerca de trinta mil visitantes só no domingo, mais de seis mil, o que é deveras significativo.

A Feira apresenta ao pu-

blico 120 barracas que se dispõem, num anfiteatro pitoresco, logo à entrada da vila de Cascais, emoldurando, por assim dizer, um dos lados da própria marginal. E os curiosos e entendidos podem encontrar ali, sem dificuldade, os barros de Rosa Ramalho, as peles do Varela, os petiscos do Bernardino de Alfama e da Celeste Machado, os bronzes de Lagos, as cantarinhas de Mafra, etc.

Os bilhetes de entrada são baratos (apenas 4\$00, seja qual for o dia). As crianças não pagam nada.

motor

SAIU HOJE

- UM INGLÊS CONSTRÓI O BUGGY PORTUGUÊS
- AS MECÂNICAS EM SILVERSTONE

(Philippe Toussaint)

- ENTREVISTA COM JAIME AZARUJINHA

(Maria do Céu)

- O CIRCUITO DE SETÚBAL (Herlânder Garcia)

- MOTOCROSS

- SUPLEMENTO DA RAMPA DA PENHA

- MOTOR ENSAIO: TRIUMPH SPITFIRE MK IV

(Philippe Toussaint)

24 PÁGINAS

2\$50

BARROS, ALMEIDA & C.^A

EXPORTADORES DE VINHO DO PORTO

Rua D. Leonor de Freitas, 182 — Vila Nova de Gaia

Comunicam a todos os seus prezados Clientes e Fornecedores que, por motivo de férias do seu pessoal, encerram os seus escritórios e armazéns, desde 9 a 31 de Agosto próximo.

Vila Nova de Gaia, 29 de Julho de 1971

Actualidade internacional

CANALIZADORES ESPACIAIS

(Continuação da 1.ª página)

vele e chegou a causar certo alarme a David Scott.

A primeira verdadeira manobra da Apollo-15, ao fim de dois dias no espaço, é feita hoje às 16 e 5 e consiste na breve ligação do reator principal para alterar a velocidade em cerca de 1,2 metros por segundo e colocar a cápsula na direcção precisa para a entrada em órbita lunar.

Pouco depois desta manobra, às 16 e 35 os astronautas ejetam um painel do módulo de serviço para expor um compartimento pejado de aparelhagem científica. Quatro horas e meia depois voltam a pôr em funcionamento o reator principal para entrarem em órbita lunar. A entrada será feita quando a cápsula estiver a passar do lado oposto à Lua em relação à Terra.

A ejeção da tampa do compartimento de instrumentos assinala o início de sete dias de trabalhos científicos, no decorrer da missão lunar de maior alcance científico realizada até hoje.

A tampa do compartimento, designado por «Sim Bay» será ejetada enquanto a cápsula se aproxima da Lua para eliminar qualquer hipótese de ficar presa ao módulo de comando ou ao módulo lunar durante as manobras seguintes.

Os três astronautas têm dormido mais e falado menos do que os seus camaradas das missões anteriores, mas continuam em óptimas condições para desempenharem a difícil missão que empreenderam.

Os funcionários da agência espacial esperavam que, no

decorrer da viagem, os astronautas se tornassem mais faladores, mas estes limitaram-se a dizer «a Lua está a crescer» ao indicarem a sua aproximação. Mesmo assim, julgase que tinha sido a frase mais comprida pronunciada até agora.

GRANDE «DEFICIT» NO ORÇAMENTO DOS EUA

WASHINGTON, 29 — (A. N. I.) — As despesas federais excedem os rendimentos em 23,2 biliões de dólares (690 milhões de contos) no ano fiscal que terminou em 30 de Junho, o que constitui o segundo maior elevado «deficit» do orçamento desde a Segunda Guerra Mundial — anunciou o Governo.

O «deficit» excedeu em 4,7 biliões de dólares o que o presidente previa em Janeiro. As despesas totalizaram 211,57 biliões de dólares durante o ano fiscal, enquanto as receitas totalizaram 188,3 biliões.

O secretário do Tesouro, John Connally, publicou um comunicado conjunto com George P. Schultz, director da Repartição de Gestão e Orçamento, segundo o qual o orçamento apresentaria um saldo positivo de 2,5 biliões de dó-

lares «caso a economia do país tivesse actuado em pleno emprego ao longo do ano fiscal».

CHU: A CHINA NUNCA SERÁ UMA GRANDE POTÊNCIA

TORONTO, 29 — A China Popular nunca será uma grande potência e, embora esteja disposta a abrir-se para o mundo exterior, é contrária ao envio de tropas para um país estrangeiro — declarou, em substância, o primeiro ministro Chu En Lai, durante o encontro com o ministro canadiano da Indústria e do Comércio, Jen

Luc Pepin. As conversações foram gravadas em 2 deste mês, em Pequim, por Rádio Canadá, que as transmitiu ontem.

Chu En Lai, respondendo a uma pergunta do ministro canadiano acerca «da situação na China e do futuro do país no mundo», declarou: «A nossa economia é ainda mais fraca do que forte... a nossa

industrialização está atrasada... a mecanização da nossa agricultura está ainda mais traseada. O nosso maior interesse — prosseguiu — reside sobretudo no desenvolvimento da indústria... temos grande necessidade de um desenvolvimento mais acelerado. A meu ver, devemos continuar a necessitar dele durante mais 20 ou 30 anos».

«Devido a isso — disse Chu En Lai — a nossa maior preocupação vai para as tarefas internas. Mas não será por essa razão que fecharemos as portas para o exterior. A nossa falta de contactos com os países estrangeiros não se deve à nossa vontade... o embargo internacional e o bloqueio são coisas por demais evidentes.

«VELHAS IDEIAS»

O primeiro-ministro chinês, Chu En Lai, tem «velhas ideias» na cabeça e não se oporia a «uma lavagem ao cérebro», segundo declarou durante uma conversação com jovens interlocutores americanos, realizada em 19 deste mês, em Pequim.

ESPIONAGEM SUSPENSA

WASHINGTON, 29 — (P. P.) — Os Estados Unidos suspenderam os voos de aviões-espiões americanos, pilotados ou sem piloto, sobre a China Popular para evitar qualquer incidente que pudesse comprometer a visita do presidente Richard Nixon a Pequim, anunciou hoje o «New York Times», citando funcionários do Governo.

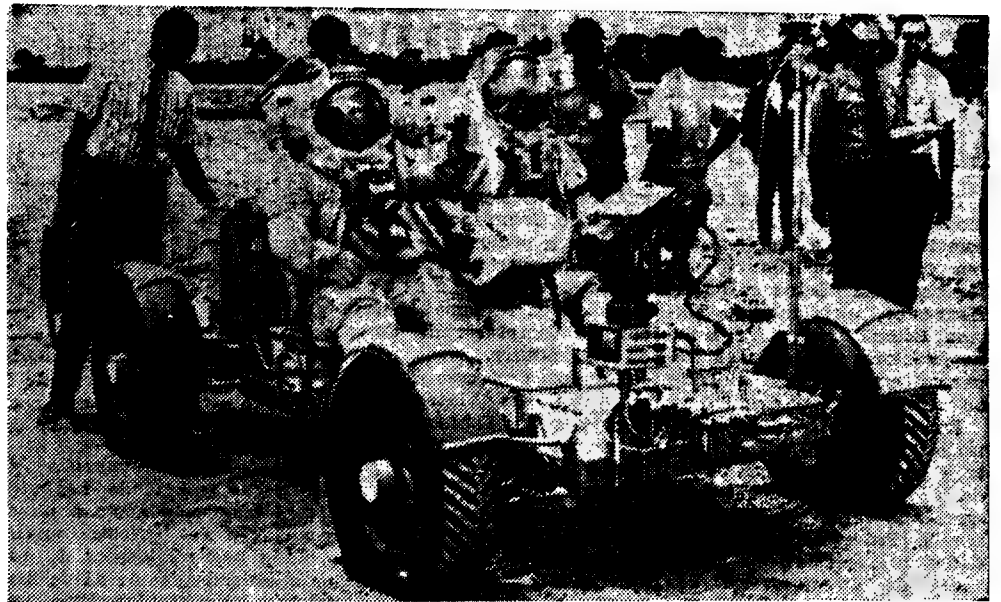
Os americanos recordam-se do malogro em 1960 da «ci-meira» prevista entre o presidente Eisenhower e Nikita Khrushchev devido à queda de uma avião U-2 sobre a União Soviética.

Os aviões-espiões U-2, pilotados por chineses nacionalistas, e SR-71, pilotados por membros das Forças Aéreas americanas com base em Okinawa, ou por civis que trabalham por conta da C. I. A., efectuam missões de informação sobre a China Popular. Pequim já protestou perto de 500 vezes contra estes voos.

Os Estados Unidos continuam, no entanto, a receber informações acerca da China graças aos satélites de reconhecimento que passam a uma altitude de 160 quilómetros e que podem, por exemplo, registar o tipo de um avião que se encontra no solo, indica o jornal.

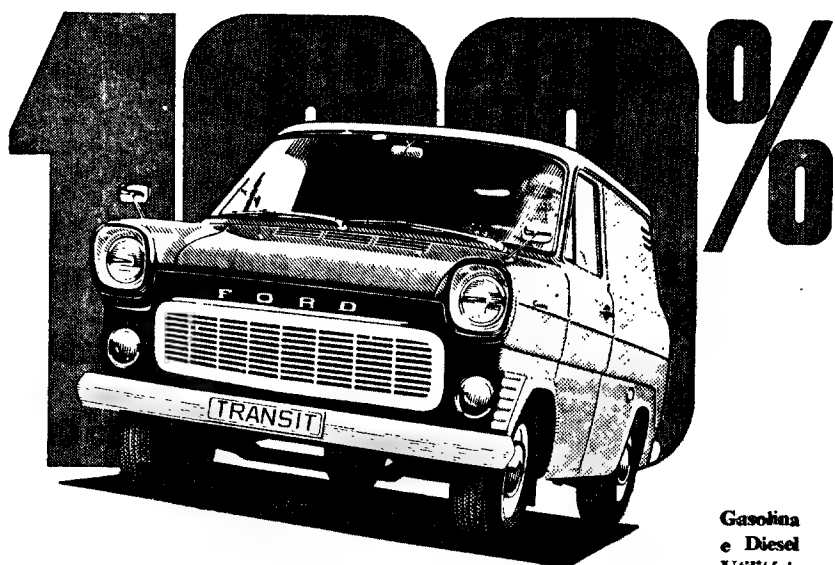
RELAÇÕES COM ANKARA

ANKARA, 29 — (F. P.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros turco anunciou ontem à noite que os governos de Ankara e de Pequim anunciarão nos próximos dias o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países. Será publicado um comunicado simultâneo a este respeito nas duas capitais.



O VEICULO LUNAR, onde Irwin e Scott passearão na Lua, durante um treino perto de Cabo Kennedy. O veículo é accionado eléctricamente e será o primeiro a ser utilizado pelas missões Apollo

Transit
as únicas comerciais 100%



não se contente com menos!

LINCURI

CONCESSIONÁRIOS

AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA

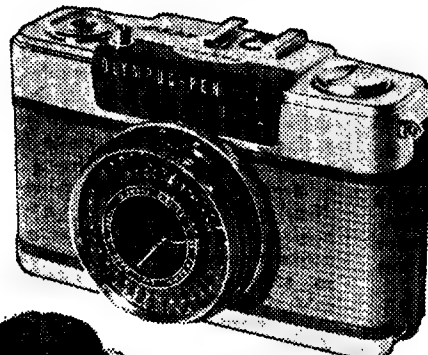
E CONCELHOS DE CASCAIS, LOURES, OELHAS, SINTRA E VILA FRANCA DE XIRA

Gasolina
e Diesel
Utilitárias
de 6 e 9 lugares



Psst... já está!

OLYMPUS
para toda a gente
uma máquina de classe



...com a minha Olympus é tão fácil e divertido fotografar. Gosto muito da Olympus, pois o papá outro dia até me deixou tirar algumas fotografias... (cá em casa, tanto eu como o papá e a mamã tirámos fotografias uns aos outros). Olympus é uma máquina para toda a gente.

OLYMPUS
sonipol
LISBOA · PORTO

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

AVISO

Concurso público para arrematação das empreitadas de construção de 291 habitações na Zona I de Chelas

Em referência ao Anúncio publicado no «Diário do Governo» n.º 169, de 20 de Julho de 1971, relativo ao concurso acima designado, informa-se que o Acto Público do concurso se realizará pelas 15 horas do próximo dia 9 de Setembro, no Fundo

de Fomento da Habitação, em Lisboa, devendo as propostas dar entrada na Repartição Administrativa do mesmo Organismo, até às 17 horas do dia 8 do mesmo mês, ou até 1 hora antes do Acto do concurso, se forem enviadas pelo correio, sob registo.

Fundo de Fomento da Habitação, em 21 de Julho de 1971.

O Presidente
Jorge Carvalho de Mesquita
Engenheiro

C. N. KOPKE & C.ª L.ª DA

EXPORTADORES DE VINHO DO PORTO

Rua de Serpa Pinto, 183 — Vila Nova de Gaia

Comunicam a todos os seus prezados Clientes e Fornecedores que, por motivo de férias do seu pessoal, encerram os seus escritórios e armazéns, desde 9 a 31 de Agosto próximo.

Vila Nova de Gaia, 29 de Julho de 1971

A «CIMEIRA» ÁRABE COMPROMETIDA

CAIRO, 29 — (A.N.I.) — A Líbia apoiada pelo Egipto, prosseguiu durante toda esta noite nos seus projectos de organizar hoje uma conferência cimeira árabe, em Trípoli, para tratar da situação na Jordânia. Mas as respostas à iniciativa líbia, na sua maioria, foram negativas.

A agência noticiosa MENA disse, numa notícia de um só parágrafo, que o presidente Anwar Sadat partirá hoje para Trípoli, a fim de tomar parte na conferência.

Não está esclarecido desde já quem mais estará presente na conferência. Origens políticas dizem, no entanto, ser se-

guro que a Síria e o Sudão, os associados do Egipto com a Líbia na «Carta de Trípoli», enviarão, pelo menos, representantes à conferência.

A única reacção oficial à proposta do chefe do Governo líbio coronel Muhammar Khadafi, em telegramas a nove chefes de Estado árabes pro-veio do Kuwait e do Líbano.

O Governo de Kuwait disse que está disposto a tomar parte numa conferência cimeira, contanto que seja precedida por uma reunião para marcar a data e o local.

O presidente do Líbano, Sleiman Frangieh, recusou o convite de Khadafi. Disse no seu telegrama ao dirigente líbio, difundido por Rádio Bei-

rute, que tinha presentemente demasiadas preocupações.

FRONTEIRA FECHADA

AMÁ, 29 — (F. P.) — A Câmara da Indústria de Amá estudou ontem as repercussões do encerramento da fronteira síria sobre a indústria jordaniana.

Um comunicado publicado no final da reunião indica que «os estabelecimentos industriais jordanianos dispõem de um «stock» suficiente de matérias-primas e produtos acabados que lhes permite satisfazer durante um período bastante longo as necessidades do mercado local e honrar os compromissos internacionais».

UMA SEMANA (INTERNACIONAL) DE HORRORES

BARCELONA, 29 — (A. N. I.) — A Quarta Semana Internacional do Filme de Terror-Horror vai realizar-se em Sitges, nos arredores de Barcelona, de 9 a 15 de Outubro. Numerosos filmes de nove países foram já seleccionados, entre os quais se distinguem «Doe Merrer», de Curtis Hanson (Estados Unidos), «O Estrangulador de Viena», de Guido Zurli (Itália), «Criaturas que o Mundo Esqueceu», de Don Chafey (Inglaterra) e «Vale-ria», de Jaromil Jures (Checoslováquia).

Tensão em Chipre

NICÓSIA, 29 — (A. N. I.) — Um informador das Nações Unidas não confirmou nem desmentiu hoje relatos de que a força de 3500 homens de manutenção da paz em Chipre estiveram em «alarme azul» — o máximo estado de alarme — desde ontem, à noite, em consequência do aumento da tensão entre as comunidades turca e grega da ilha.

«Nada de especial existe na nossa posição. Sempre mantemos a situação sob vigilância, e quando vemos os outros em movimento organizamos melhor as nossas patrulhas», disse o informador.

Testemunhas oculares dizem que a actividade das tropas da O. N. U. aumentou nas últimas 24 horas e foram concentradas mais tropas nas posições-chave da ilha.

As mesmas testemunhas di-

zem encontrar-se mais tropas da O. N. U. a patrulhar a «linha verde». Área onde cipriotas gregos e turcos têm fronteiras uns com os outros nas secções de Nicósia.

Tropas dinamarquesas de guarda a um posto das Nações Unidas em Lefkas, comunidade turca na parte noroeste da ilha, foram dobradas desde terça-feira, à noite, dizem observadores.

A tensão na ilha teve origem no assassinio de um dirigente da comunidade grega, Charalambos Taliotis, de 51 anos, ontem, de manhã, na aldeia de Akoursos, em Chipre ocidental.

Na semana passada, membros gregos-cipriotas da Guarda Nacional dispararam e feriram um pastor turco-cipriota no enclave turco de Kokkina, em Chipre ocidental, quando se aproximava de uma posição grega com o rebanho.

DIFICULDADES PARA O DOENTE DE BARNARD

CIDADE DO CABO, 29 — (R.) — O estado de saúde de Adrian Herbert continua a causar hoje preocupação aos médicos.

Adrian Herbert foi operado há quatro dias, tendo sido submetido a uma tripla transplantação dos dois pulmões e do coração. A partir de ontem, o boletim clínico do hospital Groote Schuur comunicava que, devido a dificuldades respiratórias, o doente fora submetido a uma traqueotomia.

Relatório de Agnew

WASHINGTON, 29 — (F. P.) — O presidente Nixon, recebeu ontem, durante 90 minutos o vice-presidente Spiro Agnew, que lhe apresentou um relatório acerca da missão que acaba de efectuar em onze países.

Agnew fez o seu relatório verbalmente, na presença do secretário de Estado, William Rogers e de Henry Kissinger, conselheiro estrangeiro para os Negócios Estrangeiros. Rogers e mais três membros do Governo tinham, anteriormente, ido receber Agnew, no regresso do périplo, que começou na Coreia do Sul e acabou ontem em Portugal. O presidente Nixon recebeu, mais tarde, Spiro Agnew, durante 45 minutos, na Casa Branca. Segundo o seu porta-voz, Spiro Agnew considerou a viagem «muito útil».

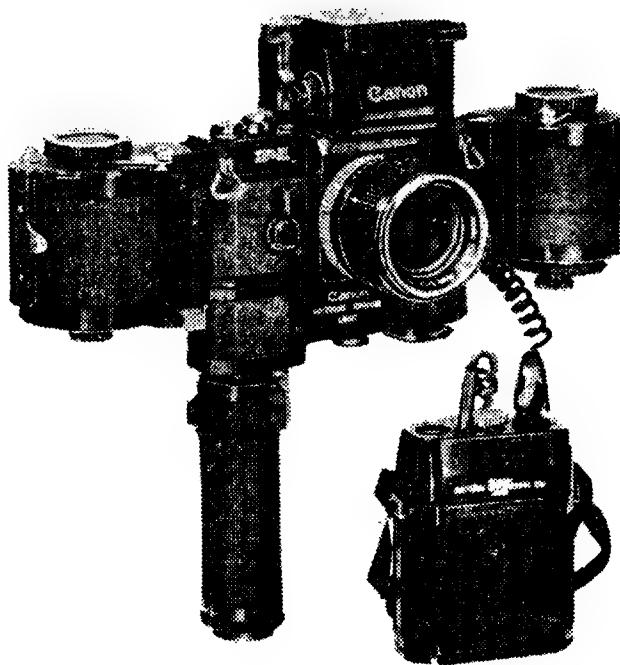
Incêndio numa central nuclear

BERNA, 28 — (R.) — A Polícia montou um cordão de isolamento em volta da central nuclear gigante de Muehleberg, onde se declarou incêndio durante a noite e garantiu aos habitantes da aquela zona que não havia perigo de radioactividade.

O incêndio que começou numa turbina fez disparar um mecanismo de isolamento do reactor atómico e, dentro de duas horas, os bombeiros tinham dominado o sinistro. Não há notícias de vítimas.

Canon F-1

ALGO DE DIFERENTE NA ARTE DE FOTOGRAFAR



CANON F-1, altamente controlada no seu rendimento, precisão e resistência, é sem dúvida uma máquina de qualidade superior. As suas excepcionais características possibilitam a sua aplicação nos mais vastos campos — desde a fotografia normal; fotografia de osciloscópio e fotocópia até à macrofotografia; microfotografia e astrofotografia.

CANON F-1 é a única máquina no mundo que oferece a possibilidade de trabalhar automaticamente sem a intervenção humana; podendo ser accionada à distância ou controlada electronicamente. A CANON F-1 tem ainda pose automática e diafragmas comandados por célula foto-eléctrica.

A CANON F-1 é constituída por cerca de 10.000 componentes e é um maravilhoso produto da ciência e da técnica do nosso tempo.

CANON F-1 — UMA GARANTIA DE SUPER QUALIDADE E DURAÇÃO.

CANON — UMA GAMA COMPLETA DE MÁQUINAS FOTOGRÁFICAS E DE CINEMA.

Informe-se nos bons estabelecimentos da especialidade

Canon F-1

sonipol • LISBOA - PORTO

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

novidades *verão 71

O COMBOIO DA MORTE

Christian Bernadec

Episódio verídico da deportação naval, o horror da realidade fielmente descrita.

Colecção OFÍCIO DE VIVER / 406 páginas / 700\$00

A GUERRA E OS HOMENS

Cholokov, Faulkner, Simonov, Hemingway e outros

A aventura dos homens lançados no turbilhão das tempestades.

Colecção METAMORFOSES / 442 páginas / 800\$00

MEU FILHO ESSE DESCONHECIDO

Louise Wilson

O drama pungente de uma mãe que tenta salvar o filho de uma doença incurável.

Colecção OFÍCIO DE VIVER

222 páginas / 550\$00

OS VAGABUNDOS / 1

Máximo Gorki

As primeiras personagens que celebrizaram Gorki; os marginais da sociedade czarista...

OBRA COMPLETA DE MÁXIMO GORKI

392 páginas / tiragem normal, 700\$00 / tiragem especial, encadernada, 1300\$00

POESIA 70

Seleção de Egito Gonçalves e Manuel Alberto Valente

A melhor poesia publicada ao longo de 1970.

246 páginas / 100\$00

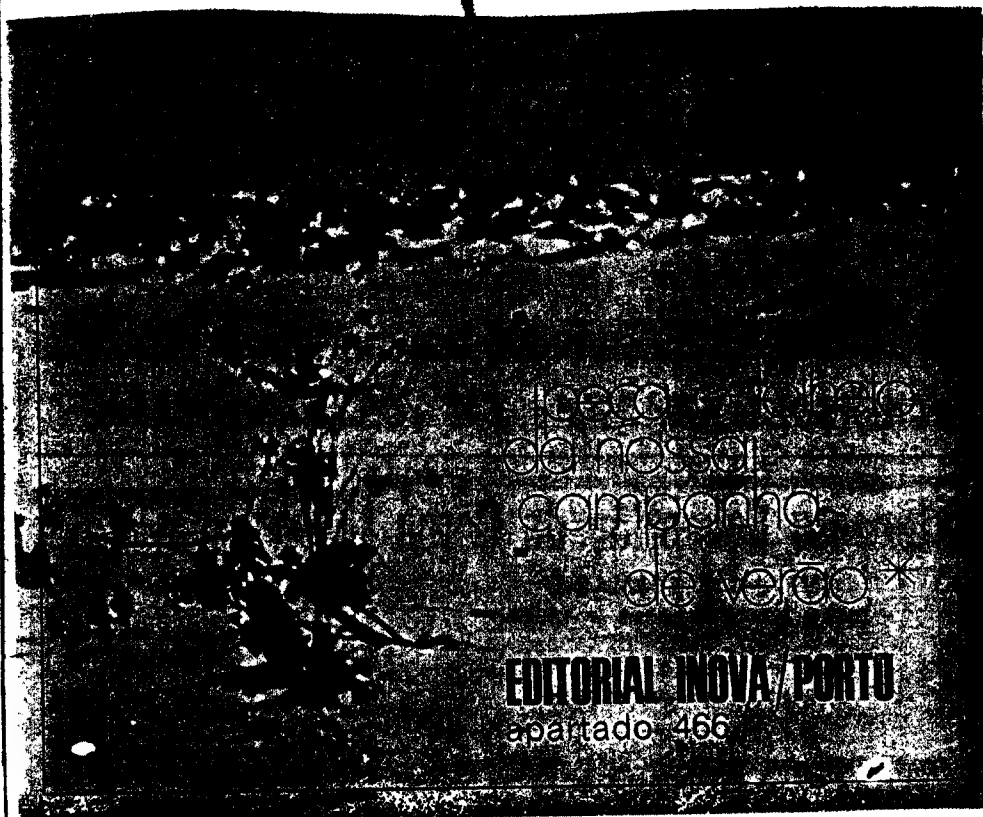
A NUDEZ DE TUA FILHA

Myron S. Kaufmann

Neste romance, famoso best-seller nos Estados Unidos, o autor aborda um assunto de interesse universal que compele a todos a pensar: o que é a nudez? E que espera ela de si própria? Uma obra notável que descreve a conquista de uma dignificação em que cabem o erotismo e a espiritualidade.

Colecção METAMORFOSES

2 volumes / 1300 páginas / 1900\$00



EDITORIAL INOVA/PORTO
apartado 466

34ª VOLTA

A PORTUGAL EM BICICLETA

GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

QUEDA (SEM CONSEQUÊNCIAS) DE MENDES NA PRIMEIRA ETAPA DE HOJE

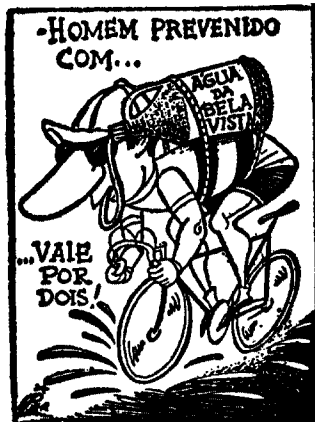
(Continuação da 1.ª página)

ta», entre Montemor-o-Novo e Abrantes, na distância de 143 quilómetros, verificou-se às 9 horas e 3 minutos.

Foi partir e logo dar início à luta, não obstante a boa velocidade inicial do pelotão. Primeiro foi o benfiquista Manuel Correia que quis experimentar forças. Talvez as suas, talvez as alheias — que nisto de corridas nem tudo o que parece é.

A fuga não resultou, mas deu lugar a outra. Vítor Rocha (Sporting), Francisco Miranda (Sporting) e João Curto (também do Sporting) atacaram «em grande», levando consigo mais cinco ciclistas de outros clubes. Mas eram sportinguistas a mais para que a coisa pudesse resultar. E não resultou.

AMBAR
arquivadores para escritório



A VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA:
LISAGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telef. 553336 - 553809

A COLIGAÇÃO SPORTING-MACIEIRA

Já se sabia. Mais ou menos... pelo menos. Mas hoje a coisa foi tão óbvia que quaisquer dúvidas ficaram perfeitamente esvaziadas. Referimo-nos à coligação Sporting-Macieira. Ela constitui um facto claro, iniludível, podendo afirmar-se que Joaquim Agostinho conta com duas equipas. O que não significa, naturalmente, que o grande corredor «leão» precise delas...

Esta manhã, por exemplo, Agostinho «foi» ao seu carro de apoio buscar instruções. E lá estava a equipa da «Macieira» em peso, ou quase, a barrar a estrada à frente do pelotão.

O facto assinala-se como mera curiosidade. Até porque há que procurar curiosidades, tão pouco elas poderão vir da incerteza do vencedor. Uma incerteza que, praticamente, quase não existe. Embora muitos penssem (esperar não, que diabo...) que Agostinho pode cair...

MANUEL LOTE EM FUGA

Pois a grande fuga veio do Sangelhos, mais exactamente do Manuel Lote. Lá como ele saiu do pelotão e foi por ali fora à descoberta do percurso, será coisa para ele contar depois. Mas foi. E com tanta força que em Coruche (47 quilómetros de corrida), o seu avanço era de 1 m. e 1 s. sobre o pelotão — para, em Almeirim, 32 quilómetros adiante, se cifrar em 4 m. e 5 s.

Entretanto, a velocidade a que a etapa estava a ser disputada podia inferir-se dos 43 quilómetros percorridos na primeira hora. Aquilo era andar mesmo...

Mantendo-se firme na determinação de contestar a fuga, Manuel Lote chega a usufruir de uma vantagem substancial: 6 m. e 5 s.

Aos 87 km, grande alvoroço na caravana: queda de um grupo de corredores, entre os quais Fernandes Mendes, Orlando Alexandre e Millard. Foi o seu companheiro António Martins quem deu a

Mendes a sua bicicleta, e o «camisola verde» lá recomeçou a marcha, com alguma dificuldade.

Entretanto, mais um ciclista sai do pelotão: é ele José Maria Nunes, do Tavira, que parte veloz em busca do fugitivo.

No Tramagal, a 10 quilómetros da chegada, a panorâmica modifica-se: Lote perde terreno e Catieux, da «Fagor», que entretanto partira em busca dos homens da frente, ultrapassa o Tavirense José Maria Nunes e surgiu 1 m. e 45 s. após o Sangelhense, parecendo capaz de o alcançar. O pelotão passou com 3 m. e 20 s. de atraso em relação ao fugitivo.



Do nosso
enviado especial
NEVES DE SOUSA

Já perto de Abrantes, Manuel Lote foi vítima de uma queda, sendo ultrapassado por Catieux, que acabou por ganhar a etapa com poucos segundos de avanço sobre o pelotão. Em 2.º lugar cortou a meta o sportinguista Firmino Bernardino, seguido por Alain Santy, Chappe, Fernando Ferreira, Valdemiro Cardoso, Joaquim Agostinho e Fernando Mendes.

O tempo do vencedor foi de 3.37.49, menos 19 segundos que o pelotão principal.

bicicleta. Mas é também a revelação, como gerente de uma grande empresa (a Volta) e como modelo de trato e de correcção.

É sportinguista, e não o esconde a ninguém: mas gosta tanto do Agostinho como do Mendes, do «Leão» como do Graça.

Para trazer os estrangelos à Volta foi quatro vezes a Paris:

— Só respirei fundo quando os vi desembarcar no aeroporto.



Corrida parada «para carro arder». E a pausa, embora não prevista, parece ter agradado aos ciclistas — entre os quais se vê Agostinho. Aconteceu ontem, a caminho de Montemor-o-Novo



Tomé de Barros Queirós, ao lado do nosso camarada Neves de Sousa



FIGURAS DA VOLTA

TOMÉ DE BARROS QUEIRÓS

É a primeira vez que Tomé de Barros Queirós se mete no campo da organização de uma Volta a Portugal em

da Associação da Publicidade, (Tomé de Barros Queirós) com a Sonarte (Artur Agostinho) que esta volta se tornou, em nível de prémios, uma coisa atraente. E foi, realmente, porque Tomé de Barros Queirós e Artur Agostinho compreenderam que o esforço dos ciclistas não pode ser pago a \$40 o quilómetro.

Dentro da «volta» mas fora da corrida

Com os 79 ciclistas a prepararem-se para iniciar a ligação Montemor-o-Novo-Abrantes, verificaram-se, na caravana, duas presenças de saudade. Foram elas as de António Augusto de Carvalho, vencedor da I Volta a Portugal em Bicicleta, e de Henrique António Pinto, oitavo classificado na mesma edição.

Eles «estiveram», conversaram, conviveram — e vestiram «as camisolas» definidoras das várias classificações aos seus portadores do momento.

Toda a gente gostou de os ver — e nós como toda a gente. Por falar em gente: aquilo é que era uma gente, nesse tempo, com «aqueles» bicicletas e «aquelas» estradas!...

Recebem-se telegramas na «Volta». Deste, daquele, daqui ou de além. E vamos salientar um, do dr. Pereira da Silva, que, a caminho de África com a equipa de futebol do Sporting, não esqueceu a «Volta» e os «volteístas». Ele fazia votos de felicidades para toda a caravana e, de modo especial, para o Sporting e... Fernando Mendes. Significativo. É que não pode haver luta quando a competição não existe.

E Mendes representa a única possibilidade — embora remota — de haver competição na «Volta» em curso.

SACHS S.I.S.-SACHS
Campeã Nacional de Motocross SACHS

«CAMISOLA AMARELA» EM «CICLOMOTORES»

Externato Sebastião da Gama

INFANTIL PRIMÁRIO
CICLO PREPARATÓRIO — LICEU
(5.º e 7.º completos)
AULAS DIURNAS E NOCTURNAS
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Av. Almirante Reis, 106, L.º — Telef. 822776/823531
(Frente à Cervejaria Portuguesa)

FRIGORÍFICOS
FOGÕES

FAGOR

AQUECEDORES
COZINHAS INDUSTRIAIS

34ª VOLTA

A PORTUGAL EM BICICLETA

GRANDE PRÉMIO ROBBIALAC

Ontem, de V. R. Sto. António para Montemor-o-Novo

O CALOR, O FOGO E O DURÃO

Aquele automóvel a arder não estava no programa... mas estava lá, na estrada... cascos quilómetros percorridos, a impor respeito e paragem. Que a houve. Foram cinquenta longos minutos à

espera que o carro ardesse, que o perigo passasse, que os ciclistas retomassem a prova. E houve neutralização, é claro. De trinta dos 225 quilómetros previstos. (O que não impediu, acrescenta-se,

que os «voltistas» tivessem percorrido 207 quilómetros de corrida-mesmo-corrida até chegarem a Montemor-o-Novo — que isto de contas quilométricas é assim).

Fugas e mais fugas

O certo é que a extensão, o calor e o esforço consequente não foram bastantes para assustar toda a gente. Se, antes, antes do incêndio e da neutralização, tinha havido intentos e fugas, fugas e intentos continuaram a processar-se.

Veio a confusão para o «Prémio da Montanha» (4.ª categoria que foi ganha por Firmino Bernardino (Sporting), com João Pinhal, do Benfica, em segundo e Joaquim Leite, do F. C. Porto, em terceiro), e José Ascasibar (F. C. Porto) e Manuel Mestre (Tavira) foram por ali fora a ver se calhava. Não calhou, e o pelotão estava atento e pouco disposto a conceder bônus.

Mas o insucesso de uns constitui plataforma de intento para outros. Ciclismo é assim. E pouco depois é José Luís Pacheco (F. C. Porto) quem arranca do meio daquela gente toda, havendo «na roda» Regis Deliphine («Fagor»), Emílio Ferreira (Benfica) e Vítor Rocha (Sporting). Próximo de Mértola (71 quilómetros «oficiais») já eles levavam um avanço, substancial, de 8 minutos e meio.

Foi quando o Sporting e Agostinho disseram «já chega». A perseguição em forma iniciou-se e os fugitivos foram apanhados muito antes da passagem por Beja. Outra vez tudo na mesma. Outra

vez o pelotão à frente. Outra vez tudo à espera.

Aí «seu» Guillaume!

...Uma espera que não foi grande. É que o francês Serge Guillaume, da «Macieira», pôs nas pernas o que trazia na cabeça. E arrancou com tal determinação que a sua fuga foi mesmo fuga, chegando aos 8 minutos e tal de vantagem. Para acabar antes da meta. O calor e o cansaço tiveram mais força que a força de ânimo do francês. Ele foi apanhado, primeiro por Vla-



Manuel Durão, do Sangalhos, após a sua vitória na etapa de ontem

dimiro Cardoso, da Ambar, que entretanto descolara do pelotão; depois pelos outros — chegando a Montemor-o-Novo onze minutos depois do primeiro e a pedir que o levassem «já, já» ao hospital.

Poucas vezes, em ciclismo, o tentar é sinónimo de vencer. Mas o esforço do ciclista da «Macieira» foi belo e mereceu respeito. Ele lutou até à exaustão, deu tudo o que tinha para dar — e, quando

assim é, não pode exigir-se mais. Há que acenar e bater palmas.

E Durão pedalou «no duro»

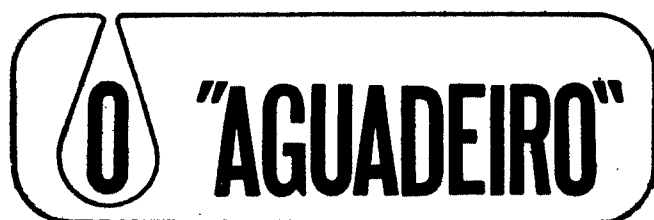
Com Vladimiro Cardoso na frente Guillaume apanhado e ultrapassado pelo pelotão a 23 quilómetros da meta, a etapa parecia poder resolver-se a favor do ambarista. Parecia mas não podia. É que, a escassos quilómetros de Montemor-o-Novo, Manuel Durão, do Sangalhos, resolveu fazer jus ao nome: ele foi realmente duro a pedalar, depois de sair do pelotão feito bólide. Ultrapassou o Vladimiro num instante e depois lançou-se à procura da meta — que viria a atingir, isolado, fixando a média da tirada nuns excelentes 36,288 quilómetros-hora. Honras e proveito para Durão e para esse Sangalhos com tradições do tamanho da ponte sobre o Tejo

CLASSIFICAÇÃO DA ETAPA

V. R. St.º António Montemor-o-Novo

- 1 M. Durão (Sang.) 5 37 18
- 2 Bernardino (Sp.) 5 37 30
- 3 A. Santy (Bie) 5 37 32
- 4 F. Mendes (Bf.) 5 37 36
- 5 F. Ferreira (Cl.) »
- 6 J. Leite (Porto) »
- 7 Agostinho (Sp.) .. »
- 8 João Pinhal (Bf.) »
- 9 Cel. Oliveira (S.) »
- 10 F. Valada (Am.) »

Depois, e até ao 54.º, todos com o mesmo tempo.



SOLTEIRO E BOM RAPAZ

Severino (do Tavira) tem 20 anos, é solteiro e, acrescenta sempre: «bom rapaz». Na corrida traz o n.º 87:

—...e em Castro Verde, que é a minha terra, todos torcem cá pelo Severino.

Manuel Severino veio dos campeonatos amadores. E nessa condição disputou o recente prémio «Riopedes».

—A minha profissão, é de ajudante de camioneta. Ando de baixo para cima só com carregamento de gasosas.

José Madeira, uma das vedetas do Ginásio de Tavira, mete a «colherada» na conversa:

—No Ginásio, os profissionais recebem 1600\$00, mas pagam o material da sua algarbeira. Ora, ainda outro dia, parti quatro rodas e um quadro: fico dois meses a desconstar para o nada...

O Severino começa a estar adaptado à corrida do Agostinho: «eu já imaginava que isto era difícil. Mas nunca pen-

sei que fosse tanto. A «Volta» é mesmo dura.»

Severino tem já as suas ideias.

—As equipas nacionais não estão muito à vontade. Se os estrangeiros combinarem tudo bem, isto vai ser um osso para o Agostinho.

O José Madeira voltou ao ataque:

—É claro que a gente tem de dizer a verdade: o Agostinho é muito bom. Mas não tem equipa: só lá vejo o Firmino. E os estrangeiros estão a sair à vez. Olhe que ainda vai haver uma grande surpresa!

Quarto classificado no prémio «Casal», José Madeira tem 25 anos e é profissional desde 1965. Esteve três anos ausente do ciclismo: «Mas sou aqui como o Severino, solteiro e bom rapaz.»

Todavia, Madeira, no regresso à estrada, já tem direito a servente para a água: Severino é o seu assistente.

Contrato assinado

Agostinho mais três anos no Sporting

Foi ontem, em Évora, onde a equipa do Sporting ficou instalada: Joaquim Agostinho assinou contrato com o Sporting por mais três anos.

E pronto, foi tudo. Os comentários ficam para depois (e para quem os quiser) sobre o passo (bom, mau, assim-assim) que o campeão português acaba de dar.

Entretanto — e ainda como parte integrante da notícia — assinale-se que o contrato foi firmado na presença do dirigente «leonino» António Salote e na de Ana Maria, esposa de Agostinho, que ontem o foi visitar àquela cidade alentejana.

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno...rega todas as culturas.

ASPERSORES de jacto raso de jacto simples de grande alcance — de rega em sector — de jacto duplo (para chorume, modelo especial)	TUBAGEM transportável, com acoplamento rápido, articulado. pressão de serviço 20 kg/cm²	INSTALAÇÕES DE REGA POR ASPERSÃO • transportáveis • semi-fixas • totalmente fixas MATERIAL P. FERTIRRIGAÇÃO • EQUIP. P. ESTABULACOES • rega de humedecimento • rega contra geadas • rega com estrume líquido — projectos para: agricultura e pecuária	MOTO BOMBAS ELECTRO BOMBAS BOMBAS P. TRACTOR grandes stocks	VIATURAS — CISTERNA para aspiração automática e aspersão de estrumes líquidos. capacidades: 1700 a 4500 litros
---	--	---	---	--

At Serviço Informativo ENG. GUSTAVO CUDELL Apartado, 246 - Porto Quem enviar-me literatura sobre:

- ☐ Rega de humedecimento;
- ☐ Rega com chorume;
- ☐ Equip. p. instalações;
- ☐ Viaturas cisternas;
- ☐ Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal!... adquira V. Ex.ª também UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

ENG.º GUSTAVO CUDELL

• DIVISÃO O.P. • DIV. REGA • DIV. MÁQUINAS • DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS •
PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723

LISBOA - Rua Passos Manuel, 69-A
Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439

COMUNICADO

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES
JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, LDA.

informa todos os seus amigos, clientes e fornecedores que transferiu as suas instalações para:

Quinta da Francelha de Baixo
(à Rotunda da Encarnação) SACAVÉM

com os telefones 2522665, 2522666, 2522667 e 2519976

ficando os serviços de contencioso e bancários a funcionar na

RUA ANDRADE CORVO, 27, 7.º, ESQ.º
Telefone 562214 LISBOA

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 2.ª página)

Cajão) e situaram desde logo no primeiro plano dos mais novos escritores portugueses.

Sim, senhor. Continuemos. Maria Ondina Braga, a quem foi atribuído agora o prémio da Academia das Ciências, ficou a saber que viveu em Londres, Angola, Goa (de onde foi a última europeia a ser expulsa), seguindo depois para Macau, onde conviveu principalmente com chineses, com quem muito aprendeu, ao contacto da sua civilização da sua maneira de viver.

A perguntas de Luís Cajão, respondeu que não vive só de escrever: faz traduções e ensina inglês. Não é uma mulher desencantada, amargurada, solitária, embora tivesse escolhido a solidão. Pelo contrário, até é uma mulher alegre, com uma grande capacidade de solidariedade humana. Quanto à crítica literária... Bem, mas vale a pena transcrever, com a devida vénia, as palavras de Cajão:

— No que se refere a crítica literária, assiste-se neste momento em Portugal, a uma certa crise de opinião, a um espírito agressivo, mordaz, contudente, um choque de gerações nem sempre muito cordato, nem sempre muito justo...

Estas expressões, só por si, não dariam para pensar, mas dariam para fazer rir. Dariam, para rir mais ainda quando, depois de Maria Ondina ter encarecido o papel da crítica apresentando-a como um prolongamento da obra literária, Cajão comentou:

— Tudo isso está muito certo. Nos nos podemos no entanto esquecer que a obra literária, para existir, não necessita da crítica, ao passo que a crítica precisa sempre da obra literária para existir. Parece-me ser esta a diferença essencial!

Ah, belo desarranque! Assim é que é falar, Luís Cajão! Chega-lhe para o tabaco a essa crítica que se faz para ai num choque de degeneração desculpem!, de geração! E nunca as mãos lhe doam no ato de criar falsos problemas. Temos tão poucos...

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CAMINHOS-DE-FERRO

TRANSPORTE DE MERCADORIAS SOBRECARREGADAS COM REEMBOLSO

Comunica-nos a C. P. que desde o dia 1 de Julho entrou em vigor nova Tarifa de Reembolsos

Esta Tarifa dá novas facilidades ao Público e em especial aos comerciantes, pois permite agora a expedição de remessas sobrecarregadas com reembolso

até ao valor de 50 000\$00, em vez de 10 000\$00 como anteriormente. Encarregando-se o Caminho-de-Ferro da cobrança dessas importâncias junto dos respectivos consignatários e da sua entrega aos expedidores das remessas entregues ao consignatário no acto da cobrança do reembolso.

Os utentes desta modalidade de serviço deverão apresentar, juntamente com a declaração de expedição da remessa, recibo devidamente selado e assinado pelo expedidor.



ALFREDO RODRIGUES GASPAR
MISSA DO 30.º DIA

A sua família participa que na Sexta-feira, dia 30, pelas 12 horas, será rezada missa na Igreja de São Sebastião da Pedreira pelo eterno descanso da sua alma e desde já agradece a quem se digne assistir.

Boisa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etes.	Compre	Vende	Ultramarinas	Etes.	Compre	Vende
Consolidado 2 3/4% ...	452\$	450\$	453\$	Ag. S. Tomé e Príncipe...	—	195\$	200\$
Consolidado 3% ...	470\$	469\$	471\$	Bazar ...	—	—	—
Consolidado 3 1/2% ...	590\$	590\$	—	Buzi ...	70\$	70\$	—
Centenários 4% ...	1.322\$	1.320\$	1.323\$	Caia ...	—	—	90\$
Órigo Tesouro 5% ...	—	—	1.000\$	D. António ...	1.820\$	1.800\$	1.830\$
Externo 1.ª Série ...	—	575\$	—	H. E. Rovus ...	—	—	610\$
Externo 2.ª Série ...	—	585\$	—	Ilho do Príncipe ...	—	570\$	700\$
Externo 3.ª Série ...	700\$	700\$	750\$	Moçambique ...	—	—	—
Externo 3.ª Série ...	—	165\$	—	Sonete ...	390\$	—	—
Externo 3.ª Série ...	—	—	—	Sonete p. ...	395\$	391\$	400\$
Externo 3.ª Série ...	—	—	—	Zambézia ...	—	—	—
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua Lisboa 5% ...	—	—	—	Ciclo ...	—	—	—
A. P. 1 5% 56 ...	—	870\$	—	Cim. Leito ...	—	—	4.400\$
A. P. 1 5% 58 ...	—	830\$	—	Cim. Tejo ...	—	—	8.600\$
C. P. 4 1 1/2% 65 ...	—	950\$	—	Com. Navegação ...	—	1.480\$	1.490\$
C. P. 5 1 1/2% 67 ...	960\$	950\$	—	C. U. F. ...	—	1.450\$	1.550\$
C. U. F. 6% ...	—	910\$	—	TAP ...	1.440\$	—	1.440\$
C. U. F. 6% 68 ...	920\$	920\$	—	Ind. Alcança ...	—	—	—
Gás Electr. 4% 51 ...	—	870\$	880\$	Nac. Navegação ...	—	3.600\$	—
Gás Electr. 5% 52 ...	—	—	—	Petroquímica ...	1.110\$	1.110\$	1.15\$
Gás Electr. 5% 53 ...	—	—	855\$	Port. e Colónias ...	—	—	970\$
Gás Electr. 5% 59 ...	—	840\$	—	Port. Celulose ...	3.800\$	—	3.800\$
Gás Electr. 5% 62 ...	—	961\$	—	Port. Pesca ...	—	530\$	545\$
Gás Electr. 5% 63 ...	—	961\$	970\$	Port. Tabacos ...	—	—	3.850\$
Gás Electr. 5% 65 ...	—	—	—	Siderurgia Nac. ...	3.850\$	2.420\$	2.440\$
Gás Electr. 5% 67 ...	—	985\$	—	Socel ...	2.420\$	—	3.250\$
H. E. Alentejo 5% ...	—	745\$	—	Tabacos de Portugal ...	—	—	6.100\$
H. E. Cávado 5% ...	—	—	—	Tabacaria ...	—	—	590\$
H. E. Cávado 6% ...	975\$	—	—	U. F. Azoto ...	580\$	—	—
H. E. Douro 5% ...	—	—	—				
H. E. Douro 6% ...	985\$	—	—	Agua, Elect. e Gás			
H. E. Norte Port. 5% ...	—	—	—	Agua Lisboa p. ...	—	390\$	—
H. E. S. Estrela 5% ...	—	940\$	—	Agua Lisboa 34 ...	—	410\$	425\$
H. E. Zêzere 5% 55 ...	—	780\$	—	Agua Lisboa 36 ...	—	390\$	—
H. E. Zêzere 5% 57 ...	—	775\$	—	C. P. Electricidade ...	1.126\$	1.125\$	1.127\$
Lisboa 6% ...	—	950\$	970\$	C. P. Electricidade n. ...	—	—	1.30\$
Metropolitano 4% ...	—	—	—	C. P. Electricidade 969 ...	—	—	—
Metropolitano 5 3/4% ...	—	970\$	—	Elect. Beiras ...	—	1.680\$	1.750\$
Moçambique 5% ...	—	—	660\$	Gás Electr. ...	368\$	367\$	370\$
Nac. Elect. 5% ...	—	720\$	750\$	H. E. Alentejo ...	179\$	178\$	179\$
Nitratos 5% ...	—	720\$	750\$	H. E. Norte Portugal ...	—	230\$	—
Petroquímica 5% ...	—	855\$	—	H. E. S. Estrela ...	—	—	—
Port. Celul. 5% ...	935\$	935\$	940\$	Nac. Electricidade ...	191\$	190\$	192\$
Sacar 5% 54 ...	—	835\$	—				
Sacar 5% 60 ...	—	720\$	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Siderurgia 5% 2.ª ...	—	—	—	F. I. Atlântico ...	—	195\$	201\$
Siderurgia 5% 3.ª ...	—	—	—	F. I. D. E. S. ...	—	128\$	131\$
Siderurgia 5% 4.ª ...	—	—	—				
Sonete 5% ...	—	810\$	—				
Termoelect. Port. 5% ...	—	900\$	—				
U. E. P. 3 3/4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4% ...	—	—	92\$				
U. E. P. 4 1/2% ...	—	—	—				
U. E. P. 5% ...	75\$	90\$	—				
U. E. P. 5% 60 ...	—	75\$	—				
U. E. P. 5% 63 ...	—	—	—				

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex. 471 ALAPI P

ACCÕES			
Banco			
Agricultura ...	2.100\$	2.100\$	2.110\$
Alentejo ...	1.115\$	1.115\$	1.120\$
Angola ...	4.080\$	4.020\$	4.100\$
Burnay ...	—	—	—
Créd. Predial ...	7.350\$	7.330\$	7.450\$
E. Santo ...	6.640\$	6.635\$	6.640\$
E. Santo n. ...	—	—	—
Fonseca s. p. ...	24.900\$	24.700\$	25.500\$
Fomento ...	—	2.700\$	2.800\$
L. & Açores p. ...	—	—	—
L. & Açores n. ...	—	—	—
P. Atlântico p. ...	6.450\$	6.430\$	6.470\$
Portugal n. ...	—	—	3.620\$
Portugal p. ...	—	4.000\$	4.080\$
Totta Alcança ...	6.970\$	6.960\$	6.975\$
Ultramar n. ...	4.000\$	3.980\$	4.005\$
Ultramar p. ...	4.350\$	4.320\$	4.370\$

Seguros			
Alentejo ...	138\$	137\$	139\$
Douro ...	—	—	—
Mundial ...	—	—	980\$
Sagres ...	—	3.000\$	3.500\$
Tranquilidade ...	—	76.000\$	—
Ultramarina ...	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola ...	—	—	740\$
Ag. Casseque ...	680\$	675\$	685\$
Ag. Incomati ...	—	—	1.800\$
Ag. Neves ...	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO			
COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65 100)			
	22-7-71	28-7-71	29-7-71
GERAL	152,0	149,6	148,6
METROPOL.	149,5	147,5	146,8
ULTRAM.	170,2	165,1	162,0

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35\$00	37\$50
Alemanha — Marco ...	8\$00	8\$35
América:		
— Dollars de 1 e 2 ...	27\$80	28\$30
— de 5 a 20 ...	28\$10	28\$60
— de 50 a 100 ...	28\$20	28\$70
Argentina — Peso Novo	4\$00	5\$50
Austria — Schilling	5\$4	1\$9
Bélgica — Franco	5\$6	5\$9
Brasil — Cruzeiro	3\$50	4\$80
Canadá — Dólar	27\$30	27\$90
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Espanha — Peseta	40,5	42
Frância — Franco	5\$00	5\$30
Holanda — Florim	7\$85	8\$20
Inglaterra — Libra	68\$00	70\$00
Itália — Lira	504,4	504,7
Marracos — Dirhan	5\$00	5\$60
Noruega — Coroa	5\$35	5\$65
Suécia — Coroa	3\$85	4\$5
Suíça — Franco	6\$85	7\$10
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabe	500\$00	520\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305\$00	325\$00
Ouro fino — Barra	37\$50	39\$50

J. BURNAY, L.ª Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Tel. 231278

SINTRA ESPERO-NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



Ruy de Almada Pereira Burguete
PARTICIPAÇÃO DE FUNERAL

Maria Manuel Arega da França Machado Burguete, Isabel Maria França de Almada Burguete Rodrigues e seu marido Francisco Simões Rodrigues, Rui Manuel da França de Almada Burguete e sua mulher Maria João Ogando Rodrigues Pereira de Almada Burguete e mais família cumprem o doloroso dever de participar que o funeral se realiza amanhã dia 30 da Capela de Santana na Cidade de Abrantes, para jazigo de família no cemitério local. A hora a determinar será celebrada missa de corpo presente na referida Capela.

AGÊNCIA SALGADO — TELEF. 48258

CARTAZ DOS CINEMAS



EDEN
Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.30
(Grupo A - 6 anos)
O brinde das Férias para todos, à tarde e à noite
Uma maravilha de Walt Disney
O MUNDO MARAVILHOSO DE MICKEY
TECHNICOLOR

APOLO 70
Tel. 763319
Av. Julio Dams
(Grupo D - 18 anos)
4.ª SEMANA
As 14.30, 16.45 e 21.45
A REVELAÇÃO DO CINEMA CHECOSLOVACO
«OS AMORES DE UMA LOIRA»
Uma obra-prima de MILOS FORMAN

As 19 h.: **DOIS VULTOS NA PAISAGEM**, de Joseph Losey com Robert Shaw e Malcolm McDowell (adultos)

SÃO JORGE
Grupo D - M. 18 anos I. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª Semana de «Sussex»
AGENCIA DE VIGARICES
com Sidney James e os «pândegos» do costume!

LIDO
Tel. 937593
ENTRE A HONRA E O AMOR
c/ Gregory Peck num filme cruel e de bruta realidade

LIZ
As 21 (17 anos) Tel. 48560
QUE BELO PATIFE O HOMEM, A MULHER E O DINHEIRO

EUROPA
Tel. 661016
No mundo destruído surgiu um mundo novo!
O SEGREDO DO PLANETA DOS MACACOS
com Charlton Heston e Kim Hunter
As 15.15 e 21.30 h.
Panavision - Colorido
2.ª SEMANA
(Grupo C - 14 anos)

CONDES
As 14.15, 18.30, 18.45 e 21.45
2.ª SEMANA
(Grupo D - M. 18 anos)
As nupcias sobrenaturais de vampiros sanguinários
AMORES DE VAMPIROS
com Jonathan Fried e Crayson Hall

SAO JORGE
Tel. 327172
(Grupo D-18 anos)
As 15.15, 18.15 e 21.30
Numa selecção dos mais recentes êxitos, hoje um filme na linha de «Easy Riders» com Jack Nicholson
DESTINOS OPOSTOS
(Five Easy Pieces)
TECHNICOLOR

AMANHÃ (Grupo B-18 anos)
QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?
com Richard Burton e Elizabeth Taylor

ALVALADE
Tel. 717480
As 15.30 e 21.45
Panavision - Technicolor
(Grupo B - 10 anos)
Uma aventura para satisfação e alegria de todo o público
A FAMILIA ROBINSON
com John Miles e Dorothy McGuire

BERNA
(M. 10 anos) Tel. 776098
3.ª SEMANA
As 18.30 e 21.45
Woody Allen e Janet Margolin na sensacional comédia colorida onde o imprevisível acontece sempre!
O INIMIGO PÚBLICO
Um êxito de gargalhada! - Ar condicionado -

RESTELO
Tel. 610375
Grupo B (M. 10 anos)
As 21.30 h.
UM HOMEM E A SUA HISTÓRIA
c/ Alberto Finney e Lisa Minelli

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 26482176
As 17 e 21.30 h.
TER OU NÃO TER
c/ Humphrey Bogart e Lauren Bacall

POLITEAMA
Tel. 426305
NOVOS FILME DO CICLO SEMANA DO BOM COWBOY
4 SESSOES a preços especiais
As 14.30 e 17 horas:
OS DOMINADORES
(Col.) com John Wayne (Grupo A-Maiores 6 anos)
As 19 e 2 horas:
O COMBOIO APITOU 3 VEZES
com Gary Cooper e Grace Kelly (Grupo B-Maiores de 10 anos)

ESTUDIO 444
As 18.30, 18.30 e 21.45 (adultos)
9.ª SEMANA
A obra-prima de Antonioni
DESERTO VERMELHO
(Versão integral)
com Monica Vitti e Richard Harris
TECHNICOLOR

VOX
Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
2.ª SEMANA
MORAL PRIVADA
Um filme de Luigi Comencini com Philippe Leroy e Paola Pitagora
AR CONDICIONADO

ROMA
Tel. 727778
(Grupo B - M. 10 anos)
As 15.30 e 21.45 h.
VE SE TE AVIAS
com Robert Wagner, Mary Moore e Glynis John
TECHNICOLOR

ODEON
Telef. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e às 21.30 h.
Em 15.ª semana triunfal
O ARROJADO FILME
A PISCINA
com Alain Delon e Romy Schneider

LUMIAR
Tel. 795296
As 21 h.
Grupo B (M. 10 anos)
OS BOTENINKS
O REBELDE AVENTUREIRO

AVIS
Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
(Grupo C - M. 14 anos)
ROMEU E JULIETA
Whitng TECHNICALOR
com Olivia Husson e Leonard

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 528743
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA TRIUNFAL
Julie Christie, Michael Serrano e John Hurt, na história de uma mulher que queria apaixonar-se...
CONVITE AO PECADO
Technicolor
Portentosa realização de Peter Wood
(Metro: Estação Picoas)

MONUMENTAL
As 15 e 21.30 Tel. 555131
(Grupo B - 10 anos)
No écran gigante - 70 mm
O FILME

A CONQUISTA DO OESTE
Hoje às 18.30 - UM ELEFANTE CHAMADO POLE-POLE
(Grupo A - M. 6 anos)

SATÉLITE
(Adultos) Tel. 562882
As 15.30, 18.30 e 21.45
23.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

TIVOLI
(Grupo D-18 anos) Tel. 50596
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Um filme policial, empolgante:
A TESTEMUNHA
com Mark Lester, Lionel Jeffries, Susan George e Peter Vaughan.

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 821933
As 21 horas
OS CRIMES DE DILINGER
MARISOL E O TOUREIRO
ROYAL
(Adultos) Tel. 865037
As 15 e 21 h.
TEPEPA
QUE TAL A MINHA IRMÃ

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS
LAURA ALVES - As 21 e 45: «56 as borboletas são livres» (17 anos).
MONUMENTAL - As 21 e 45: «Uma cama para toda a gente» (17 anos).
GIL VICENTE - As 22: «Ivone - princesa de Borgonha» (17 anos).
CAPITÓLIO - As 2 e 45: «Quem não mamã» (17 anos).
CINEMAS
OLIMPIA - As 19: «Estrela negra» (10 anos).
CINEARTE - As 21: «Gringo não perdoa» (10 anos).
IDEAL - As 21: «O belo, o bruto e o cretino» (10 anos).
SALA LISBOA - As 21: «O caso da janela roubada» (10 anos).
PARIS - As 21: «Paixões» (17 anos).
ARCO IRIS - As 21: «O grande silêncio» (12 anos).
JARDIM - As 21: «10.000 dólares para um massacre» (17 anos).
MOSCAVIDE - As 21: «Comecem a combater sem mim» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS - STADIUM - As 21 e 30: «Sete noivas para sete irmãos» (12 anos).
CARCAVELOS - VITÓRIA - CINE - As 21 e 30: «Viva Maria» (17 anos).
OBRAS - OBRAS-CINE - As 21: «O jogo do crime» e «As 30 Winchester» (10 anos).
ESTORIL - CASINO - As 17 e 21 e 30: «Ter ou não ter» (17 anos); PALÁCIO - As 21 e 30: «Desafio às Agulhas» (10 anos); ESPANADA - As 21 e 30: «A chave» (12 anos).
CASCAIS - S. JOSÉ - As 21 e 30: «Os reis da gargalhada» (6 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA - D. JOÃO V - As 21 e 30: «O manequim destituído» (17 anos).
VENDA NOVA - CINE-PORTUGAL - As 21 e 15: «Justa vingança» e «Diaburas de Cristina» (10 anos).
MEM MARTINS - CINE-CHABY - As 21 e 30: «Perdido no deserto» (10 anos).
Outra Banda
ALMADA - INCRIVEL - As 21 e 15: «As tulipas de Harlém» (14 anos).
COSTA DA CAPARICA - COPACABANA - As 21: «Os amantados» e «Os 3 super-homens» (17 anos).
PORTO
CINEMAS
SÃO JOÃO - As 21 e 30: «Elo não bebe, não fuma, mas...» (17 anos).
COLISEU - As 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos).
RIVOLI - As 21 e 30: «Jovens fugitivos» (18 anos).
BATALHA - As 21 e 30: «O Gigante» (12 anos).
AGUIA D'OURO - As 21 e 30: «Os mandos de Elisabeth» (17 anos).
TRINDADE - As 21 e 30: «A grande comédia é volta do Mundo» (10 anos).
ESTÚDIO - As 21 e 30: «Paixões» (17 anos).
CARLOS ALBERTO - As 21 e 30: «Duelo de morte» e «Submarino X-1» (10 anos).
VALE FORMOSO - As 21 e 30: «José do Telhado» (10 anos).
JULIO DINIS - As 21 e 30: «Viva para a tua morte» (17 anos).
OLIMPIA - As 21 e 30: «Dois anjinhos no Rio» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO - As 21 e 30: «O anjinho» (17 anos).

COIMBRA

AVENIDA - As 21 e 30: «Cocadores de escalas» (17 anos).
ESPLANADA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS - As 21 e 45: «Os sete magníficos» (10 anos).
TRINDADE
F. N. A. T.
APRESENTA
Hoje, às 21.15 - 5.ª RÉCITA
(Grupo B - 10 Anos)
BOÊMIA
de Puccini
Maestro: SILVA PEREIRA
Encenação: TOMAZ ALCAIDE
ELENCO
Ana Logos, Elsa Saque, Hugo Casais, Carlos Jorge, Manuel Leitão, Álvaro Malta, Mário Oliveira
SABADO, 31 - ÚLTIMA RÉCITA DA «BOÊMIA»
PASSAPORTES
WASTEELS EXPRESSO
Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C - Lisboa - Tel. 42185
Rua Caminhos de Ferro, 62 - C - Lisboa - Tel. 868588

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H
AJUDA - Lopes, Rua do Cruzado, 117 (telefone 633288) • Boa Hora, Rua dos Quartéis, 25 (telefone 537777).
ALFAMA - Arnell, Rua das Escólas Geras, 88-A (telefone 863940).
ALTO DO PINA - Ziemel, Rua Morais Soares, 56-C (telefone 847708).
ALTO DE S. JOÃO - Nave Lux, Rua Domingos Jardo, 28-A (Av. Afonso III) (tel. 843439).
ALVALADE - Alvalade, Avenida da Igreja, 8-A (tel. 712070) • Neoterapia, Campo Grande, 38 (tel. 774682) • Paris, Rua Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pólo de Água) (telefone 710131) • Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (tel. 710465) • Ideal, Avenida Gago Coutinho, 49-A (tel. 712803) • Onilda, Avenida João XXI, 13-A (tel. 726848).
ANJOS - S. José, Rua dos Anjos, 41-A (telefone 50730).
AREIRO - Vera Cruz, Pr. Afonso Peixoto, 2-B (telefone 724941).
ARROIOS - Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (telefone 45079).
AVENIDAS NOVAS - Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (t. 40592).

Miranda, Campo Pequeno, 36-B (tel. 770776).
Candeira, Avenida Duque de Avila, 32-C (é esquina da Avenida da República) (telefone 43495).
Universal, Rua Actor Taborda, 5 (tel. 44158).
BAIRRO ACTORES - Nebel, Rua Actor Vale, 53 (á Fonte Monumental) (tel. 84252).
BAIRRO AMÉRICA - Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (tel. 849448).
BAIRRO DAS COLÓNIAS - Colonial, Rua Forno do Tijolo, 40 (tel. 841122).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO - Zire, Praça das Casas Novas, lote 66 (tel. 310172).
BAIXA - Centro Farmacêutico, Rua dos Portos de Santo António, 86 (tel. 321211) • Usita, R. da Vitória, 21 (telefone 323793).
BENFICA - Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (tel. 702532) • Sousa, Estrada de Benfica, 429 (tel. 780027).
CAMPOLIDE - Central, Rua General Taborda, 17 (tel. 680304).
CAMPO PEQUENO - Miranda, Campo Pequeno, 36-B (á Av. Sacadura Cabral) (tel. 770776).
CAMPO DE OURIQUE - Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C (tel. 650760).
Porfírio, Rua Francisco

Metross, 59 (tel. 663349).
CARNIDE - Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (tel. 780181) • Benfita, Estrada de Benfita, 678 (tel. 702532).
CONDE REDONDO - Salutar, Rua Conde Redondo, 9-A (á Gomes Freire) (tel. 533411).
ESTRELA - Paisas & Parente, Rua de Santo António, 98 (tel. 665196).
LAPA - Silva, Rua S. João da Mata, 72 (tel. 661010).
LUMIAR - Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (t. 790942) • S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (tel. 790704).
MARVILA - Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (tel. 381612).
OLIVAIS - S. Paulo, Rua 2, lote 23 (Olivaes Sul) telefone 31 07 11; Higien, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivaes Sul) telefone 310026).
PICHELEIRA - Marlux, 140-B (tel. 720703-728395).
POÇO DO BISPO - Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (tel. 381612).
REGO - Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (tel. 773728).
RESTELO - Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (telefone 610256).
Teresa, Rua Rodrigues Rei-

nel, 3-A (tel. 611814).
SANTO AMAR - Lisbonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (tel. 637020).
S. BENTO - S. Bento, Rua dos Poios de S. Bento, 73 (telefone 679673).
S. MAMEDE - S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (t. 660280).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA - Soares, Avenida Luís Bivar, 69 (telefone 472 31).
SOCORRO - Tavares, Rua da Palma, 194 (tel. 963350).
XABREGAS - Romana, Rua B, 7 (á Rua Marquês de Olhão) (tel. 383800).
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE CAMPO DE OURIQUE - Posto de Socorros n.º 1, R. Francisco Metross, 48 Lisboa-3 Médicos e enfermeiros a toda a hora. Telefones: Chamadas de Socorros, 586649; Posto de Socorros n.º 2 - Chamadas de urgência.

Linha de Cascais

ALGÉS - Com batentes - Av. Comb. G. Guerra, 66 (tel. 213953).
CAXIAS - Nova - Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS - Trindade Brás - Rua Costa Pinto, 86 (tel. 2432094).
OBRAS - Godinho - R. Cândido dos Reis, 98

(tel. 2430090).
PAREDE - Alair - B. das Coixas de Peneda, Bloco A (tel. 2472948).
S. PEDRO DO ESTORIL - S. Pedro do Estoril - S. João - S. João de Estoril (tel. 261861).
MONTE ESTORIL - Lopes - R. Harar, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS - Misericórdia - R. do Regimento, 9 (tel. 280141) • Cascais - R. Conde de Monte Real - Bairro Cascais (telefone 282407).
Linha de Sintra
AMADORA - S. As - Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (tel. 934589).
Campos - R. Elias Garcia, 185 (tel. 930072) • Clabél - Rua António Sardinha, 23-D (tel. 938551).
DAMAIA - Centange - Est. Militar, Lote D (telefone 9710231).
QUELUZ - G. - Av. Miguel Bombarda, 38 (telefone 950 17) • S. Mamede - Av. Elias Garcia, 5 (tel. 950123).
CACÉM - Garcia, Av. dos Misericórdios 2 (tel. 294281).
MEM MARTINS - Quintal, Est. Mem Martins, 285 (tel. 290012).
S. PEDRO DE SINTRA - Valentim (tel. 980456).
SINTRA - Misericórdia

L. da Igreja, 5 (tel. 2218560).
PORTO
Alliance, Rua da Conceição, 2 (tel. 24203).
Bonfim, Rua do Bonfim, 73 (tel. 52444).
Cidade, Rua Santos, R. D. Moraes, 30 (tel. 27188).
Correio, P. Moura, de Aguiar, 50 (tel. 60869).
C. da R. da Costa, 54 (tel. 41511).
Ferreira, P. D. Afonso V, 5 (tel. 68975).
Ferreira de Carvalho, Rua do Bonfim, 354 (t. 27640).
S. Gomes Ferreira, Rua da Guimarães, 449 (Telefone 41907).
Henriques, P. do Bonfim, 64 (tel. 25173).
Leite, Rua de S. do Bonfim, 40 (tel. 26134).
Moreira, Lda, L. de S. Domingos, 44 (tel. 23545).
Porta, P. da República, 22 (tel. 20294).
Prelado, Rua Central de Francisco, 316 (tel. 64312).
S. Dinis, R. de S. Dinis, 428 (tel. 4228).
Campos, R. P. L. Cabral, 943 (Foz) (tel. 680118).
COIMBRA
Neves Morgado, Rua do Moeda (tel. 23736).
Rodrigues da Silva, Rua Ferreira Borges (tel. 24348).
S. José, Arcos do Jardim (tel. 24697).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



COMEÇARAM HOJE OS EXAMES DE APTIDÃO À UNIVERSIDADE

Cerca de 3300 estudantes iniciaram hoje, nas Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, os exames de aptidão. As provas (escritas) terminam amanhã, uma vez que incidem apenas sobre as duas disciplinas nucleares de cada curso.

A grande avalanche verificou-se na Universidade Clássica de Lisboa, com 1150 candidatos a «caloiros». Entre as Faculdades que maior número registaram contam-se a de Letras (373), Direito (263) e Medicina (277). Quanto à Universidade Técnica de Lisboa, regista-se o elevado número de candidatos a Económicas (411) e ao I. S. T. (238).

Se a estes números acrescentarmos o dos alunos que dispensaram de exame e o dos que farão a aptidão em Outubro, facilmente se verifica que as Universidades portuguesas crescem de ano para ano.

Os exames decorrem em moldes idênticos aos dos anos anteriores. É possível, no entanto, que a reforma do ensino, já em marcha, traga algumas novidades no próximo ano.

Mais candidatos em Coimbra

COIMBRA, 29 — Começam hoje, como anunciamos,

os exames de aptidão à primeira matrícula nas diversas Faculdades da Universidade. Explicados todos os prazos, o número de candidatos subiu de 438 para 516 na seguinte proporção:

Lavras — de 109 para 133 (Filologia Clássica +1; Filologia Românica +2; Filologia Germânica +12; História +8; Geografia +1). **Direito**, de 133 para 154. **Medicina**, de 100 para 118. **Ciências**, de 88 para 102 (Matemática Pura +1; Matemática Aplicada +1; Engenharia Geográfica +2; Engenharia +10). **Farmácia**, de 8 para 9.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 35,5°; mínima: Viseu, 22°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 21°; Coimbra, 20°; Portalegre, 24°; Lisboa, 23°; Faro, 26°; e Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na água do mar, 18,4°; atmosfera, 22°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco, podendo soprar em regime de nortada, durante a tarde, na faixa costeira a sul do Cabo Carvoeiro.

Amãhã: Nascer às 6 e 35
Ocaso às 20 e 51

Amãhã Dia 6 Dia 13 Dia 20

PREIA-MAR: Hoje — 8 e 38 (3,3 m); 20 e 49 (3,4 m). Dia 30 — 9 e 18 (3,2 m); 21 e 32 (3,2 m). Dia 31 — 10 e 09 (3,1 m); 22 e 36 (3,1 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 1 e 41 (1,4 m); 13 e 58 (1,6 m). Dia 30 — 2 e 30 (1,6 m); 14 e 55 (1,7 m). Dia 31 — 3 e 24 (1,7 m); 15 e 58 (1,9 m).

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

36 092 . 4 200 000\$
17 802 . 420 000\$
49 531 . 240 000\$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

36 091 . 12 870\$
36 093 . 12 870\$

PRÉMIOS DE 12 CONTOS

1257 2185 2707 2725 7328
9498 11110 11581 12133 15308
16762 17998 18147 21164 22077
24228 25515 25546 26498 29176
29565 30147 30628 33701 36808
36890 38026 38708 43144 43830
45286 47378

PRÉMIOS DE 480\$00 (centenas)

17801 a 17900; 36001 a 36100 e 49501 a 49600.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 074, 111, 313, 518, 805 ou 807 são contemplados com 966\$00. Os números cujos dois algarismos finais sejam 12, têm direito a 900\$00. de prémio, e os terminados em 26 ou 39, têm direito a 600\$00. Por último, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação —, seja 2 são premiados com 300\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

TRÊS GÊMEOS NASCERAM NO HOSPITAL

PORTO, 29 — A sr.^a Rita Moreira Barbosa, de 38 anos, mais conhecida pela «Rita Pa-lheira», residente no lugar de Carregais, em Lordelo (Paredes), deu à luz, no hospital de Paredes, três gêmeos — dois rapazes e uma rapariga. O casal, de escassos recursos, que já tinha seis filhos,

COMO HABITUALMENTE...

O 1.º PRÉMIO

- SORTE GRANDE -

da extracção de hoje foi vendido aos balcões da

CASA DA SORTE

36092

4 200 CONTOS

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

ESTA SEMANA

UM PRÉMIO GRANDE

49 531 — 240 CONTOS

VENDIDO PELO

CAMPIÃO

A CASA DE LOTARIAS MAIS ANTIGA DO MUNDO

Ouroesaria da
GUIA

UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



Fundada em 1875

CARGA EXPLOSIVA DETECTADA NO COSTADO DE UMA LANCHA NA FIGUEIRA DA FOZ

Do Ministério da Marinha recebemos a seguinte nota:

«No passado dia 26 do corrente foi colocada uma carga explosiva no costado de uma lancha que se encontra em construção para a Marinha de Guerra, nos Estaleiros Navais do Mondego na Figueira da Foz.

O engenho foi detectado pelos operários do próprio estaleiro que, demonstrando grande coragem e sangue frio, voluntariamente retiraram e lançaram ao mar aquela carga explosiva.

Foi enviada para a Figueira da Foz uma equipa de inactivação e de mergulhadores da Armada, que recuperaram do fundo do mar e colocaram em lugar seguro a carga, a qual está a ser analisada e será oportunamente destruída».



EXCURSÕES DE AUTOCARRO

(TUDO INCLUIDO)

9 dias — 3.350\$00

GALIZA E COSTA CANTÁBRICA

Partida: 8 de Setembro

LOURDES — ANDORRA — MADRID

Partidas: 28 de Agosto; 18 de Setembro e 2 de Outubro

9 dias — 3.900\$00

LOURDES — PARIS — ANDORRA — MADRID

Partidas: 15 de Agosto a 26 de Setembro

15 dias — 5.500\$00

MARROCOS IMPERIAL

Partida: 21 de Agosto

9 dias — 5.800\$00

BENELUX — VALE DO RENO — SUÍÇA E ANDORRA

Partida: 4 de Setembro

21 dias — 9.750\$00

AUSTRIA (PAÍS DE SONHO)

Partida: 4 de Setembro

19 dias — 10.700\$00

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES:

WAGONS-LITS

COOK

Avenida da Liberdade, 103

Telefs.: 36 15 21 - 3 32 39

Avenida de Roma, 4-C

Telefs.: 72 26 39 - 72 26 54

Rua Rodrigo da Fonseca, 86

Telef.: 68 06 32

PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA — LOURENÇO MARQUES

A TRANSPIRAÇÃO DOS PÉS DESAPARECERÁ COM O USO DAS

PALMILHAS DEZODORISANTES

Fresh
SOX

odorizante com um novo e poderoso deodorizante seco que absorve todos os odores dos pés e do calçado, dispensando o uso de pós e de outros produtos para o efeito.



Made in England

A venda nas farmácias em 3 tamanhos - 7 - 8 - 9

Representantes para Portugal:

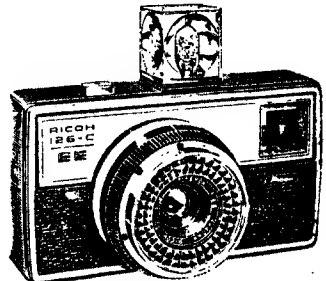
CREPAR, Representações, Lda. — LISBOA

BARROT COSTA — PORTO

RICOH

Modelo 126-C

Uma máquina fotográfica de alta qualidade apenas por Esc. 990\$00 (com estojo).



Completamente automática com célula foto-eléctrica.

Carregamento instantâneo. Objectiva de grande classe sem necessidade de focagem dando sempre fotos de absoluta nitidez. Flash incorporado usando o moderno flash-cubo.

A venda em todas as boas casas de artigos fotográficos.

Representantes exclusivos: Estabelecimentos

M. Simões Jr. S. A. R. L.

Departamento Foto-Ciné

Rua dos Douradores, 10

LISBOA-2

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

PAQUIRRI

DE NOVO EM LISBOA, AUREOLADO PELOS ÉXITOS DE ESPANHA, AO LADO DE

MÁRIO COELHO

CAVALEIROS

MANUEL CONDE MESTRE BAPTISTA

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOIROS DE CABRAL DE ASCENSÃO



HOJE, NAS PÁGINAS CENTRAIS, ARNALDO PEREIRA RESPONDE AO NOSSO INQUÉRITO

A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

SUPLEMENTO LITERÁRIO

672 ■ 29 DE JULHO ■ 1971

JOÃO PERRY: SER ACTOR EM PORTUGAL

3—O ACTOR, O PÚBLICO, A CRÍTICA

Entrevista conduzida por CARLOS PORTO



AQUI TERMINA a longa conversa que mantivemos com João Perry. O interesse das declarações do actor justifica, suponho, o folhetim. Só tenho a lamentar não ser possível transcrever tudo aquilo que o gravador captou: a verve, a ironia, a violência da alegria ou do desespero, «o som e a fúria» com que o actor pontuou as suas palavras.

C. P. — *Estás mais perto de Stanislavski que de Brecht...*

J. P. — Sim, estou mais perto de Stanislavski.

C. P. — *Embora, há pouco, tivesses dito uma coisa que implica a aceitação da óptica brechtiana: a exigência da observação da personagem pelo actor.*

J. P. — Pois, a propósito do actor alienado. O Grotowski também diz isso. Requer a mesma situação. Saber-se é o que que influen-

ciou mais Shakespeare? Esquilo? Sófocles? Não se sabe de quem estava mais próximo. Ele é a água do Rio mas o rio é grande. Não os pontos onde se começa ou acaba. Recebem-se influências de todos os géneros, não se trata de influências determinadas, a não ser que nos queiramos bloquear numa determinada escola, proclamando que só se recebe informação dela.

C. P. — *Por isso mesmo se poderá dizer que Bre-*

cht não era o contrário de Stanislavski como por vezes se pensa.

J. P. — Claro que não. E o Brecht era uma pessoa que servia um tipo de sociedade numa altura determinada. E o tipo de pessoas que ele servia, actualmente quase não existe. Portanto, é natural que mude o ponto de atingir.

C. P. — *Nessa altura põe-se o problema do público.*

J. P. — Depois, há Artaud, uma personagem importantíssima em todo o teatro actual. É realmente a grande mola, depois de Stanislavski, quanto a mim mais até que Brecht, Artaud. Todas as experiências que se fazem têm origem nele. Se as pessoas tivessem, e vão ter, paciência para ler Artaud, verificariam a antevisão que esse homem teve sobre a nossa

época, todo o tipo de experiências, que ele propunha como abertura no sentido de revolução a todos os campos, no campo de produção artística, criadora é uma coisa espantosa. É de uma actualidade tão grande que dá ideia que é uma pessoa que está viva, aqui ao lado. Foi um espírito fantástico.

C. P. — *Põe-se portanto o problema do público. Em Portugal, qual é o público que vai ao teatro?*

J. P. — O público. E esse público é de uma flexibilidade e de um espírito masoquista a toda a prova. Aguenta os piores espectáculos que eu jamais vi, tão maus que quase são cómicos, divertidos, por não se saber se se há-de ficar no esgar ou na gargalhada. Uma pessoa começa a ficar enojada mas depois reage: não, isto é engraçadíssimo.

C. P. — *No entanto, houve um ou dois espectáculos que tu tivesses, porventura, apreciado.*

J. P. — Aqui?

C. P. — Sim.

J. P. — Certamente. Até tenho a impressão que mais. Mas tenho que puxar muito pela memória. Deixa cá ver.

C. P. — *Só para dar uma nota de animação a esta conversa.*

J. P. — Daqui a bocadinho talvez me lembre.

C. P. — *Não gostaste do «Fim», por exemplo?*

J. P. — Não vi, mas com certeza que não gosto. Não acredito no Listopad, é um homem muito inteligente com muita vontade de mudar as coisas mas saberá ele o suficiente para isso?... Que espectáculos é que eu vi? Já devo ter visto cá espectáculos de que gostei.

(Gargalhadas).

C. P. — Diz, diz.

J. P. — Por exemplo, o Piccolo Teatro de Milão e um «Nô» japonês de que gostei muito.

C. P. — *Nisso estamos de acordo.*

J. P. — Dois espectáculos de que tivesse gostado. Realmente não me recordo, de momento. É que nunca me enchem as medidas porque há coisas que não podem ser. Houve um espectáculo de que gostei muito na altura em que o vi, há muito tempo. Foi uma concepção do Ribeiro para o «Twelve Night». Mas isso já foi há muito tempo. Os meus conceitos eram totalmente diferentes, nessa altura. Também gostei muito como encenação, e lem-

Cont. na pág. 6

ad hoc

SABER OLHAR?

MOSTRAM-ME um papelinho desdobrável referente à exposição escolar-71 da secção de Algés da Escola Preparatória de Francisco Arruda. Contém o papelinho um excerto do texto «A Flor», de Almada Negreiros (sem a referência do título nem do livro de que foi extraído — «A Invenção do Dia Claro»), um poema de Victor Moreira (referenciado: in «A Criança e a vida») e, ao centro, um

desenho acompanhado da legenda «convite bem destacada, VAMOS SABER OLHAR».

Pois vamos saber olhar o texto de Almada Negreiros impresso no papelinho. E que vemos? Um desastre. Não quero falar da disposição das frases nem do destaque em caixa alta de algumas das palavras ou expressões — o que será o menos. Mas já me parecem graves as modificações feitas à pontuação do autor, a truncagem do texto (arbitrária e, numa das passagens, sem qualquer indicação) e, acima de tudo, os abusos que vou passar a referir:

— onde o autor escreveu «Desenhe uma flor», lê-se: «DESENHA uma flor»;

— onde o autor escreveu «umas (linhas) mais carregadas, outras mais leves», lê-se:

«umas mais leves, outras mais carregadas»;

— onde o autor escreveu «umas mais fáceis, outras mais custosas», lê-se: «umas mais fáceis outras mais difíceis»;

— onde o autor escreveu «com que Deus faz uma flor», lê-se «com que Deus fez uma flor».

Resta acrescentar que uma das truncagens foi feita a meio de um parágrafo e a outra (sem indicação) a meio de um período!



Convidados a saber olhar, os alunos da secção de Algés da Escola Preparatória de Francisco Arruda aprendem cedo a olhar mal. Pois já que o Almada não pode protestar, deixo eu aqui o meu protesto.

PEREMPTÓRIO

Peremptório, escreveu João Gaspar Simões no suplemento «Quinta-feira à tarde» do «Diário Popular» de 22 do corrente:

«O nosso tempo não criou nada, não inventou nada, não descobriu nada nesse velho território das letras e das artes, a menos que aceitemos que uma coisa o nosso tempo criou, inventou, descobriu: a própria incapacidade dos teorizadores, dos filósofos, dos críticos, dos doutrinários,

para aprenderem a significação da criação artística».

Peremptório, João Gaspar Simões reforçou, mais à frente:

«Em verdade, de uma vez para sempre, e inequivocamente, estamos cientes de que a filosofia das letras não afecta em coisa alguma as próprias letras, de que a filosofia da arte não altera em coisa alguma a arte em si».

Porém, logo a seguir:

«É cedo para documentar exemplarmente esta peculiaríssima cariz da vida mental do tempo presente. Tudo quanto se diga neste momento a favor ou contra o ponto de vista que acabamos de expor corre o risco de ser contestado pela própria circunstância de ainda estarmos a viver o tempo em que

tal peculiaridade se afirma. Cinquenta anos, pelo menos têm de passar sobre os tempos presentes para algo de concreto poder dizer-se a respeito da impotência das doutrinas estéticas actuais perante a prática das artes».

Comentário: se são necessários cinquenta anos, pelo menos, para se dizer algo de concreto sobre o tal cariz da vida mental do tempo presente, temos que convir que o tom afirmativo de João Gaspar Simões ou é meramente impressivo ou então é futurante, na certa certeza de que lá concreto é que não é. Claramente ele o revela e eu acredito, pois então é Gaspar Simões, entre outras coisas, um teorizador, um crítico e um doutrinário?

V. S. T.

OS CRISTÃOS NOVOS-PORTUGUESES E A INQUISIÇÃO

Continuação

No último trimestre de 1969, na revista judaica brasileira *Comentário* (vol. X, n.º 4, pp. 381-382), D. Anita Novinsky, que tem um bom conhecimento da documentação inquisitorial relativa ao Brasil (não quer isto dizer que eu aprove antecipadamente as conclusões que ela há-de tirar do exame desta documentação), exalta entusiasticamente o libelo do sr. Saraiva: «A tese de Saraiva é sem dúvida, pela sua abordagem, pelo método e pela sensibilidade de penetração, o que melhor se esboçou a respeito até hoje» (p. 382). Todavia, com prejuízo da lógica, a historiadora brasileira escreve imediatamente a seguir: «Contudo, parece-nos que no que diz respeito à questão da identificação de cristão-novo e judeu, o assunto foi considerado com demasiada simplicidade». Discriminado na sociedade em que vive, o cristão-novo, mesmo o não-judaizante, participou do mesmo destino que o seu povo de origem: os Judeus. O cristão-novo, assim como o judeu, criou forças de resistência, extraídas dos diversos valores que herdou de sua cultura tradicional. Sem esse conteúdo interior, essa identificação com o povo judeu perseguido seria impossível compreender a sua força de resistência» (p. 382; o sublinhado é nosso).

Em 1970, a livraria Athena, do Porto, publicou um opusculo do sr. Amílcar Paulo, *Os Criptojudeus*, em que se encontra comodamente reunida uma documentação dispersa e de difícil acesso. A redacção do opusculo foi provocada pela ridícula negação da existência em Portugal de uma etnia neo-cristã e de uma religião criptojudáica, negação formulada em «Inquisição e Cristãos-Novos». A conclusão do sr. A. Paulo é a seguinte: «E, se António José Saraiva nos apresenta um magistral trabalho sobre a Inquisição e processos inquisitoriais, afigura-se-nos que, por outro lado, considerou o problema «judeu-cristão-novo» com bastante simplicidade. Em verdade o cristão-novo mantém a sua herança cultural, conserva-a interiormente e, por isso, o problema cristão-novo não pode ser isolado do problema judaico. O cristão-novo, tal como aquele, procura nas tradições culturais e religiosas legadas pelos seus antepassados toda a força interior que necessita para resistir às perseguições e injustiças de que é vítima e que o levam a procurar lenitivo nas práticas ocultas que ainda hoje e apesar de tudo se mantêm em certos núcleos marranos de Trás-os-Montes e das Beiras» (p. 109; o sublinhado é nosso).

Em artigos de *A Capital* (17 e 24 de Dezembro de 1969), o sr. Jorge Reis, um *amateur* que tem da história e da cultura do povo judeu um conhecimento cem vezes superior ao do doutor (ou professor doutor) António José Saraiva ridicularizou com ironia as teses essenciais do libelo intitulado «Inquisição e Cristãos-Novos». Ao contrário dos três críticos que acabamos de citar o sr. Jorge Reis não caiu na esperrela armada pela demagogia do sr. Saraiva; sabe perfeitamente que a descrição feita por este senhor do funcionamento da justiça inquisitorial não tem nenhum valor e que o criptojudeu não foi «inventado» pela Inquisição, como sabe que há uma continuidade religiosa entre judeus e criptojudeus em Portugal, que há uma continuidade étnica entre judeus e cristãos-novos, que, para um verdadeiro historiador, as palavras «cristãos-novos» e «xurgueses» não são sinónimas. O sr. Saraiva nega dogmáticamente a existência de uma relação qualquer entre judaísmo e neocristianismo; o sr. Jorge Reis estranha que o autor de uma tese tão dogmática tenha descurado inteiramente o estudo da religião judaica em Portugal antes de 1497: «Se o autor tivesse dirigido o olhar nessa direcção — o que seria normal, visto tratar de homens acusados, com ou sem razão, de ineestirem na prática da «religião anterior», e que pertenciam a todos os meios da sociedade portuguesa — estamos certos de que seria o primeiro a

dar com o nome entre o Judeu-de-antes-de-1497 e o Cristão-Novo ou «homem da nação» — que-o substituiu, e a perceber que o judaísmo deles não podia desvanecer-se por obra e graça da tão enaltecida «assimilação». E a compreender também que a «conversão forçada» não foi um caso em que a lagarta se transforma *mecanicamente* em borboleta... e que as «vantagens» materiais podem não ter efeitos suficientemente «calmantes e compensatórios» sobre todos os homens — mesmo judeus».

Temos a certeza de que, numa próxima obra-prima, o sr. A. J. Saraiva há-de denunciar as ideologias às quais pretenderam «dar aparências científicas» J. Alcázar, J. Leite de Vasconcelos, M. Viegas Guerreiro, J. Amaral Nogueira, D. Anita Novinsky, A. Paulo, J. Reis, ao escreverem sobre a história dos Cristãos-Novos e da Inquisição. No meu caso pessoal o problema está resolvido: a minha biografia ideológica está magistralmente desenhada no *Diálogo* que o *Diário de Lisboa* teve o privilégio de publicar. Com muita seriedade, ainda que com pouco respeito pelos leitores do jornal, os dois antes quiméricos Afonso e David notam que «tantos anos de sacrifícios na poeira dos arquivos», por parte do sr. I. S. Révah, «não lhe serviram para nada». «Só confirmou os pontos de vista que eram já os dos Inquisidores, e deles passaram a Lúcio de Azevedo e à historiografia judaica. Se Lúcio de Azevedo ressuscitasse e fizesse uma nova edição do seu livro apenas teria que aumentar o número de citações, sem desmanchar o texto».

depois de uma larga vida de historiador, iniciada pela publicação de um livro em 1893. No dia 13 de Junho de 1933, Azevedo escreveu a Joaquim de Carvalho, professor da Universidade de Coimbra, uma carta (publicada em: J. Coierus, *Vida de Bento de Espinosa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934). Nesta carta encontra-se um parágrafo que, com certeza, seduziu imediata e profundamente a «historiografia judaica».

«Tenho vontade de fazer um artigo sobre os judeus de Amsterdam, para o que fui inspirado pelo caso de Espinosa. Quero acentuar que eles não fizeram cá falta nenhuma. Para o estrangeiro não levaram as indústrias, que não existiam, como os protestantes perseguidos, de Flandres para a Inglaterra, e os huguenotes para Inglaterra e para a Europa central, nem tão pouco eram agricultores, como os mouros expulsos de Espanha por Filipe III. Alguns medicastro (sic), e o resto usurários ou negociantes, cuja função ordinariamente é a de parasitas, sem contar a plebe miserável que, sem ofício, se mantinha em Amsterdam das esmolas da sinagoga. Espinosa, posto fora do *clan* por não respeitar a Bíblia foi grande porque no fundo da sua alma não era judeu: a modestia e o desinteresse não são qualidades dos filhos de Israel. Quando a turba dos fanáticos foi para o Brasil, no tempo da invasão flamenga, escapou dali não só os portugueses, donos da terra, como os mesmos holandeses, pela cobiça e pela arrogância. Foi lá que aprenderam a indústria do açúcar, que depois levaram para a Guiana e

UM PSEUDO-HISTORIADOR SEM ESPECIALIDADE ARQUIVÍSTICA

Existem assuntos historiográficos para os quais a documentação é rara. Infelizmente para os pseudo-historiadores, o tema «Inquisição e Cristãos-Novos» não pertence a essa categoria de assuntos; a documentação, neste caso, é *superabundante*, e, para maior complicação, está hoje confusamente arrumada. É difícil saber se houve 25 000, 30 000 ou 35 000 sentenças dos inquisidores portugueses contra supostos ou verdadeiros judeizantes; mas é, com certeza, erro gravíssimo pensar que, com o estudo dos processos correspondentes, estaria o assunto liquidado. A documentação portuguesa de origem inquisitorial é muito mais abundante e variada.

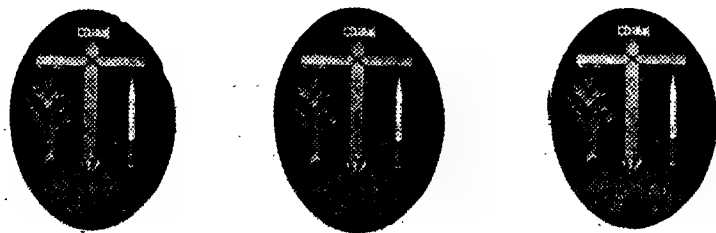
Não me lembro de ter encontrado em todo o libelo «Inquisição e Cristãos-Novos» a expressão «*Cadernos do Promotor*», bem conhecida dos parvos que frequentam o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em vez de imitar o sr. A. J. Saraiva e de construir, no concheiro do gabinete de trabalho, teorias definitivas sobre a Inquisição e os Cristãos-Novos. Destes «*Cadernos do Promotor*», há centenas na Torre do Tombo, como há dezenas de livros de denúncias, de livros de «visitações» do Santo Ofício ao território metropolitano ou ultramarino. Nestes cadernos e livros há milhares de denúncias ou declarações que, em muitos casos, não tiveram utilidade nenhuma para a Inquisição, porque diziam respeito a pessoas falecidas ou ausentes. Toda esta documentação é muito útil ao historiador.

Entre os milhares de portugueses cristãos-novos que se expatriaram, muitos escolheram a Espanha e o império espanhol como refúgio, ao menos provisório: aí os esperavam os numerosos tribunais do Santo Ofício espanhol, da repressão do qual resultaram milhares de processos e milhares de denúncias (incluídas nos *libros de testificaciones*) que o historiador do neocristianismo português tem necessidade absoluta de estudar ou de reconstituir, segundo os casos. Não interessa que muitos destes portugueses instalados em Espanha fossem pobres ou pobríssimos; não interessa que, no tempo da monarquia dualista, os Cristãos-Novos portugueses tenham incessantemente pedido ao seu monarca que a iníqua Inquisição lusitana fosse remodelada sobre o equitativo Santo Ofício espanhol... O sr. A. J. Saraiva anula em três linhas o valor desta imensa documentação, «tendo em conta que os perseguidos, antes de Cristãos-Novos, eram portugueses, que ainda por cima ocupavam posições privilegiadas em terra estranha» (I e C N., p. 221).

É quase escusado dizer que, para a história dos descendentes dos judeus convertidos em Portugal em 1497, como para a história de qualquer grécio, o historiador deve utilizar os registos paroquiais, os arquivos notariais, municipais, distritais, nacionais de Portugal e da Espanha, assim como dos países que acolheram os Cristãos-Novos fugitivos e lhes deram, cedo ou tarde, autorização para praticarem o culto religioso judaico.

O erudito António Ribeiro dos Santos disse em 1792: «A Religião Cristã não tem tido nestes últimos séculos adversário mais cruel e obstinado do que Oróbio». Acontece que este Baltasar Alvarez de Oróbio nasceu em Bragança pelos anos 1617-1618, foi educado em Espanha (em particular nas Universidades de Osuna e Alcalá), de onde fugiu para Toulouse em 1660; chegou a Amsterdão em 1662, onde escreveu numerosos tratados contra todas as igrejas cristãs. Está claro que o historiador deve utilizar, conjuntamente, os numerosos processos instaurados contra membros da família de Oróbio (e no último caso, contra ele próprio) pela Inquisição de Coimbra, nos fins do século XVI e pelos tribunais do Santo Ofício espanhol em 1640-1642 e em 1654-1656.

(Continua)



O que os Inquisidores pensavam do judaísmo e do criptojudáismo é bem conhecido. «Quanto a Lúcio de Azevedo — diz o fantasma David, — apesar da sua inteligência e enorme saber, deixou-se dominar, como o seu mestre Werner Sombart, pelo preconceito anti-semita e por isso procurou reabilitar a Inquisição como instrumento de unificação nacional contra o «elemento corrupto e o corruptor» (p. 20) da 1.ª ed. do seu livro) que seriam os descendentes de judeus».

Quimérico, o sr. David mostra ter perdido um parafuso essencial, talvez por culpa de um pseudo-historiador de carne e osso, bem nosso conhecido. Mas não tem razão em crer, o sr. David, que a mesma desgraça atingiu os «historiadores judeus» e, por via de consequência inutilizou a «historiografia judaica». Não é demais recordar que o livro de João Lúcio de Azevedo é citado *umas sessenta vezes* no libelo do sr. Saraiva, que geralmente se limita a dar uma interpretação diferente da do historiador sobre os factos históricos aduzidos por este último. O sr. Saraiva ignora completamente qual é a tese central do célebre livro de W. Sombart sobre «Os Judeus e a vida económica»; ignora que J. L. de Azevedo, até os últimos meses da sua vida, não perdeu uma ocasião de criticar, no que se referia a Portugal e ao seu império, as teorias de W. Sombart.

É possível que haja leitores do *Diário de Lisboa* que acreditem piamente que a «historiografia judaica», examinando «as ideias já estabelecidas sobre a Inquisição e o Judaísmo em Portugal», teve como objectivo único a confirmação dos pontos de vista dos Inquisidores e de J. L. de Azevedo. A estes leitores, se realmente existem, lembrarei que João Lúcio de Azevedo faleceu, em 5 de Novembro de 1933,

Antilhas, e não foram os inventores dela como Sombart proclama. Este, na sua paixão pela judaria, diz que Tomé de Sousa era judeu, e por isso a colonização do Brasil se desenvolveu racionalmente. Isto por causa do apelido. Se todos os Sousas fossem judeus...» (pp. XXX-XXXI).

Apesar de incluído, por decisão sobeana do sr. A. J. Saraiva, na «historiografia judaica» não tenho nenhuma vontade de «confirmar» este indissolúto «ponto de vista» de João Lúcio de Azevedo. Prefiro «confirmar» os «pontos de vista» do Pe. Anténio Vieira que dizia ao Rei: «Verdadeiramente é dificultosíssima de entender a razão de estado de Portugal, porque, sendo um reino fundado no comércio, lança os seus mercadores para os reinos estrangeiros, e aos estrangeiros os admite dentro de si mesmo, para que o interesse da negociação e comércio venha a ser todo dos estrangeiros, e nada seu». O mesmo jesuíta dizia: «os homens de nação, a quem o castigo ou o medo lançou de Portugal, levaram-nos consigo o dinheiro, o comércio e parte de nossas Conquistas». Em 1933 já tinham sido publicados documentos neerlandeses que «confirmam» o ponto de vista de Anténio Vieira e, ao mesmo tempo, revelam uma das cidades em que se refugiaram estes cristãos-novos da alta burguesia, tão numerosos em Portugal no início do século XVII, e tão raros no início do século XVIII. Em 1609, entre os 731 detentores de contas na «Wisselbank» de Amsterdão, havia 24 Judeus portugueses. Em 1674, entre 2031 detentores havia 265 Judeus portugueses. Os Judeus Portugueses representavam apenas um e meio por cento da população de Amsterdão, mas *treze por cento* dos detentores de contas na «Wisselbank».

POLÍTICA DE INFORMAÇÃO

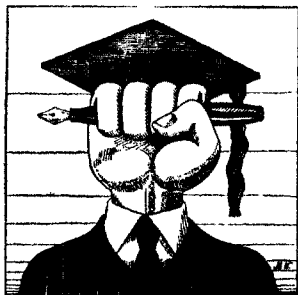
TEM a Sociedade Nacional de Belas-Artes, com a colaboração da direcção recentemente eleita e em acordo com a direcção cessante que ainda mantém os poderes legais, enviado aos sócios boletins mensais de informação onde se relatam todos os trabalhos em curso, desde a constituição de equipas e comissões de estudo para abordagem dos problemas presentes e acção futura daquele organismo até às actividades de exposições ou outras que entretanto se têm verificado. Esta prática, que será completada com outras iniciativas semelhantes, visa «estabelecer contacto com a massa associativa a fim de que seja promovido um trabalho o mais possível em regime aberto que permita a colaboração responsável de todos os sócios interessados e pelo qual se opere com maior eficácia a reedificação dos fins da Sociedade, a eventual revisão do seu estatuto e o estudo rigoroso das actuais e futuras actividades que lhe podem caber». Esta política de informação precede em grande medida a própria divulgação de um programa de iniciativas culturais ou uma política

de choque lograda a partir de improvisações imediatas. A direcção procura desde já responsabilizar-se junto do público, e responsabilizar com ela a massa associativa, abrindo pela via de uma informação constante possíveis plataformas de diálogo ou de debate e portanto estimulando os sócios a uma participação activa na vida da Sociedade, a qual terá necessariamente que ganhar forma, não tanto por decisão de um grupo isolado de pessoas, mas sobretudo por todo um conjunto de capacidades de intervenção que podem justificar-se ao nível dos direitos estatutariamente conferidos aos sócios. Além dos boletins informativos e de reuniões abertas a todos os sócios, que estão já em projecto para a próxima temporada e tanto quanto possível depois da homologação dos actuais corpos gerentes, serão difundidos por todos os órgãos da informação, através de um grupo de trabalho para tal efeito constituído, comunicados regulares sobre as actividades da Sociedade.

As disposições e notícias contidas nos dois primeiros boletins emitidos pela Sociedade Nacional de Belas-Artes dão-nos assim conta mais de uma política de acção do que de um programa. O programa terá de resultar dessa política de abertura, dirigida à própria consciência e capacidade interventiva dos sócios e nunca exclusivamente de um trabalho de gabinete operado só pela Direcção ou pelo Conselho Técnico. Isso não impede que esses sectores de gestão e consulta usem dos seus próprios direitos — os direitos que assistem aos seus membros na condição de sócios e os direitos que lhes foram conferidos por eleição em Assembleia Geral. Há nesta orientação, de resto, um imperativo de coerência, pois os actuais membros de gestão e coordenação técnica da Sociedade Nacional de Belas-Artes agruparam-se em face de uma circunstância excepcional (a não apre-

sentação de lista por parte da Direcção cessante) e foram por isso «mobilizados mais por uma razão de dever do que por se constituírem representantes de uma tendência caracterizada de opinião».

Em relação a todas as questões que envolvem as actividades futuras da Sociedade, incluindo as de formação especificamente referidas aos Cursos, a Direcção informa no boletim n.º 2 que «iniciou já uma recolha de dados com vista à programação das actividades da Sociedade e, nesse sentido, convidando de novo os sócios a lhe enviarem sugestões que possam inscrever-se nesse domínio». Foi ponderado, em vista da própria decisão da Assembleia Geral, que uma eventual revisão dos Estatutos da Sociedade Nacional de Belas-Artes deverá ser encarada a mais longo prazo, «depois de experimentado um novo regime de trabalhos e de apreciação mais



amplamente a opinião dos sócios».

No plano imediato, e portanto antes de que fosse possível assumir por completo a nova perspectiva de relações já enunciada, a Direcção e o Conselho Técnico da Sociedade tiveram de tomar certas responsabilidades ao nível dos problemas concretos surgidos, compromissos esses que foram noticiados e explicados aos sócios.

O problema das representações portuguesas nas exposições internacionais, por exemplo, foi considerado da

maior relevância. «Tal problema nunca foi resolvido de forma satisfatória. Não só não estão definidos ou aceites os graus de representatividade e responsabilidade dos organismos directos ou indirectamente interessados como ainda não foi feita uma prossecução da opinião dos artistas nacionais no estrangeiro e as formas úteis de contacto que desse modo se poderiam estabelecer». Foi considerando esta perspectiva que a Direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes decidiu este ano fazer-se representar na Comissão para a próxima Bienal de S. Paulo, procurando não um sancionamento do processo hoje seguido mas a forma de «reestabelecer uma plataforma de diálogo a fim de que o problema das representações portuguesas no estrangeiro possa ser ponderado (em princípio pelos organismos agora implicados) em novas bases e de acordo com disposições suficientemente elásticas para permitirem constantes ajustamentos». Serão feitas entretanto diligências semelhantes em relação a outras exposições internacionais, das quais se citam a Bienal de Paris e a de Veneza.

No plano interno, e ainda com base no texto do Boletim Informativo n.º 2, foram reasumidos os compromissos anteriores com o Salão de Arte Moderna de Luanda, para o qual a Sociedade encara a sua futura colaboração segundo uma perspectiva mais profunda quanto à rentabilidade cultural das representações a enviar de Lisboa, pelo que pretende aconselhar a introdução de novas alíneas no regulamento. A decisão assim formulada ficou a dever-se à importância das relações anteriormente assumidas, às correctas condições do Regulamento do Salão e ao significado cultural que a iniciativa tem alcançado no meio a que se destina.



As próximas exposições que cobrem a época de verão, também referidas à prática habitual da Sociedade nos últimos anos, são a reedição do Salão de Verão e a apresentação, nas próprias aulas, da actividade do Curso de Formação Artística. «Em princípio, o Salão de Verão deverá abrir durante o mês de Agosto e poderá incluir, conforme as disponibilidades e a colaboração que for possível obter, outras iniciativas paralelas de extensão cultural».

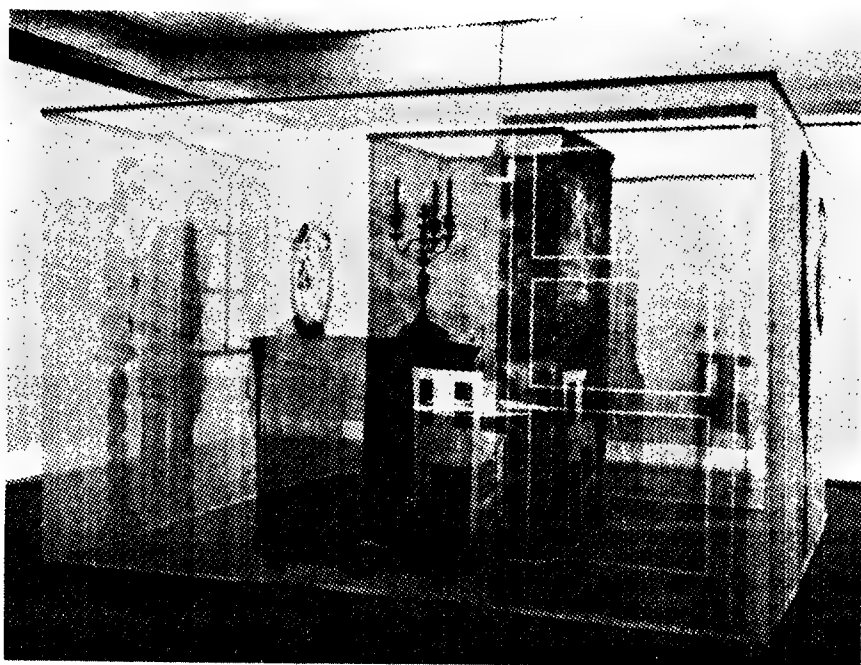
Discutível ou não, para

além das notícias circunstanciais entretanto divulgadas, a orientação que a Sociedade Nacional de Belas-Artes procura agora assumir justifica a atenção do público, dos sócios e dos artistas (dal o nosso próprio interesse em noticiá-la antes de a discutir) porque solicita a participação de todas as pessoas responsáveis e determina numa política de informação que, só por si, envolve toda uma nova perspectiva de relações.

S. L.

**AUTORES
HOJE**

ANA VIEIRA



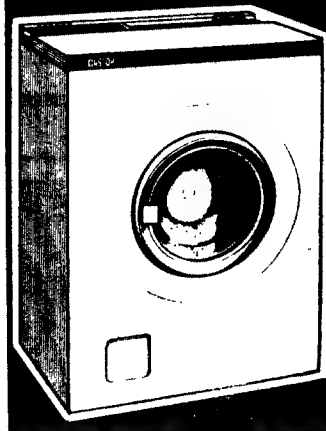
NASCEU em Coimbra em 1940. Diplomada em pintura pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Colaborou na decoração do Pavilhão de Portugal no 4.º Centenário do Rio de Janeiro (1965).

Expôs individualmente na Galeria Quadrante, em 1968. Participou nas seguintes exposições colectivas: 1965: Salão Estimulo (S.N.B.A.); 1966: Salão de Maio (S.N.B.A.); 1967: Salão de Maio (S.N.B.A.); Exposição «Imagem... Não, Imagem» (Galeria Quadrante); 1968: «O Objecto» (Galeria Quadrante); Exposição de Arte Moderna (Museu José Malhoa, Caldas da Rainha); 1970: Exposição Mobil de Arte (S.N.B.A.); 1971: Exposição co-

lectiva organizada pela Galeria Quadrante na Galeria Alvarez (Porto); Exposição na Galeria Judite Dacruz.

Ana Vieira vem principalmente propor uma problemática do objecto, afirmando uma reflexão sobre o espaço e a reflexão. O itinerário dessa pesquisa, apesar das hesitações iniciais, tem sido concretizado nos últimos anos e nele se inclui também a própria noção de «envolvimento» ou de «ambiente». Ana Vieira foi ao ponto de construir «objectos-ambientes» a partir de lugares da nossa utilização quotidiana, explorando, com base em materiais determinados, a relação entre o mundo das aparências e o das coisas em si.

para lavar e durar...
CASTOR
COMPRAR



à venda nos agentes oficiais

**acaba
de
sair**

sem flores nem coroas

sem flores
nem coroas
de Orlando da Costa
Peça em três actos
com um estudo cenográfico
de João Abel Manta
em extra-texto

2 da colecção



Amphi-teatro

uma edição Scara Nova

COMUNICADO

A EDITORIAL ESTAMPA LDA

informa que procederá à transferência da sua actual sede, no próximo dia 1 de Agosto, da Rua da Mãe d'Água, 13-4.º, frente, para a Rua da Escola do Exército, 9-r/c, Dt.º — Telef. 55 56 63 — LISBOA-1

EXPOSIÇÃO/FEIRA

LIVROS DE BOLSO

PORTUGUESES-ESTRANGEIROS

NA QUADRANTE

DE 12 A 31 DO CORRENTE

LICEU

E C.I.C. PREPARATÓRIO
Diurno e nocturno
Ext. N.º 8.º de Saúde
L. CONDE DE POM-
BEIRO, 12
Tel. 57048 (aos Anjos)



A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO



AS RESPOSTAS DE ARNALDO PEREIRA

DEPOIS de Eduarda Dionísio continuamos com Arnaldo Pereira.

O leitor decerto se aperceberá não só de uma diferença na colocação dos problemas como até na própria forma de interpretar as perguntas. Consideramos de grande importância este depoimento de Arnaldo Pereira. A tal ponto que, se não fosse abusivo dizê-lo, arriscar-nos-íamos a considerá-lo como a manifestação de uma viragem no sistema de pensamento (e portanto também na própria linguagem) deste aguerrido polemista.

Embora tendo já publicado um breve livro de ensaios (*O Conceito e o Actual*), Arnaldo Pereira tem-se sobretudo distinguido através da sua actividade — dispersa mas de certo modo constante e insistente — em jornais e revistas de carácter literário e político.

Em contraste com os seus textos iniciais,

quase sempre marcados por uma agressividade e uma violência sem sentido, as suas respostas a este inquérito revelam-nos a serenidade de um pensamento que encontrou finalmente a sua forma de consolidar-se.

Chamamos pois para as suas respostas a

atenção dos leitores, não querendo deixar de realçar o cuidado e a tentativa de rigor com que são manipuladas algumas das questões aqui debatidas, assim como o seu depoimento sobre o que deverá ser hoje e aqui a função de qualquer actividade crítica.

1.

NÃO SIDO feitas tentativas balbuciantes em tal sentido. Penso que o que pode vir a distinguir fundamentalmente um novo tipo de crítica literária não reside no seu estilo mas sim na atitude perante o objecto criticado. As outras questões deste inquérito podem proporcionar-me o ensejo de concretizar melhor e desenvolver o meu pensamento sobre o problema em debate.

2.

CONSIDERO que a crítica impressionista, com a sua leitura em duas dimensões, é a herdeira do erro naturalista. Isto mesmo ficou assinalado no colóquio de Cluny II cujas intervenções estão reunidas num número especial de *La Nouvelle Critique* sob o título «*Littérature et Idéologies*». Aí se frisa que procede do milenarismo romântico (reforado por ilusões cientistas) uma crítica que pretenda descobrir, extrair — enfim! — uma significação definitiva das obras. Pelo contrário, a ideia mostra dum «*approche*» científico do facto literário, consiste em que a realização do homem através das grandes mutações sucessivas da história, não se faz de maneira linear. Todo o finalismo, como todo o messianismo supõe o mais anticientífico dos postulados: o do fim da

história. Concretamente, o que caracteriza os anteriores processos críticos reside na sua pretensão de encontrar uma significação que existiria de maneira abstracta, em si, independentemente dos leitores e do «*devenir*». Trata-se dum oportunismo crítico da direita. Mas, atenção, existe também o oportunismo crítico da esquerda, é que uma leitura dialéctica do facto literário não pode deixar de ser uma leitura desmistificadora e, consequentemente, militante. Nada de positivismo ou feticheismos do texto-objecto — leitura teleguiada por qualquer pensamento milagroso. Em resumo, penso que os métodos e as finalidades da nova crítica literária se não encontram ainda claramente definidos. Uma crítica verdadeira — científica — não pode satisfazer-se com contribuições multangulares das ciências humanas: psicanálise, estilística, etc. Terá de ser totalizante e total do homem e das suas actividades. O eclectismo e o compromisso ideológico são das mais velhas mistificações burguesas retomadas actualmente por certos sectores vanguardistas.

3.

SIM, no plano simbólico que reenvie à prática social real e na medida em que o discurso crítico tradicional está assimilado ao fenómeno das ideologias.

Esta ruptura exige o acto de «*desconstruir*» (um termo actualmente em voga no sector da economia política) e não pode efectuar-se simplesmente através da importação de vocabulário ou contabilização dos adjectivos ou dos verbos dum texto. É preciso não omitir também a assimilação crítica das obras do passado.

4.

NA MEDIDA em que a nova crítica se afirma como verdadeiramente científica isto é dialéctica, etc., traduz de facto um modo diferente de encarar o objecto de arte. Mas, atenção, quanto a mim, a crítica literária verdadeiramente

AS PERGUNTAS QUE FIZEM

1. — Considera que existe uma Nova Crítica Portugal?
2. — Quanto a si, o que a distingue dos métodos anteriores?
3. — Crê que se poderá estabelecer (ao menos bólico) um ponto de ruptura?
4. — Mais do que um conflito entre gerações, a polémica verificada entre uma «*velha*» e crítica, traduz na verdade diferentes modos de encarar o objecto de arte e suas relações com o essencialmente se inscreve?
5. — A possibilidade de uma crítica nova está utilização que ela possa fazer de algumas nas científicas em que procura apoiar-se. o que de radicalmente novo lhe trouxe dessas disciplinas?
6. — O que é criticar? Tem a crítica uma função completa o processo de produção cultural?
7. — Acredita ser através da crítica que se pode criticar e do que através dela procura atingir?

Folhetim-artístico

de José-Augusto França

OS PAVILHÕES DE BALTARD «ARQUITECTURA DO FERRO» E CULTURA DE MASSAS

A NUNCIARAM os jornais o começo da demolição dos pavilhões de Baltard. Os «*Halles*» de Paris, admiráveis estruturas de ferro que datam de 1854-1866 e que estavam desapertadas, com a mudança do mercado central, levando «*Le Ventre du Paris*», para os arredores.

Assim se comete um dos graves delitos culturais do nosso tempo. Se comete voluntariamente, sem que os responsáveis oficiais possam aduzir ignorância — ante os protestos vindos de todo o lado. De organizações de arquitectos e de críticos de arte,

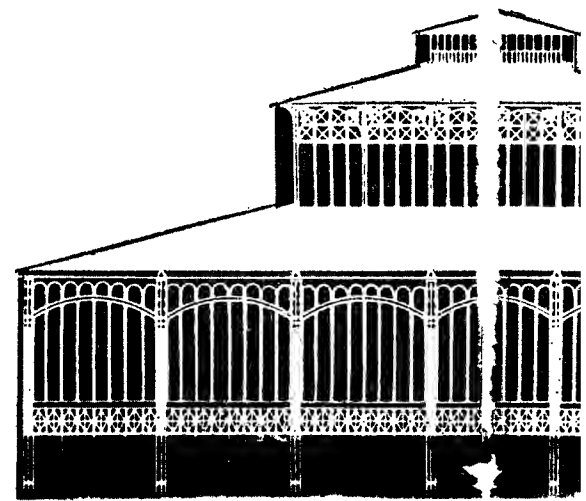
francesas e estrangeiras, de personalidades de todo o mundo telegrafando ao Presidente Pompidou, de uma campanha de imprensa generalizada e que em «*Le Monde*» teve seriedade indiscutível — sob a autoridade do Professor André Chastel, do Collège de France, que há muito se batia pela preservação do monumento.

Também perante o peso das opiniões científicas, assim expressas, o conselho municipal da capital francesa não poderia aduzir o peso de uma opinião própria. Entre um peso e outro, haveria certamente

uma diferença que contra os burocratas jogaria. Sempre — em qualquer parte do mundo, e sob qualquer regime político...

A decisão majoritária das autoridades (e que em qualquer parte do mundo se pode e deve discutir — porque se trata de um facto de cultura, definível para além das fronteiras dum país, e não de um simples facto de burocracia política que só aos nacionais compete apreciar) — tal decisão foi voluntária e propositada. A ponto de recusar apreciar a generosa intervenção de um banqueiro americano que se propunha pagar a desmontagem (dispendiosíssima) dos pavilhões e a sua remontagem em outro local da França (não dos Estados Unidos), para simples benefício da cultura arquitectónica, que tanto é francesa como americana — ou portuguesa, se o quisermos assim entender, como eu entendo e por isso escrevo este folhetim...

NÃO quiseram as autoridades em questão que os pavilhões de Baltard sobrevivessem a um destino funcional: que ficassem como documento duma importantíssima criação da arquitectura da idade industrial, a «*arquitectura do ferro*». Não quiseram também e pensa-se que sobretudo que eles tivessem outro destino que espontaneamente estavam a ter — o de espaços multidimensionais para manifestações de uma cultura de massas viva, auto-estruturada, em termos duma imaginação capaz de criar uma realidade outra



«*Halles*»: vítima de um dos graves delitos culturais

e moderna. Nos pavilhões de Baltard «a imaginação tomara conta do poder...» Do poder outro — do poder ser facto sociocultural autêntico, partido de novas necessidades, radicado em novas estruturas abertas duma vivência sem complexos burgueses.

Do «*Music Circus*» organizado por John Cage, espectáculo portentoso onde as relações arte-público se dimensionaram totalmente, ao «*Orlando Furioso*» encenado por Ronconi, onde se multiplicaram as possibilidades dessas relações num espectáculo vivido em feira, em comunhão, em autenticidade, numa espécie de «*grace*» que os fauteuils empertigados dos teatros ainda secentistas (começa-se a saber porquê!) não permitem — de uma criação para outra,

definição que o conicifica (a sua qualidade)

PA... bem e... ção de... conser... fundir... hões... neira i... seriam... ciocult... Solu... rônica



científica tem um objecto preciso: «ela visa, menos encontrar nas obras ilustrações ou provas relativas às realidades histórico-sociais já

conhecidas do que a ver claramente e fazer ver claro nos problemas complexos das contradições, da tomada de consciência e da expressão».

5.

ÉIS UMA pergunta importante que permite ir ao fundo da questão e demonstrar que, pessoalmente, ao insurgir-me contra aquilo que se convencionou designar de crítica científica, estruturalista, etc., o faço apenas contra a maneira unilateral como são utilizados tais «approches» científicos. Assim, uma leitura científica ou dialéctica não pode ser, evidentemente parcial ou a soma de quaisquer disciplinas. Terá de ter em conta que todo o real possui a sua lógica interna e seu movimento. Defini mais acima o que entendo por tal. Mas — faço questão de frisar — uma filosofia verdadeira não pode ser apenas um dos «approches» do facto literário. A perspectiva materialista não pode enfileirar retoricamente e de modo formal entre outras perspectivas — espécie de «hobby» superior para espíritos abertos à modernidade. Isto de pensar umas vezes como psicanalista, outras à Roland Barthes ou Mache-rey, etc., inscreve-se num

electismo burguês ultrapassado que nada tem de científico. A utilização de algumas disciplinas científicas e, portanto, a atitude duma crítica científica válida perante os problemas da literatura terá de ter em conta que não há objecto sem história e não existe história que não produza objectos. Assim é que é segundo penso.

Também neste aspecto, uma «démarche» confusa e aventureirista no estudo dos textos literários se opõe ao modo científico de os analisar na sua interacção complexa, fora das problemáticas idealistas, e corre o risco (e isso tem-se verificado entre nós) de capitular perante as novas formas de idealismo ou positivismo ou mecanicismo, e que, sob o pretexto de scientificidade epistemológica, se esforçam por nos demonstrar que certa filosofia está ultrapassada e encerrada no discurso da «metafísica ocidental».

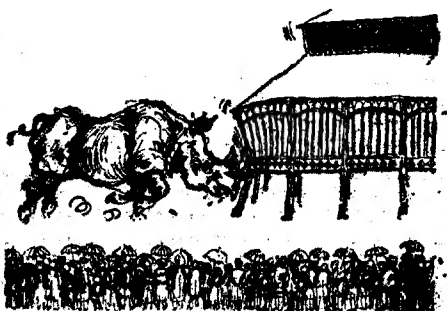
6.

A RESPOSTA à primeira pergunta está implícita no conjunto das minhas considerações. Quanto à função imediata da crítica, penso que a leitura duma obra não pode reduzir-se a uma tarefa simples ou à pesquisa duma significação imediata — «directamente utilizável» e «transmissível» (Pierre Barbéris, «*Éléments pour une lecture marxiste du fait littéraire*»). (1) Independentemente do seu imediatismo sumário, penso que uma crítica verdadeira, à base duma documentação acessível a todos e rapidamente utilizável (e porque não, a utilização dos progressos da Informática?), deverá pôr correctamente

Cont. na pág. 6

projectos do vizinho complexo arquitectónico do «plateau Beaubourg» não estão longe de adoptar!...

DESTRUIRAM-SE em teimosia, em especulação de terrenos caros, quicá em medo e, afinal, em absurdo, os «Halles» de Paris. E eu fico a pensar no que não poderia ter-se feito dos pavilhões da equivalente Praça da Figueira de Lisboa, com aproveitáveis estruturas de ferro datadas de 1885, destruídas há trinta anos. Em vez dum espaço vazio e lugubre, limitado por fachadas dispare, que não são, nem jamais foram, de praça urbana — e no qual se vai entronizar no seu cavalo montado, D. Nuno Álvares Pereira, mestre de Aviz, que reinou sob o nome de D. João I.



Os «Halles» ameaçados (des. Kerleroux)

definiu-se uma nova situação cultural. E que o americano Cage e o italiano Ronconi o tenham vindo fazer a Paris, verifica (como estava a ser necessário) a actualidade da cidade.

PAVILHÕES obras-primas da «arquitectura do ferro», espaços para uma actuação moderna (que incluiu também exposições, sugerindo uma nova função da arte para além de museus que os conservadores tendem fatalmente a confundir com latas de conservas) — os pavilhões de Baltard, que Paris perde de maneira inacreditável para a História da Arte, seriam e estavam sendo uma solução sociocultural indispensável.

Solução que Jacques Michel sublinhou, ironicamente, no «Monde» os melhores

Prontuário das Letras

A agonia de Bab Salú

A agonia de um proprietário indiano encurralado pela guerra é o tema de «Sem flores nem coroas», com que Orlando da Costa enceta nova fase da sua obra. Revelado primeiro como poeta (três volumes entre 1951 e 1955, todos com a chancela do Centro Bibliográfico), fixou-se depois no romance, dando-nos em 1961 esse quadro pungente das terras das monções que é «O signo da ira», distinguido com o Prémio Ricardo Malheiros, e três anos mais tarde «Podem chamar-lhe Euridice», outro dos pontos altos da novelística da língua portuguesa na década de 60.

Agora surge o dramaturgo, não sem surpresa, e para ficar: a história dos horrores particulares de Bab Salú é um lento e minucioso ritual que a repetição de falas gravadas torna ainda mais sufocante. As personagens movem-se num espaço apocalíptico, cercado pelos rumores angustiantes da derrocada, e os mínimos gestos ajudam à criação de um contínuo «pathos» onde são perceptíveis, cremos, sugestões do moderno teatro anglo-saxónico.

Com esta obra de Orlando da Costa vem um estudo cenográfico de João Abel Manta que não deixará de interessar os eventuais encenadores. A edição, essa, é da Seara Nova (coleção Amphiteatro, n.º 2).

Quase sem palavras

Com páginas num tipo invulgarmente grande. Quatro personagens, cinco por fim, que comunicam quase sem palavras, ou usando exaustivamente como que um vocabulário básico a que o diálogo empresta subtis modulações. Poucos eventos: poderia tudo resumir-se a uma conversa em volta de uma mesa. Temas? Entre outros, o da lucidez que se quer a todo o preço e não hesita em parecer monstruosa. Falamos de «Destruição, diz ela», de Marguerite Duras, que as Publicações D. Quixote acabam de incluir na nova colecção Galáxia.

Romance despojado, a primeira vista seco e monótono, prende por fim o leitor com a sua implacável progressão. Se há nele (vários) ingredientes do «nouveau roman», uma influência anterior — e maior — subjaz à trama aparentemente diluída: a de Julien Gracq, cuja obra novelística continua entre nós à espera de um tradutor.



Duras: quase sem palavras

Pronto para ler

INGLATERRA 1971 — «Inglaterra, trabalhistas, conservadores ou europeus?» é o título geral do Caderno D. Quixote n.º 38. Catorze autores fornecem textos para o volume e entre eles estão Anthony Sampson, o prof. Christopher Hill e o antigo ministro francês J.-M. Jeanneney. Praticamente metade do material é dedicado aos problemas que afectam em solo britânico os imigrantes, sobretudo antilhãos e paquistaneses.

BUCK, Pearl — A Minerva lançou «Como eu vejo a China», obra muito discutida (na Academia) desta romancista que a Academia de Estocolmo premiou em 1938.

FLAUBERT, ZOLA, MOLIÈRE — Algumas reedições da Lello: os dois volumes de «A educação sentimental», de Flaubert, na tradução de João Barreira; «Uma página de amor», e «Teresa Raquin», de Zola; e várias peças de Molière.



Alejo Carpentier: a ler

Descobrir os cubanos

Gostariamos que não passasse despercebida a antologia de J. A. Goytisolo, «Narrativa cubana da revolução», agora em português no catálogo da editora Presença. Conhecedor credenciado das letras cubanas, Goytisolo esteve em Havana a recolher elementos para este trabalho, publicado pela Alínea Editorial na sua excelente colecção de bolso. Aliás, a mesma colecção oferece uma escolha de «Nova poesia cubana» que sugerimos ao leitor do Prontuário como primeira abordagem a Lezama Lima e seus pares.

Entretanto, as publicações D. Quixote lançaram «Literatura e consciência política na América Latina», de Alejo Carpentier, porventura o mais conhecido dos autores cubanos. Um discurso pronunciado no I Congresso de Escritores e Artistas Cubanos (1961) dá o título ao volume, divulgado há tempos em Espanha em edição de Alberto Cozón. A ler, sobretudo, os ensaios «Do real maravilhoso americano» e «problemática do actual romance latino-americano».

Descobrir a U. R. S. S.

Menos de um ano volvido sobre a sua estadia na U. R. S. S. como presidente da delegação portuguesa à XIV Conferência Internacional dos Economistas Agrícolas, o prof. Henrique de Barros dá-nos em edição dos Livros Horizonte o seu «U. R. S. S. — apontamentos e reflexões de viagem».

Roteiro escrito, como sublinha o autor, «sem o menor intuito de sistematicamente louvar ou censurar, sem pretensões doutrinárias nem propósitos dogmáticos», é feito por vezes de anotações desprentesiosas mas nunca de inutilidades. As melhores páginas são, naturalmente, as que o cientista dedica ao objecto principal das suas atenções — a agricultura e a economia agrícola. Muito curiosa, também, a análise dos indicadores do nível de vida.

[A (NOVA) CRÍTICA EM QUESTÃO

Cont. da pág. 5

os problemas de conjunto. A ausência de perspectiva da crítica tradicional relega-a frequentemente para o anedótico, e a sua erudição conduz quase sempre a uma exactidão sem consequências. Entre nós, os exemplos são por de mais conhecidos. Insisto: compreensão dos fenómenos, perspectiva correcta dos problemas — eis o que define a função (ima-

diata ou não) duma crítica científica. Um exemplo: considero que a crítica de Mário Castrim se inscreve nesta perspectiva e ultrapassa e se opõe, portanto, aquilo que me permito designar de *impressionismo cientifista*.

7.

PENSO que a pergunta exigiria algumas precisões so-

bre o conceito de produção. É preciso não confundir o trabalho efectuado na esfera da produção material e o processo de elaboração de textos («produção textual») que pode ser completamente improdutivo ou indirectamente produtivo. Mas admitamos, para simplificar, os termos de produção significante e produção material. Assim numa perspectiva de produção literária, parece-me que a compreensão total do texto (o qual tem a sua lógica interna que remete a condições de génese e de produção) se completa através da crítica. Mas é preciso que a crítica não funcione como publicidade duma mercadoria e não assimile o seu discurso ao modo de produção capitalista — mesmo involuntariamente...

8.

PARA já, não posso conceber que processos de crítica dita progressista ou científica possam ser utilizados para privilegiar obras ou autores reacçãoários e, paradoxalmente, se não preocupem com obras cuja análise podia ser esclarecedora. Esta um dos males de que enfermam os nossos suplementos literários. Para mim uma crítica terá de ser desmistificadora e militante. Oponho-me à neutralidade científica, à elegância sem problemas, na medida em que todos os tipos de crítica e de história literária visam a transmitir inconscientemente uma visão do



Arnaldo Pereira

mundo relativa a uma ideologia qualquer. Todos reconhecemos a necessidade de estudar os textos literários a uma luz digamos científica. O texto é tão inesgotável como o «electron», como dizia Ulianov. E Antoine Casanova: «Um texto aparentemente tão unívoco como um texto de lei é o resultado manifesto dum conjunto inesgotável de níveis de significação». Portanto, a atitude crítica impõe a exigência, por exemplo, de não raciocinar ou argumentar por simples analogia. Um trabalho de esclarecimento — como tarefa primordial da função crítica — não resulta a partir de ideologias, mitologias e irracionalismos das sociedades pré-capitalistas. A tarefa mais urgente da crítica, hoje, — quanto a mim — consiste na desmistificação, no plano teórico, da ideologia tecnocrática.

ARNALDO PEREIRA

(1) Texto incluído no citado número especial de «O Novo Critique».

JOÃO PERRY:

Cont. da pág. 1

bro-me mais ou menos bem porque vi várias vezes, da encenação do «Serão das Laranjeiras», também o Ribeiro. Era um texto inexistente, um jogo de palavras, e ele conseguiu fazer uma encenação que se mantém viva na memória. Espantosamente bem feita. Sem ser dele, não sei. Vêem-se muitos maus espectáculos. São tão maus que apagam qualquer hipótese de nos lembrarmos dos maus.

C. P. — Por exemplo, o «Tango» em relação ao que normalmente se faz no «Nacional».

J. P. — Não posso falar do «Tango» porque estou dentro dele. O «Tango» é um texto extraordinário, mas não sei como foi feito. Cada vez que o faço gosto mais dele.

C. P. — Vi-o em Espanha e achei horrível.

J. P. — É um espectáculo sensacional que eu faço com muito interesse...

C. P. — Disseste espectáculo mas querias dizer texto...

J. P. — Texto, claro. Apetece dizer. Quando uma pessoa está farta, farta de tudo o que a rodeia. Aquilo é um escape e não devia ser porque eu não considero a minha função como arranjar um escape naquele horário, não concordo com o actor que se serve do teatro para as suas catarses. Estou identificado com o Artur, tal como com Calígula. São duas personagens muito semelhantes.

C. P. — Fala-me então

do «Calígula». Vais fazer, ou não?

J. P. — Se vou fazer o «Calígula» do Camus? Creio que não.

C. P. — Mas isso está noticiado: é do domínio público.

J. P. — Também está anunciado um próximo eclipse e sabe-se lá o que vai acontecer.

C. P. — Acontece o eclipse: é fatal. Os eclipses acontecem sempre. Teremos um «Calígula» mesmo que tu não o faças?

J. P. — Mesmo que eu não faça, alguém o fará. Não sou imprescindível.

C. P. — Supus que o «Calígula» tivesse sido escolhido em função da tua presença na companhia.

J. P. — E foi. Eu gosto muito da peça. Deste tipo de teatro, é a única peça que me apetece fazer. Mas quando penso que vai subir o pano e que batem as pancadas de Molière, e que de frente me aparece uma sala com todos a olhar para mim, perco um bocadinho a coragem. Porque já vi tantas vezes esse subir de pano que agora apetece-me já estar lá de pé e que o pano não subisse nem houvesse pancadas de Molière.

C. P. — Também isso já foi feito e não adiantou nada em relação...

J. P. — Não, mas estar no meio das pessoas, explicar-lhes o que é o Calígula vivo, explicar-lhes as razões porque ele não é louco. Não se trata duma forma de loucura mas sim de um processo de levar a vida para um lado. Uma forma de endren-

URBANIZAÇÃO APROVADA PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO

CARCAVELOS - PAREDE

GRANDE URBANIZAÇÃO APROVADA PARA 184 FOGOS, EM 23 PRÉDIOS DE 4 PISOS CADA (ÁREA DE CONSTRUÇÃO — 14 950 m²), JUNTO A ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO DE CARCAVELOS, PERTO DO MAR, EM ZONA DE GRANDE DESENVOLVIMENTO.

DÃO-SE FACILIDADES

Telefones 28 23 45 | Aceitam-se propostas em carta fechada e dão-se informações em Cascais, na Av. Valbom, 28-1.º. dt.º

Depositar

é economizar

Os juros dos depósitos estão isentos de impostos nos termos da lei. O Estado assegura a restituição de todos os depósitos efectuados na Caixa, mesmo em casos fortuitos ou de força maior.

TAXAS DE JURO

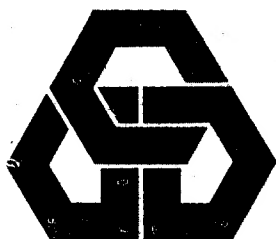
Depósitos à ordem (pessoas individuais)

Até 50 contos	3% ao ano
Acima de 50 contos	1,5% ao ano

Depósitos a prazo (entidades privadas)

6 meses, renovável	4,75% ao ano
1 ano, renovável	5,25% ao ano
15 meses, renovável	5,75% ao ano

Importâncias múltiplas de 1000\$00 com o mínimo de 10 000\$00



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

informações em qualquer dependência da Caixa

SER ACTOR EM PORTUGAL

defende o seu ponto de vista. *A priori*, não concordo com a crítica. Acho que é uma situação subsidiária e parasitariamente vivendo à custa da criação. Mas como não há criação neste país, concordo com a crítica. Porque é preciso destruir. Dê-se então à crítica a força suficiente para acabar com a não-criação. É a única maneira.

C. P. — Mas era preciso que a crítica destruísse.

J. P. — Pois, mas a crítica não destrói. A crítica colabora com o estado de não-criação e além disso a análise que faz não é suficiente. Querida uma crítica que analisasse cada aspecto do espectáculo pondo problemas do género: porque se representa este texto? porque é que o encenador escamoteou este bocado? porque usou esta música de fundo? porque é que a actriz representa assim? porque está vestida desta maneira? e por aí fora. Fazer uma análise cerrada do espectáculo. Obrigar os responsáveis a justificar as suas opções, obrigá-los a não fazerem coisas gratuitas como, por exemplo, se no 1.º acto, o actor bebe café, a sério; no 2.º acto não pode pegar numa mala que não existe visualmente. Se as encenações não têm coerência, (o comportamento de um actor deve condizer com o restante), a crítica deve denunciar, fazer uma análise cabelosa por cabelo, dizer fulano de tal continua a fazer o mesmo cliché que sempre fez.

C. P. — Isso levanta problemas curiosos: como, por exemplo, saber se a crítica deve ser uma unidade como o espectáculo também deve ser.

J. P. — Claro que sim. C. P. — Mas essa análise atomizada destrói a concepção de crítica unitária.

J. P. — Fazer uma unidade das partes em que a crítica se divide. É preciso que o crítico esteja suficientemente informado. Se necessário, o crítico deve destruir o espectáculo, arrastando o público na sua opinião, destruindo ao mesmo tempo a crítica complacente. A crítica para mim, no actual estado de coisas aqui, deve ser um elemento de informação destrutiva do espectáculo, ou construtiva, se o espectáculo tiver qualidade, é claro. Mas analítica, puramente analítica, indo ao pormenor da mesa operatória. E isso, responsabilizando o crítico no seu conceito.

C. P. — Não é da opinião que a crítica deve ter em consideração todo o contexto em que o espectáculo nasce?

J. P. — Não. Sobretudo não respeitar condicionais. Dizer: acontece isto... Vejamos, para maior objectividade, um espectáculo como o «Duelo».

C. P. — Porque é que se fez «O Duelo»? Porque não se podia fazer outra coisa.

J. P. — Se eu tivesse que fazer uma crítica, começaria assim: «O Duelo», integrado na companhia do Teatro Nacional, porque é que uma peça de que o autor disse isto assim, assim, se integra nesta companhia? Esta peça foi prefaciada por fulano de tal, o que o prefácio disse isto, o que é a besteira das besteiras. Porque é que uma peça que o autor tenta disfarçar dando determinadas indicações para a encenação estas não são seguidas? O que levou esta

companhia a pôr esta peça em cena?

C. P. — O encenador pode não concordar com o autor?

J. P. — Claro, mas se de vez em quando é coerente com o autor. Ou o é permanentemente ou nunca. Porque é que a representação é deste tipo, porque é que o cenário é desta cor, porque esta música? tudo. Será para fazer quadradinhos simpáticos? Será para ter em conta o naif do texto? Será para sublinhar o realismo? Analisar, servir-se da encenação para atacar o texto, depois servir-se do texto e da interpretação para atacar a encenação, fazer uma análise em que tudo se integre, justificando-se. Como as críticas do Tynan. Depois de se ler as críticas dele ficava-se habilitado a discutir um espectáculo mesmo sem o ter visto. Você viu? Não, li a crítica do Tynan. A pessoa pode depois estar errada, claro. Mas esse é outro ponto.

C. P. — Portanto, uma informação do público quer ele vá lá ou não.

J. P. — Claro. Uma pessoa depois pode dizer: fulano tinha razão ou não. Claro que isso exigiria uma especialização.

C. P. — É um bocado difícil fazer isso depois de ver o espectáculo apenas uma vez. Isso implicaria a alteração das estruturas da crítica. Normalmente, lá fora não se fazem críticas logo a seguir às estreias.

J. P. — Evidentemente. O espectáculo para os críticos é feito às vezes três dias antes da estreia para o público. Acho que a crítica não serve, não liberta nada. Ninguém ataca quando a coisa é má. Ninguém diz,

isto é uma porcaria, isto é vergonhoso. A concepção de «O Novo Inquilino» era um disparate, não se percebia nada porque é que aquilo era assim. Ninguém pensou em perguntar ao Pedro Lemmos: — Porque é que fez assim? As pessoas quando fazem uma encenação têm que ser coerentes com aquilo que fazem e por isso responsáveis por ela.

C. P. — Não sei se o crítico tem que pedir ao artista para se justificar. O crítico acha mal, dá-lo, e acabou-se.

J. P. — Acho que não é suficiente porque não esclarece. O crítico pode estar errado, só o diálogo esclarece. Isto é no caso do nosso teatro. Porque num teatro de criação não é possível fazer crítica.

C. P. — A crítica deixa de ter justificação.

J. P. — Não se justifica. Como é que o crítico pode acompanhar a criação diária?

C. P. — A não ser que o próprio crítico seja também um criador...

J. P. — Então estará incorporado dentro da equipa de trabalho, e então é um crítico constante, acompanha a criação, é um criador. O crítico futuramente estará integrado na vivência do acto. Criticará internamente o acto de criação, será o «dramaturgista», o acessório literário mas não fará crítica para vender, para informar o público, que nem sequer estará preparado para receber a crítica actual ao nível em que ela existe.

C. P. — O.K. Mais alguma coisa?

J. P. — Acho que não...

(Entrevista gravada e revista)



Perry: o actor não pode ser o cão da sua personagem

tar, a única possibilidade, a sua única forma de verificação. É um chegar ao absurdo porque o absurdo está de tal maneira implantado no quotidiano que é preciso chegar à forma máxima de absurdo.

C. P. — Mas se o espectáculo for bem feito, mesmo com essas condicionantes do espaço, etc., o público poderia senti-lo vivo.

J. P. — Temos que ter a consciência de que actualmente o espectáculo não é só o que um autor escreveu (neste caso, o Camus); mas quem o traduziu; quem o encenou; os figurinos que vão aparecer; a interpretação que se vai dar; o tipo de actores que o vão representar, incluindo o tipo físico e a coerência de entusiasmos desse grupo de intérpretes em cada noite.

C. P. — Observo com frequência nos nossos espectáculos — por vezes nas próprias estreias — que tudo aquilo tem o ar de fete.

J. P. — Os actores sofrem tantas pressões, lutam com tanta falta de condições, acreditam tão pouco em si próprios, são tão medocramente cabotinos... Um actor tem que estar, quando entra em cena, com a mentalidade de que é o dono da cena. É o seu espaço. Nunca se disse a um escultor para ser humilde perante a pedra. Cuidado com a pedra, não dê pancadas a mais na pedra. O actor quando entra em cena, a cena é dele, pertence-lhe, é a sua zona de actuação. Quanto se tenta impingir-lhe «não seja cabotino», quando se minimiza o actor; menosprezamo-lo, diminuí-lo, criar-lhe falta de condições durante os ensaios, dar-lhe pontapés debaixo da mesa, está-se a esbafar o espectáculo. O actor tem que estar possuído da sua própria importância, tem que estar certo consigo próprio. Se não se aceita a si próprio, se acha que é um zero, vai entrar a pedir desculpa, e já está tudo errado. Quando se entra a pedir desculpa, quando se entra a estender a mão, é-se cão da própria personagem. Ora, um actor não pode ser o cão da sua personagem.

C. P. — Mas o actor em Portugal não faz teatro para ganhar a vida? Será para ele uma actividade essencial, vital?

J. P. — Quase todos o fazem. Mas mesmo assim, há uma paixão, mas é uma paixão mal empregue porque as pessoas não têm conhecimentos. O actor geralmente é muito ignorante. É a culpa não é só dele. Porque já tenho assistido a colóquios com encenadores e actores... e eu só podia para não ser tão coerente comigo próprio pois podia ter sabotado tudo, apetece-me ver o que certas pessoas estavam lá a fazer. Perguntar ao encenador porque é que tinha feito certas coisas, para o obrigar a pôr o pé na poça. As pessoas que estavam presentes (era em Coimbra) não faziam perguntas. Se eu tives-

se sido desonesto teria pagado num grupo de pessoas e ter-lhes-ia dito para fazerem determinadas perguntas. Gostaria de ver como é que lhes responderiam. Por que não fiz isso? porque é que não me levantei para ser coerente com a minha intenção de denunciar as tramóias?... talvez porque já sabia quais seriam as consequências. As pessoas nem sequer tinham sido motivadas para as perguntas, não percebiam nada. Se tivessem começado o jogo, se lhes interessasse saber, ainda valeria a pena explicá-los porque valeria a pena esclarecê-las. Mas aquilo era um deserto, era tudo falsa informação, pretensiosismo, um colóquio entre pessoas que deviam estar vivas, estudantes, mas que apenas estavam ali educadamente, com o orientador empoadado, de gravata, vagamente perseguido por algum sistema político oculto. Não denunciei nada, talvez por cobardia momentânea. As pessoas não sabem exigir, e se não exigem são sabotadas. Não lhes dão nada porque elas nada exigem. Porque se o público exigisse, se o público berrasse, protestasse incessantemente quando lhes é apresentado um mau texto, se o público soubesse quanto nós pedimos para que nos ajudem a rebentar com as coisas, se os críticos não descendessem, dizendo claramente: isto é uma porcaria, risco. Exemplo: crítica do «Duelo»: não se faz, não há crítica possível para isto. Isto não serve para nada. O público devia revoltar-se: paguel 50\$00, exijo qualidade. Com 50\$00 janta-se.

C. P. — Se o público fosse capaz de fazer isso. E a gente sabe que não é.

J. P. — Mas então não têm nada que se queixar. Não têm que se atirar para cima do Teatro, exigir que os actores trabalhem com entusiasmo, uma coisa que não podem fazer porque são funcionários.

C. P. — Ainda bem que falaste na crítica. Agora vais dizer-me que papel, na tua opinião, assume a crítica e aquele que deveria assumir.

J. P. — Para mim a crítica, e embora tu sejas crítico...

C. P. — Isso não interessa.

J. P. — É inexistente. Não existe crítica. É uma lamechice. Começa porque um crítico não pode dizer aquilo que lhe apetece porque os jornais têm conveniências a salvaguardar. E está tudo tramado. Os críticos deviam ir para um espectáculo e deviam flear completamente isolados uns dos outros, para cada um ter a sua ideia pessoal e não haver a mínima possibilidade de comunicarem.

C. P. — É evidente que não estou de acordo. Posso falar com quem quer que seja sem deixar de manter a minha opinião perfeitamente independente.

J. P. — Claro. Cada um

ad hoc

Ary de los Santos:

AI QUE TERRIBLES CINCO DE LA TARDE!

(foto extraída de um anúncio, em inglês, publicado na revista «Marketing & Management» n.º 5, Maio de 71).



Ary de los Santos, gran poeta e letrista de muy guapas canciones («Caballo a suelta», «La Niña de lo alto de la Sierra»), se topa aqui, ajazeado de luto, a las cinco de la tarde en punto — ai que terribles cinco de la tarde de las exigencias del marketing! Integrado num working-team of an expanding, creative advertising agency, Ary (El Contes-

atário de las arenas musicales) se prepara para lidiar el toro de la prosa publicitaria, garboso y solene y muy torero.

Muchas palmas, olés, pasos-dobles regionales, salida a los ombros y pesetas para los bites y los ripanços poéticos dominicales...

Cal(i)grafias

O JARDIM DA CELESTE

Fui ao jardim da Celeste, giroflé, flé, flá. Eles, de mãos dadas, dois passinhos à frente, dois passinhos para trás. O que foste lá fazer, giroflé, flé, flá. Um sorriso algo comprometido, a hesitação dos gestos, um ar de quem espera reacções. Fui lá buscar uma rosa, giroflé, flé, flá. Em volta, a estupefação de alguns, a velada tristeza de outros, a indiferença, o riso vago de quem não tinha coragem de exteriorizar o acordo ou o desacordo. Para quem é essa rosa, giroflé, flé, flá. Ela, cabelos presos, vestido vermelho colado ao corpo, braços nus, suspende-se breves momentos como quem hesita. Depois, de novo decidida, prossegue: E para o Ri-bei-ro-de-Melo, giroflé, flé, flá. Em volta os risos abrem-se um pouco, como que encorajados. Oh, uma rosa dada por si... — diz o Ribeiro de Melo puxando pelos bigodes. Eles, os poetas Mário Cesariny de Vasconcelos e Natália Correia, convidam à dança. Lá dentro, ao som dos Beatles ou do velho rock



Giroflé, flé, flá (des. Nogueira da Silva)

dançam o Melo e Castro, o Mendes de Carvalho, Cidália de Brito, Maria Alice Ferreira, o Fernando Grade, alguns outros que não distingo.

Cesariny, mangas de camisa, os cabelos brancos como que esvoaçando, sorri para todos os lados. A festa é dele. É o rei. Trata-se do lançamento do seu último livro. Não se diz poesia, não se fala de literatura, dança-se. Na Quadrante, às seis e meia da tarde lisboeta.

De súbito, o Simões. Entra a velha crítica — diz alguém ao meu lado. Cumprimenta aqui e ali, hesita um pouco, entra enfim no recinto do baile. Poeta e crítico cumprimentam-se com jovialidade. Esqueceram tudo, que diabo, a vida hoje não está para essas coisas. O poeta oferece o livro, o crítico põe-no debaixo do braço, olha em volta, vai-se afastando lentamente até que sai a porta sem ninguém dar por isso. Veio buscar o livro — diz o mesmo alguém olhando o Simões a desaparecer na esquina.

A festa está morta desde que nasceu. Pelos cantos, conversando baixo, muita gente não participa, não tem coragem para mandar lixar a cultura, como decerto ia pensando o Cesariny lá com os botões da camisa. Ele próprio sorri e dança cada vez mais comprometido, cada vez com maior hesitação. Sabe que é um rei. Um rei que vendeu o reino há muito tempo, que põe agora em saldo o que ainda lhe sobrava. Os amigos, poucos, tentam animá-lo, dançam, procuram mostrar que estão com ele. Os amigos, os outros, os ausentes, isso só ao poeta dói...

Na tarde lisboeta o baile adormece. São horas de jantar. As pessoas retiram-se, alguns, os espectadores. Cesariny continua. Fala da poesia 16. Trocou os números. Trocou tudo.

Ele, o poeta, olhamo-lo como quem recorda um cheiro, uma paisagem, um rosto conhecido. Algo que definitivamente passou. Talvez por isso o seu baile tivesse desde o início uma profunda tristeza a percorrê-lo. Em nós, nos outros que lá estavam, mesmo nos que forçadamente participaram (sim, sempre forçadamente, sempre com uma falsa alegria, uma falsa descontração, um falso ar de quem se está nas tintas), mesma no próprio Cesariny, no seu aspecto de falso brincalhão. Foi uma quarta-feira de cinzas. Um falso carnaval.

Cesariny quiz inquietar a cidade, provocá-la, gozar um pouco a nossa custa. Então pensou: pôr os intelectuais a dançar, fazer chocalhar as suas barriguinhas de funcionários cansados, colocar perante a hesitação burguesa os que não conseguirem participar. Entretanto, vender uns livritos, recriar um velho clima, ajudar um pouco a publicidade da livraria, escandalizar.

Cesariny já não sabe onde é que está. É a imagem de um passado o que as câmaras da têvé nos metem pela casa dentro.

Como uns tontos os pares continuavam a dançar. Alguns deles, decerto, na sua ansia de aproveitar a oportunidade para um pequenita exibição de desenvoltura, ignoraram tudo sobre o que ali estava verdadeiramente em jogo. Ou o que esteve em jogo e desde há muito se perdeu. Ou de como um poeta entra na corrupção com a mesma facilidade de quem troca de gravata.

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsenor

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

SIMPLES E FORTE, A POESIA

No momento em que se discute a prática da crítica e de como aqui ela se deverá exercer, não deixa de ser reconfortante verificar que um jornal diário dedica uma página inteira do seu Suplemento Literário comentando um escrevinhador de versos chamado Carlos Lobo de Oliveira, publicado em Braga pela editora Pax.

Comparando-o ou citando a propósito Bernardim, Diogo Bernardes, Mário Cesariny, Pessoa, Camões, Bocage, Antero, Cesário, Eugénio de Andrade, Teresa Horta, Jorge de Sena, António Gedeão, Natália Correia, Herberto Helder, Agostinho da Cruz, etc. — o articulista (crítico não, por favor) acaba por destacar como bons exemplos versos como estes:

A chuva caindo
no meu coração...
A mágoa se abrindo,
o sonho fluindo,
orvalho nos olhos,
meu vitral de luz!

classificando-os do seguinte modo: «Isto é natural, é inspirado, é formoso». Formosíssimo — acrescenta-remos nós. A mágoa se abrindo, o sonho fluindo, Caramba.

O articulista (Nuno de Sampayo) é aliás tão pródigo em adjectivos como o foi nos poetas citados. Vejamos: *deleitação; elevação; sincero; salubre; magistral; forte; felicíssimo; é uma formosura; poeta verdadeiro; poeta puro*, etc. Falar de poesia e de um poeta em termos como estes é na verdade algo que ultrapassa as nossas mais pessimistas verificações sobre crítica actualmente em exercício nos nossos jornais diários.

Ao publicar textos como este, *A Capital* cumpre plenamente a função informativa, que é, sem dúvida, uma das que deverá ter a actividade crítica que aqui se exerça.

Vejamos como termina o artigo de página do Sr. Nuno de Sampayo.

Tem destino. O destino do poeta é a poesia. E nestas páginas, destes dois livros, eu gostei mais, eu gostei menos, mas em sempre, em todas elas, encontrei simples e forte — a Poesia.



«Os génios da Poesia» (des. N. da Silva)

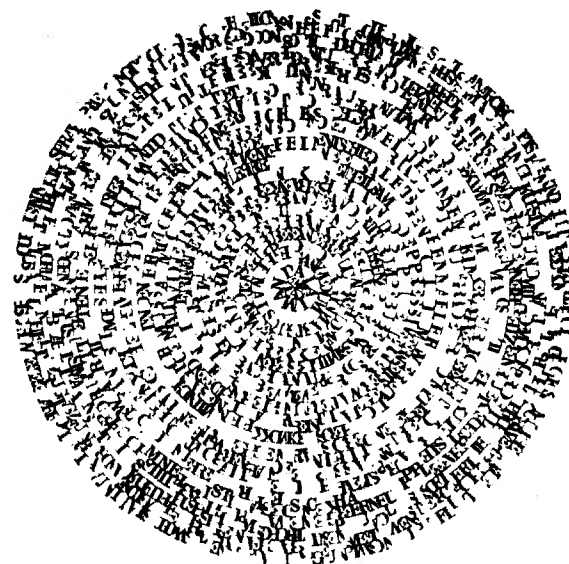
AS CINZAS E OS RESÍDUOS

Creio que a primeira coisa a exigir de um escritor é que escreva bem. Quer isto dizer que conheça e trabalhe convenientemente (embora esta seja uma palavra ambígua) a língua que utiliza. Mesmo que ele a force até aos limites da sua inteligibilidade essa operação pressupõe um conhecimento e um estudo que se não conquistam com a facilidade que a alguns poderá parecer. Os malabarismos ou os virtuosismos gratuitos, quando não fundamentados num seguro e profundo conhecimento da língua, facilmente se revelam ao leitor medianamente atento e informado. Dos espectaculares e coloridos exercícios de pirotecnia só restam normalmente as cinzas e os resíduos que o vento espalha pela noite.

Que um escritor cometa erros ao ponto de esquecer a essencial concordância entre o sujeito e o verbo, ou entre os vários tempos verbais dentro de

um mesmo enunciado (quando evidentemente não motivados por razões intrínsecas ao processo narrativo adoptado), eis o que nos parece inadmissível em quem, além de exercer o ofício da escrita, publica e revela a outrem os resultados desse seu trabalho. Que esse escritor, além disso, condicione a sua actividade à utilização de toda a espécie de lugares comuns da linguagem de que se serve, mais nos deixa transparecer a facilidade (ou a leviandade) do trabalho desenvolvido.

Isto o que, com carácter imediato, nos sugeri a leitura do último livro de Rentes de Carvalho — *O Rebate*, Prelo Editora, Lisboa, 1971.



UMA EXALTANTE TIRADA

ALÉM DOS LIVROS, os «escritores» têm agora as suas colunas fixas nos jornais diários. Além da ficção eles tentam também reflectir sobre algumas questões ou acontecimentos do seu dia-a-dia. Lembro-me de Augustina Bessa Luís no *Diário Popular*, de Manuel de Campos Pereira dizendo que recebe muitas cartas a que não pode responder no *Suplemento Literário* de *A Capital*, etc., etc. E à medida que vão reflectindo sobre o seu dia-a-dia a gente vai constatando como, no final, os escritores estão afastados desse mesmo dia-a-dia que a todos nos diz respeito. É para que servem as suas crónicas: para a gente poder ver como o mundo dos escritores é de facto apenas o da ficção.

É no entanto de João de Araújo Correia de quem eu agora gostaria de falar. É que li dele um texto, publicado na revista *Flama*, que me parece de facto um depoimento importante. Quer dizer: mais uma manifestação de que as pessoas estão na verdade sem saber o que dizer. Chamava-se o texto *Santa Preguiça* e, depois de demoradamente discorrer sobre a aplicação de tão melindroso conceito, acabava por transpô-lo para o caso da emigração. Terminava então, cheio de heroísmo, da forma brilhante que vos passo a transcrever: «A emigração será nefasta. Mas, é menos do que parece. Braços que nunca trabalharam, braços devotos da Santa Preguiça, vão encontrar-se lá fora, pela primeira vez com o trabalho». Trata-se de facto de uma exaltante tirada, de um primor de análise sobre o caso da nossa emigração, de uma inequívoca manifestação de lucidez, de, enfim, uma consciência das realidades que não queremos deixar de aqui realçar.

Como o Alçada Baptista, eu também tive uma avó que colecionava imagens de santos e me perfumava todo antes de me mandar à missa. Só que a minha avó perante tudo o que ela considerava que eu fazia de mal, não deixava de me repetir: quem te manda a ti, sanaleiro, tocar rabeca? Vamos dizer isso a João de Araújo Correia?

UM LIVRO EXTRAORDINÁRIO

Finalmente, através da edição acessível do Pub. Europa-América, dispus-me a ler os *Cem Anos de Solidão* do colombiano José García Márquez. Um livro extraordinário, na verdade, em que o fantástico, através da linguagem que o diz, se insere na tessitura de um «real» e lhe retira a representação morovalente com que nos habituáramos a lê-lo. Um livro que é uma aventura permanente e que o leitor decerto vai gostar de percorrer. Eis como dela fala o seu próprio autor: «escreveram-se toneladas e toneladas de papel, disseram-se coisas absurdas, coisas importantes, coisas transcendentes, mas ninguém tocou o ponto que a mim mais me interessava ao escrever o livro, que é a ideia de que a solidão é o contrário da solidariedade. Creio que é essa a essência do livro. Isso explica as frustrações dos Buendia, um por um: a frustração do seu meio, a frustração de Macondo. E eu creio que aqui há um conceito político: a solidão considerada como a negação da solidariedade é um conceito político. É um conceito político importante. Isso ninguém o viu, ou pelo menos ninguém o disse».

Cem anos de solidão; cem anos de ausência de solidariedade; cem anos de revoluções frustradas como as do coronel Aureliano Buendia.

NELSON DE MATOS